

UNIVERSIDADE FEDERAL DE PELOTAS
Programa de Pós-Graduação em Educação
Doutorado em Educação



Tese

SONHOS E ESCRITA DE PESQUISA: Por uma Pedagogia da Trama

Linha de Pesquisa:

**EPISTEMOLOGIAS DESCOLONIAIS, EDUCAÇÃO TRANSGRESSORA E
PRÁTICAS DE TRANSFORMAÇÃO**

TATIANI MÜLLER KOHLS

Pelotas, 2023.

Tatiani Müller Kohls

Sonhos e escrita de pesquisa: Por uma Pedagogia da Trama

Tese apresentada no Curso de Doutorado no Programa de Pós-Graduação em Educação, da Faculdade de Educação da Universidade Federal de Pelotas, na Linha de Pesquisa Epistemologias descoloniais, educação transgressora e práticas de transformação, como requisito parcial para a obtenção do título de Doutor em Educação.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Denise Marcos Bussoletti

Pelotas, 2023.

Universidade Federal de Pelotas / Sistema de Bibliotecas
Catalogação na Publicação

K79s Kohls, Tatiani Müller

Sonhos e escrita de pesquisa : por uma pedagogia da
trama / Tatiani Müller Kohls ; Denise Marcos Bussoletti,
orientadora. — Pelotas, 2023.

145 f. : il.

Tese (Doutorado) — Programa de Pós-Graduação em
Educação, Faculdade de Educação, Universidade Federal de
Pelotas, 2023.

1. Sonhos. 2. Pedagogia da trama. 3. Poética. 4. Escrita
de pesquisa. I. Bussoletti, Denise Marcos, orient. II. Título.

CDD : 370

Elaborada por Michele Lavadouro da Silva CRB: 10/2502

BANCA EXAMINADORA:

Prof.^a Dr^a. Denise Marcos Bussoletti
Orientadora
Universidade Federal de Pelotas - PPGE

Prof.^a Dr^a. Aline Accorssi
Banca examinadora
Universidade Federal de Pelotas - PPGE

Prof.^a Dr^a. Rosária Ilgenfritz Sperotto
Banca examinadora
Universidade Federal de Pelotas – PPGEMAT e PPGECM

Prof.^a Dr^a. Lori Altmann
Banca examinadora
Universidade Federal de Pelotas – PPGAnt

Dr^a. Angelita Soares Ribeiro
Banca examinadora
Instituto Federal Sul-Rio-Grandense – CAVG

RESUMO

KOHLS, Tatiani Müller. **Sonhos e escrita de pesquisa: Por uma Pedagogia da Trama.** 2023. 147 f. Tese (Doutorado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Faculdade de Educação, Universidade Federal de Pelotas, Pelotas, 2023.

O objetivo deste trabalho é através dos sonhos, como alegoria, propor e ensaiar novas possibilidades de escrita e pesquisa no campo da Educação. Defendo uma escrita de pesquisa pelos sonhos, uma escrita poética, enquanto reencantamento ético e estético do mundo que se dá no entrecruzamento de memórias, saberes, conhecimentos, reflexões teóricas e metodológicas, e na luta contra o empobrecimento da experiência, a partir da perspectiva benjaminiana, no sentido da recuperação da força narrativa. Trabalho com a proposta metodológica da etnografia surrealista a partir das contribuições de James Clifford, e através das revisões e discussões propostas pelo Grupo Interdisciplinar de Pesquisa: Narrativas, Arte, Linguagem e Subjetividade (GIPNALS), vinculado a Universidade Federal de Pelotas. Opero através de um conjunto de fragmentos de sonhos reunidos através da minha experiência como educadora, na qual durante alguns anos coletei centenas de sonhos diurnos, de jovens da cidade de Pelotas/RS, através de uma experiência pedagógica específica: a construção de filtro dos sonhos. Nesse sentido, os sonhos são compreendidos como esperança a partir de Ernst Bloch. Através da escrita de pesquisa e dos sonhos escritos pelos jovens, as tramas são tecidas e os nós amarrados, e por meio da experimentação, do fazer artístico e educativo a Trama se coloca como um lugar de troca, aproximando o fazer educativo à vida e das nossas próprias histórias e narrativas, nesse sentido, proponho a Pedagogia da Trama como um lugar de novas e renovadas aspirações educativas possíveis.

Palavras-chaves: sonhos; Pedagogia da Trama; poética; escrita de pesquisa.

ABSTRACT

KOHLS, Tatiani Müller. **Dreams and research writing: For a Trama Pedagogy.** 2023. 147 f. Thesis (Doctorate in Education) – Graduate Program in Education, Faculty of Education, Federal University of Pelotas, Pelotas, 2023.

The objective of this work is through dreams, as an allegory, to propose and test new possibilities for writing and research in the field of Education. I defend a research writing for dreams, a poetic writing, as an ethical and aesthetic re-enchantment of the world, which takes place in the intersection of memories, knowledge, theoretical and methodological reflections, and in the fight against the impoverishment of experience from the benjaminian perspective, in the sense of recovering the narrative force. I work with the methodological proposal of surrealist ethnography from the contributions of James Clifford, and through the revisions and discussions proposed by the Interdisciplinary Research Group: Narratives, Art, Language and Subjectivity (GIPNALS), linked to the Federal University of Pelotas. I operate through a set of fragments of dreams gathered through my experience as an educator, in which during some years I collected hundreds of daydreams of young people from the city of Pelotas/RS, through a specific pedagogical experience: the construction of a dreamcatcher. In this way, dreams are understood as hope from Ernst Bloch. Through research and dreams written by young people, wefts are woven and knots are tied, and through experimentation, artistic and educational work, the Trama is placed as a place of exchange, bringing educational activities closer to life and our own stories and narratives, in this sense, I propose the Trama Pedagogy as a place of new and renewed possible educational aspirations.

Keywords: dreams; Trama Pedagogy; poetic; research writing.

LISTA DE IMAGENS

Imagen 1	Série Sonho Yanomami, 2002	11
Imagen 2	Série Sonho Yanomami, 2002	22
Imagen 3	Série Sonho Yanomami, 2002	33
Imagen 4	Série A casa, 1974-1976	44
Imagen 5	Série Sonho Yanomami, 2002	50
Imagen 6	Série Sonho Yanomami, 2002	66
Imagen 7	Série Sonho Yanomami, 2002	88
Imagen 8	Série Sonho Yanomami, 2002	93
Imagen 9	Série A casa, 1974-1976	110
Imagen 10	Série Seres da floresta, 1974	118
Imagen 11	Série Sonho Yanomami, 2002	125
Imagen 12	Série Seres da floresta, 1974	131
Imagen 13	Série Sonho Yanomami, 2002	134

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

ABNT	Associação Brasileira de Normas Técnicas
AMMSA	Aboriginal Multi-Media Society of Alberta
CAPES	Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior
FaE	Faculdade de Educação
FUNAI	Fundação Nacional dos Povos Indígenas
GIPNALS	Grupo Interdisciplinar de Pesquisa: Narrativas, Arte, Linguagem e Subjetividade
OMS	Organização Mundial de Saúde
PPGE	Programa de Pós-Graduação em Educação
UFPel	Universidade Federal de Pelotas

Sumário

Janelas sobre os sonhos	12
Uma trama escrita pela experiência e pelo aprendizado de olhar	23
O surrealismo como fio para um reencantamento do mundo.....	34
Por entre sonhos e tramas	45
A arte de tecer.....	51
Outras Pedagogias são possíveis?	58
A(cerca) dos sonhos.....	67
A arte de sonhar está em vias de extinção? Experiência e juventude em Walter Benjamin ...	81
Uma re-escrita da história.....	89
Os sonhos como esperança	94
Filtrando sonhos	101
Raízes	111
Vento	119
Um outro mundo	126
Sonho de ser sonho	132
Por uma Pedagogia da Trama	135
Referências	139

Os sonhos anunciam outra realidade possível,
e os delírios, outra razão¹.

¹ GALEANO, Eduardo. **O livro dos abraços**. Porto Alegre: L&PM, 2013. (p. 123).

Janela sobre o sonho

Pela fresta a luz passa

E o vento carrega os sonhos

O filtro dos sonhos entra em ação

E a trama captura os sonhos que pedem para serem sonhados.²

² KOHLS, Tatiani Müller. Caderno de campo. Escrito em uma tarde de verão, 2023.



ANDUJAR, Claudia. Série Sonho Yanomami, 2022.

JANELAS SOBRE OS SONHOS

Durante minha formação como pesquisadora em Educação, fui aos poucos percebendo, da força das palavras, palavras como as de Galeano, que não são somente epígrafe e fio narrativo deste texto, como o são de parte fundamental e importante de meu processo de formação acadêmica e de vida. Foi através da literatura de Eduardo Galeano que eu aprendi, e sigo aprendendo, que nos confrontos entre a realidade e os sonhos, as palavras podem ser também janelas, assim como podem ser fresta, vento e tramas.

Foi e é, assim, então, que diante dos limites das palavras e da necessidade pedagógica e política de enfrentar o espaço vazio dos textos e da escrita acadêmica que esta tese se constitui como exercício da procura pela experimentação de uma perspectiva de conhecimento que atenta as necessidades da realidade social fosse, por sua vez, também expressão das singularidades que fazem da minha história, um motivo e uma possibilidade para o encontro de outras histórias, todas humanas, demasiadamente humanas, por favor.

Em busca dessa singular e coletiva autoria é que defendo e procuro articular, educação e processo criativo tendo como referência os sonhos⁴. Nesse sentido, por exemplo, é que se mostrarão algumas das escolhas que fazem parte da apresentação deste trabalho, como as imagens que desde as primeiras páginas são tramadas ao texto escrito e que foram tomadas de empréstimo da fotógrafa e artista Claudia Andujar⁵. As imagens, pela fotografia de Claudia, assim como a literatura de Galeano e alguns fragmentos de minha autoria, pretendem assim, também se constituir como um outro fio da trama narrativa pretendida. Ou, ainda, como uma forma de acessar através das imagens e da poética, os sonhos que a palavra não comporta,

⁴ Essas referências se deram a partir do meu processo de escrita e criação, tendo como base meu caderno de campo e articulação com a produção literária de Galeano e as fotografias de Claudia Andujar.

⁵ Claudia Andujar nasceu na Suíça e se naturalizou brasileira. Filha de pai judeu, e com a perseguição durante a Segunda Guerra Mundial, sua família se mudou para os Estados Unidos e posteriormente para o Brasil. O fio condutor de sua obra fotográfica tem sido o modo de vida e as tradições Yanomami.

imagens, assim, que buscam se apresentar como fios, ou como vias, e aos processos abertos como convites, como janelas abertas por onde os sonhos se movem.

A obra de Andujar busca tornar visível o invisível e mostrar a forma como a expressão onírica, através das coisas e dos sonhos podem se revelar aos nossos olhos, como janelas abertas. Janelas que se inicialmente foram abertas por Galeano hoje fazem parte deste convite aos lugares im/possíveis de olhar.

Como janelas sobre o sonho este estudo se propõe como uma, apensas uma, das muitas possibilidades de imersão pelos sonhos, tecidos como trama, na busca de uma Outra pedagogia possível. Em outras palavras o objetivo desta tese é: **considerando o sonho, enquanto alegoria⁶, ensaiar novas formas de escrita e pesquisa na Educação, tomando a reflexividade⁷ como caminho de pesquisa, propondo a Pedagogia da Trama⁸ como um lugar de novas e renovadas aspirações educativas possíveis.** O objeto de pesquisa se concentra, pois, na **escrita de pesquisa, na reflexividade e nos sonhos da juventude, através de uma experiência pedagógica específica (filtro dos sonhos)**. A questão de pesquisa que movimenta este trabalho é: **Quais são as tramas possíveis entre a escrita de pesquisa e os sonhos escritos pelos jovens através da experiência de produção dos filtros dos sonhos?** E como tese, proponho: **uma Pedagogia da Trama que na perspectiva defendida se estabelece por entre os Nós⁹ da escrita e os sonhos da juventude.**

Os sonhos neste trabalho são importantes pontos de articulação e reflexão, são os nós centrais que amarram nos fios que tecem essa escrita. São sonhos, que se mostram como um lugar de esperança, assim como propõe Ernest Bloch¹⁰, e através de um processo alegórico, no sentido sugerido por Walter Benjamin¹¹.

Antes de seguir pelas tramas percorridas nesta pesquisa, gostaria de continuar a expor o processo de composição desta tese, agora como se fosse um breve manual, ou conjunto de indicações, que pretendem auxiliar, de forma simplificada, a leitura do texto que virá a seguir.

⁶ “Etimologicamente, alegoria deriva de *allos*, outro, e *agoreuein*, falar no agora, usar uma linguagem pública. Falar alegoricamente significa, pelo uso de uma linguagem literal, acessível a todos, remeter a outro nível de significação: dizer uma coisa para significar outra” (ROUANET, 1984, p. 37).

⁷ Processo de articulação e reflexão da pesquisadora com seu campo de pesquisa (AMORIM, 2004).

⁸ O conceito de Trama é defendido por Canal (2011) e será desenvolvido posteriormente.

⁹ Nós, escrito em letra inicial maiúscula se refere ao processos de escrita e criação que compõe o texto.

¹⁰ BLOCH, Ernst. **O princípio esperança**. Rio de Janeiro: EdUERJ: Contraponto, 2005. V.I.

¹¹ BENJAMIN, Walter. **Passagens**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2018.

Saliento que o conjunto de escolhas para essa escrita e composição textual que se aliam ao processo criativo e a busca de autoria na escrita de pesquisa segue a perspectiva que já vem sendo defendida pelo Grupo Interdisciplinar de Pesquisa: Narrativas, Arte, Linguagem e Subjetividade (GIPNALS), vinculado a Faculdade de Educação (FaE) da Universidade Federal de Pelotas (UFPel), do qual faço parte, e que toma a etnografia surrealista¹² como uma forma de abordagem em suas pesquisas¹³.

Neste sentido, é que acredito que algumas amarracões prévias são necessárias a leitura, pois: *Não há nada de especial em não nos orientarmos numa cidade. Mas perdermo-nos numa cidade, como nos perdermos numa floresta, é coisa que se precisa de se aprender*¹⁴. Perder-se por essa escrita requer algumas instruções, entre estas, uma aproximação, repetida ou primeira com alguns dos seguintes termos parece importante que sejam reafirmadas:

Citação: A citação ocupará um lugar de destaque no texto e não seguirei as normas de citação da Associação Brasileira de Normas Técnicas (ABNT). Sempre que achar necessário para a fluidez do texto a citação aparecerá dessa forma: incorporada ao texto e com a inclinação da fonte (recurso itálico), e as referências serão inseridas em nota de rodapé, aportada em Benjamin, que ressalta: *Este trabalho deve desenvolver ao máximo a arte de citar sem usar aspas. Sua teoria está intimamente ligada à da montagem*¹⁵. Desse modo as citações buscam se mostrar e chegam sem aviso prévio, de supetão, *como salteadores à beira da estrada*¹⁶.

Fragmentos: Partindo de uma perspectiva benjaminiana, essa escrita de pesquisa será organizada por fragmentos. *O valor dos fragmentos de pensamento é tanto mais decisivo quanto menos imediata é a sua relação com a concepção de fundo, e desse valor depende o fulgor da representação, na mesma medida em que o do mosaico depende da qualidade da pasta de vidro*¹⁷. Sobre os fragmentos, Benjamin aponta que: *Para que a verdade seja representada*

¹² Conceito articulado por Clifford (2008) e será abordada posteriormente.

¹³ Para outras pesquisas que seguem esta composição ver: Bussolletti (2007); Costa (2014); Duarte (2017), Martins (2018), Kohls (2018); Vargas (2018), Ribeiro (2018); Fagúndez (2019); Silva (2019a); Fonseca (2019); Martins (2022).

¹⁴ BENJMANIN, Walter. **Rua de mão única. Infância berlinense: 1900**. Belo Horizonte: Autêntica, 2013b. (p. 78).

¹⁵ BENJAMIN, Walter. **Passagens**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2018. (p.761 [N 1, 3]).

¹⁶ BENJMANIN, Walter. **Rua de mão única. Infância berlinense: 1900**. Belo Horizonte: Autêntica, 2013b. (p. 57).

¹⁷ BENJAMIN, Walter. **Origem do drama trágico alemão**. 2^a Ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2013a. (p. 17).

como unidade e singularidade não é de modo algum necessária a conexão dedutiva cerrada da ciência. E, no entanto, essa total ausência de lacunas é precisamente a única forma pela qual a lógica do sistema se relaciona com o pensamento da verdade¹⁸. Desse modo, essa escolha faz parte do método de escrita e processo criativo. Essa escrita pede para ser lida como uma trama e esses fragmentos, ao final, irão compor o todo desta tese e buscam ser compreendidos em sua totalidade.

Poética: A poética segue como uma perspectiva estética, tal qual defendido por Bussoletti: a poética não é só *uma questão de estilo e de escrita em pesquisa, inscreve-se num movimento que é característico da reflexão da modernidade*¹⁹. Pela poética, através de um comprometimento ético e estético, busco uma linguagem possível que de conta de expressar o que os sonhos aqui tendem a mostrar: *Isto significa dizer que o texto que virá a seguir refletirá o paradoxo inerente a tal perspectiva, onde nem tudo pode ser dito, ou estar restrito a categorias e conceitos explícitos através da escrita “racionalista”. Enfrenta algo poderoso, que é da ordem complexa da linguagem e que autores como Wittgenstein (1989) postulam como sendo o seu limite, ou seja, o dilema diante das coisas que têm realmente importância e que, no entanto, são inexpressáveis. Sendo inexpressáveis, e nisto reside o seu paradoxo, a imaginação criadora, através da imagem poética só se permite ser “mostrada”. O que pretendemos assim, através deste texto, é uma tentativa de apenas “mostrar” (mais do que demonstrar) um dos caminhos por onde a imaginação criadora se possibilita no contexto da escrita de pesquisa em educação*²⁰.

Surrealismo: Por meio dessa relação ética e estética, e na tentativa de uma ruptura e uma escrita que se faz a partir de fragmentos, parto também da perspectiva surrealista na relação com a escrita de pesquisa. O surrealismo, através do choque e da ruptura, permite que um novo olhar seja posto sobre a construção do conhecimento. Dentro da *racionalidade limitada*, como exposto por Michael Löwy²¹, o surrealismo surge como uma possibilidade de reascender a magia, a utopia, o sonho, e revelar a potência da imaginação e da criação.

¹⁸ Ibidem (p. 21).

¹⁹ BUSSOLETTI, Denise Marcos. À deriva: infância, escrita e pesquisa. **Polêm!ca Revista Eletrônica**, Rio de Janeiro, v. 10, n. 2, p. 278-287, 2011. (p. 285).

²⁰ BUSSOLETTI, Denise Marcos. O “nó cristalográfico” da imaginação criadora: escrita de pesquisa, surrealismo e representações sociais. **Revista Ibero-americana de Educação**, V. 57, n. 1, p. 01-09, 2011. (p. 02).

²¹ LÖWY, Michael. **A estrela da manhã: surrealismo e marxismo**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2002.

Montagem: A montagem se faz como um caminho possível para que eu possa transitar pela escrita e pela poética, e será utilizado como forma de tramar e arramar o texto. Nesse processo, utilizarei farrapos, restos, memórias e todos os resíduos que julgar necessário para esta composição... *Dizer algo sobre o próprio método da composição: como tudo em que estamos pensando durante um trabalho do qual estamos imersos deve ser-lhe incorporado a qualquer preço. Seja pelo fato de que sua intensidade aí se manifesta, seja porque os pensamentos de antemão carregam consigo um télos em relação a esse trabalho. É o caso deste projeto, que deve caracterizar e preservar os intervalos da reflexão, os espaços entre as partes mais essenciais deste trabalho, voltadas com a máxima intensidade para fora*²².

Constelação: A constelação em Benjamin é uma acepção epistemológico-crítica em sua filosofia: *Por “constelação”, Benjamin designava a relação entre os componentes – as estrelas – de um conjunto – as linhas imaginárias que desenham um agrupamento constelar –, relação essa que se define não apenas pela proximidade entre as estrelas, mas também pela possibilidade de significado que o conjunto adquire, o sentido que lhe pode ser atribuído. A constelação é uma imagem na qual cada estrela, um singular, marca um extremo de linha que a liga a outra estrela, outro extremo singular. Nesse traçado de linhas imaginárias que delimita uma forma, uma configuração, não há um centro – com o que, tem-se, no centro da constelação sempre está o vazio. Essa imagem benjaminiana é bastante profícua quando se trata de imaginar um caminho ou a construção mesma do pensamento*²³. Nessa perspectiva, a constelação é um caminho de articulação, onde a escrita em fragmentos possibilita várias combinações entre si, como as estrelas, mas que ao final se completam, formando uma constelação.

Janelas: Pelas janelas, busco uma escrita que se dá no entrecruzamento de memórias, saberes, conhecimentos, reflexões teóricas e metodológicas, onde todas essas vozes se encontram formando uma trama. Nesse sentido, textos que escrevi durante essa trajetória de doutoramento serão inseridos nesta escrita como um exercício na busca de uma escrita autoral, e muitas vezes, como forma de refletir sobre os caminhos tomados nesta pesquisa. Assim, frases ou pequenos fragmentos de minha autoria serão inseridos no texto em páginas separadas com o fundo preto, sempre tendo a última linha da página como limite para a produção textual apresentada, e alinhada à direita, como já apresentado no fragmento anterior, *Janela sobre o*

²² BENJAMIN, Walter. **Passagens**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2018. [N 1, 3]. (p.759-760).

²³ VELLOSO, Rita. Pensar por constelações. In: JACQUES, P. B.; PEREIRA, M. S. **Nebulosas do pensamento urbanístico** - Tomo I. Salvador: EDUFBA, p. 101- 121, 2018. (p. 101-102).

sonho. As produções literárias de Eduardo Galeano, que me acompanha nessa escrita e me ajuda a olhar e a contar essa história, e as fotografias da artista Claudia Andujar também serão apresentadas nesse formato.

Imagens: Walter Benjamin denomina de fisiognomia, a arte de escrever a história através de imagens, pois, *a imagem possibilita o acesso a um saber arcaico e a formas primitivas de conhecimento, às quais a literatura sempre esteve ligada, em virtude de sua qualidade mítica e mágica. Por meio de imagens – no limiar entre a consciência e o inconsciente – é possível ler a mentalidade de uma época. É essa leitura que se propõe Benjamin enquanto historiógrafo. Partindo da superfície, da epiderme de sua época, ele atribui à fisiognomia das cidades, à cultura do cotidiano, às imagens do desejo e fantasmagorias, aos resíduos e materiais aparentemente insignificantes a mesma importância das “grandes idéias” e às obras de arte consagradas. Decifrar todas aquelas imagens e expressá-las em imagens “dialéticas” coincide, para ele, com a produção de conhecimento da história*²⁴. É buscando alcançar esta dimensão que as fotografias da artista Claudia Andujar irão acompanhar a escrita e a leitura desse texto, como trama. Escolhi algumas imagens que fazem parte das exposições da artista, entre estas, as intituladas Sonhos Yanomami (2002), Seres da Floresta (1974) e a Casa (1974-1976). A escolha da artista se deu pela força da recepção estética que o seu trabalho causa, pelo compromisso, também militante de suas imagens, como artista que relaciona sua prática criativa com o ativismo em defesa dos Yanomamis. Ou ainda pelo choque que suas fotografias causam, quando mostram outras realidades que não as consagradas e/ou vendidas como imagens indígenas, imagens que se revelam aos nossos olhos, assim como num sonho, ou através do efeito onírico que a artista busca expressar em sua obra, presente em trabalhos como na exposição Sonhos Yanomami que é composta por fotografias da década de 1970 e 1980. Em sua obra, *percebe-se a tentativa de desdobrar a realidade através do recurso de sobreposição de negativos, gerando efeitos oníricos e de transe, fundamentais na experiência yanomami mas pouco utilizados nos registros de povos indígenas*²⁵. As fotografias de Andujar retratam o cotidiano do povo Yanomami e buscam transmitir, de forma mais complexa, a relação do povo Yanomami com o mundo xamânico e onírico. *Raios de luz iluminam o telhado de palha do yano. Um jovem se reclina envolto em fumaça. Um telhado feito de folhas de*

²⁴ BOLLE, Willi. Fisionognomia da Metrópole Moderna: Representação da História em Walter Benjamin. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo. 2000. (p.43).

²⁵ USINA. **Sonhos Yanomami**. Claudia Andujar. Online. Disponível em: <<https://revistausina.com/2022/12/12/claudia-andujar/>>; Acesso em 02 mar. 2023.

palmeira brilha como o céu estrelado. As cenas do dia a dia são representadas de maneiras que transcendem a realidade. Andujar se esforça para tornar visível um mundo invisível, como se a fotografia pudesse oferecer um reflexo metafísico da visão de mundo Yanomami²⁶. Cabe ainda apontar que tradicionalmente, os Yanomami relutam em ser fotografados por temerem que, se um vestígio deles permanecer no mundo físico após sua morte, seu espírito não ascenderá totalmente ao céu. Apesar de suas crenças, os Yanomami concordaram com a preservação e exibição da obra de Andujar, pois isso ajuda a conscientizar sua cultura e a ajudar na campanha contra a destruição de seu povo e terras²⁷.

Portanto, tomo a ideia da abertura de uma janela, uma pequena ruptura no texto, onde essas criações serão incorporadas ao texto, como forma de mostrar, dizer e refletir sobre o processo de pesquisa. Esse espaço vazio, que surge tanto com a abertura de uma janela, ou como na própria trama do filtro dos sonhos²⁸, que possui os espaços vazios para se formar, é por onde se movem os sonhos. Ou melhor, por Bloch: *o que caracteriza o amplo espaço da vida ainda aberta e ainda incerta do ser humano é a possibilidade de assim velejar em sonhos, que são possíveis sonhos diurnos, muitas vezes do tipo totalmente sem base na realidade. O ser humano fabula desejos [...] Não obstante, a existência humana possui um ser mais em fermentação, mais alvoreacente na sua borda e orla superior. É como se aqui algo tivesse ficado oco, um novo espaço vazio acabado de surgir. É nele que se movem os sonhos, e no seu interior circula o possível [...]*²⁹.

Os sonhos são um tema que permeia minha criação, pelo artesanato e pela escrita, e esse processo, obviamente também se faz presente nesta escrita de pesquisa. Assim, pelas janelas que se entrelaçam encontro a possibilidade de pensar o sonho como processo criativo e de incorporar ao texto minhas e outras criações, que tomam o sonho como um elemento de reflexão. As escolhas dos fios que fazem parte dessa trama se deram no sentido de estar e procurar ser o mais fiel possível aos processos metodológicos e as reflexões teóricas que me acompanharam durante o processo de pesquisa. Não estão aqui como ilustração, ou por mero acaso, elas fazem parte de um roteiro tomado por desvios que constituem esse texto-trama e essa escrita que se apresenta pelos sonhos. Esses tantos *Outros* que me compõem, me fazem

²⁶ NOGUEIRA, Thyago. Claudia Andujar. **Das Artes**. Online. 2023. Disponível em: <<https://dasartes.com.br/materias/claudia-andujar/>>; Acesso em 02 mar. de 2023.

²⁷ Ibidem.

²⁸ A experiência pedagógica de construção de filtro dos sonhos será explicada posteriormente.

²⁹ BLOCH, Ernst. **O princípio esperança**. Rio de Janeiro: EdUERJ: Contraponto, 2005. V.I. (p. 194).

mergulhar, não só no país do Outro, como dito por Amorim³⁰, mas também naquilo que reflete em mim. Assim, pelo espaço vazio da trama, os sonhos se movem e construo um fluxo narrativo, a partir de diferentes referências e que surgirão sem aviso prévio, serão como um suspiro ou um choque, uma janela que se abre, para que algo possa por ali passar e se revelar.

Do singular ao plural: Saliento que essa escrita de pesquisa perpassa o tempo e oscila entre passado, presente e futuro, vai e volta e se repete, é uma escrita viva e circular. Penso que esse movimento vá ficar mais claro ao longo desse processo, por enquanto digo que escreverei às vezes em 1^a pessoa do singular, me colocando no texto e marcando experiências e memórias que são minhas, e em outras vezes na 3^a pessoa do plural, compreendendo que às vezes essas experiências se constituem com o nós... nós educadores, nós pesquisadores, e os nós da trama...

A escrita de pesquisa assume um lugar importante nessa tese, como processo de reflexão. Por escrita de pesquisa, comprehendo essa escrita que se faz a partir do outro, da construção de conhecimento que surge a partir de trocas, das experiências, das reflexões teóricas e metodológicas que se alinharam nessa pesquisa, partindo das contribuições de Amorim, na qual a escrita é formulada através da alteridade, na vivência em campo e no diálogo com o Outro. Nesse sentido, essa escrita se forma como uma escrita tecida em trama. Assim, parto de uma perspectiva de escrita de pesquisa como processo de reflexividade e de alteridade. Marilia Amorim diz que: *toda pesquisa começa depois do fim [...] é impossível saber quando e onde começa o processo de reflexão*³¹. Eu costumo dizer que não existe um início e nem um fim, e sim uma trama. Trama de palavras que se encaixam para que se possa contar uma história. Uma trama que se desvenda aos poucos, e que é articulada fio a fio, como o fazer artesanal indica.

Percebo que, assim como Clarice, também necessito *dos outros para me manter de pé*³², pois não dou conta de seguir por esse caminho sozinha. Assim, todo este trabalho, se faz por entre trocas e imersões no outro... nesse outro e outros que me atravessam, sejam em palavras, em olhares ou em pensamento. Esses outros compõem os pedaços que em mim faltam. Eles me dão pistas, e às vezes, lhes roubo as palavras que me faltam... é que elas, as palavras, se encaixam em perfeita sintonia com aquilo que queria dizer, mas por hora, não encontrava. Ou como descreve Galeano em A casa das palavras: *as palavras, guardadas em velhos frascos de*

³⁰ AMORIM, Marilia. **O pesquisador e seu outro**: Bakhtin nas Ciências Humanas. São Paulo: Musa Editora, 2004.

³¹ AMORIM, Marilia. **O pesquisador e seu outro**: Bakhtin nas Ciências Humanas. São Paulo: Musa Editora, 2004. (p. 11).

³² LISPECTOR, Clarice. **Um sopro de vida**. Rio de Janeiro: Rocco, 1999. (p. 09).

*cristal, esperavam pelos poetas e se ofereciam, loucas de vontade de ser escolhidas: elas rogavam aos poetas que as olhassem, as cheirassem, as tocassem, as provassem [...]. Os poetas andavam em busca de palavras que não conheciam, e também buscavam palavras que conheciam e tinham perdido*³³. Minha escrita é uma criação tecida como trama. Desse modo, busco um fluxo narrativo que toma os sonhos como caminho, mergulho pela literatura e pela poética, na busca de palavras que possam me ajudar na construção desta escrita.

Neste sentido, em *Uma trama escrita pela experiência e pelo aprendizado de olhar*, procuro localizar através da minha trajetória, o surgimento e as amarras daquilo que se transforma em questão de pesquisa.

Em *O surrealismo como fio para um reencantamento do mundo*, abordo uma discussão da estética surrealista e da surrealização da escrita de pesquisa, juntamente com alguns pressupostos de Walter Benjamin.

Em *Por entre sonhos e tramas*, procuro mostrar como se deu a filtragem dos sonhos que serão trabalhados nesta pesquisa, bem como, minha experiência em sala de aula, através de experimentações, e como a Trama pode se mostrar como uma possibilidade de resgate da experiência.

Em *A arte de tecer*, exploro a mitologia por trás do filtro dos sonhos e como as narrativas, os saberes e as experiências podem ser compartilhados em diferentes espaços que tomam a tecelagem e as produções manuais como espaço de troca.

Em *Outras pedagogias são possíveis?*, abordo o conceito de Outras pedagogias a partir de Miguel Arroyo e algumas reflexões em torno da educação e do sonho a partir de Paulo Freire.

Em *A(cerca) dos sonhos*, abordo os sonhos pela cosmovisão de alguns povos indígenas.

Em *A arte de sonhar está em vias de extinção? Experiência e juventude em Walter Benjamin*, exponho o conceito de experiência, que com o avanço da sociedade moderna teve seu declínio, e como Benjamin se refere a juventude. Discuto ainda se o sonho também perdeu seu lugar de importância dentro de nossa sociedade – ocidental e capitalista, e como a juventude, através de seus sonhos, que visam a transformação da sociedade, pode se colocar como um lugar de reencantamento do mundo.

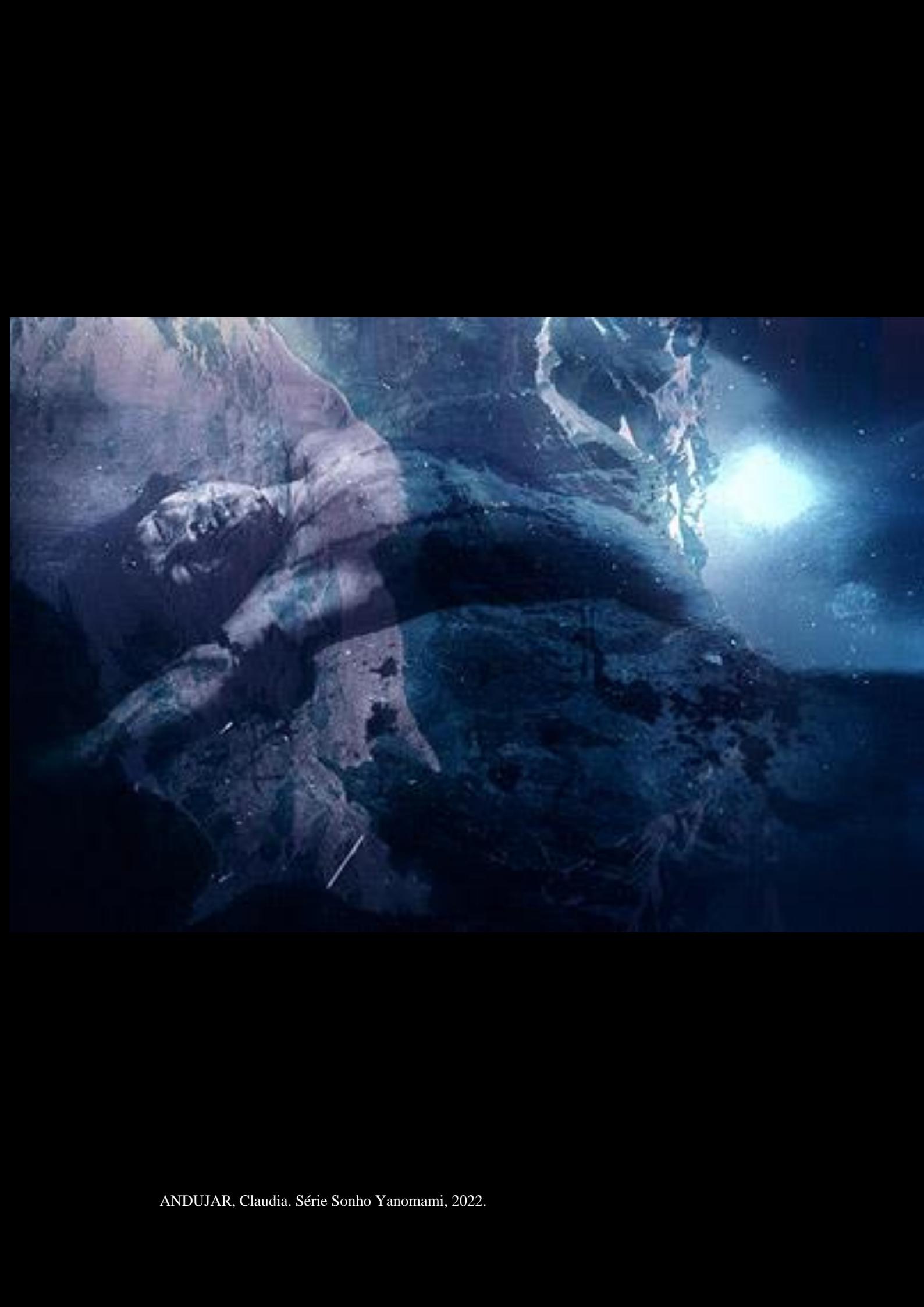
³³ GALEANO, Eduardo. **O livro dos abraços**. Porto Alegre: L&PM, 2013. (p. 19).

Em *Uma re-escrita da história*, apresento algumas contribuições em torno da re-escrita da história, tal qual propõe Walter Benjamin.

Em *O sonho como esperança*, exponho o sonho como esperança a partir de Ernst Bloch, e como através do sonho diurno pode-se moldar, articular e crias novas possibilidades de futuro. Apresento ainda, algumas ideias sobre a juventude e como os sonhos de melhoria do mundo podem se apresentar através de um viés revolucionário.

Em *Filtrando sonhos*, abordo a inspiração benjaminiana para a composição de como os sonhos serão apresentados nesta tese, a partir da ideia do colecionador, bem como, o sonho e o despertar em Walter Benjamin. E a seguir, os sonhos filtrados durante minha jornada como educadora, se mostram em quatro movimentos: *Raízes, Vento, Um outro mundo e Sonho de ser sonho*.

Ao final, *O vento e os sonhos que ainda circulam pelo ar*, se propõe a expor as considerações finais dessa pesquisa. Sendo que, a imagem da trama é o movimento que percorre todos os espaços dessa escrita de pesquisa, ou seja, a trama é o processo de articulação de toda a pesquisa... e assim, pelos sonhos e pelos Nós como pontos de articulação, uma Outra pedagogia se revela...



ANDUJAR, Claudia. Série Sonho Yanomami, 2022.

UMA TRAMA ESCRITA PELA EXPERIÊNCIA E PELO APRENDIZADO DE OLHAR

Seguindo para o processo de construção dessa pesquisa, digo que essa tese é escrita a partir das minhas experiências, possuindo os sonhos (alegoricamente) como fio narrativo, ou melhor, como nós que se amarram e se entrelaçam nos fios que tecem essa escrita. Essa pesquisa surge de alguns movimentos que se tramam durante minha jornada acadêmica, primeiro, como continuidade dos meus estudos de mestrado no Programa de Pós-Graduação em Educação (PPGE), da Universidade Federal de Pelotas (UFPel), no qual desenvolvi uma pesquisa intitulada *Tramando Sonhos: representações e infâncias*³⁵, que buscou olhar para as representações das infâncias a partir do sonho, como um lugar reflexivo e de esperança, revelando as formas que as crianças possuem de ver o mundo. Durante a pesquisa de mestrado em Educação pude me aproximar de conceitos e ideias que também compõem essa tese, como uma escrita de pesquisa movida pelas tramas e nós e pela estética surrealista. Tratei a escrita do texto como uma trama, que aos poucos vai se revelando *nos títulos, nas linhas e entrelinhas e nesse processo cada nó me levará ao próximo nó, buscando conquistar uma nova trama ao final*³⁶. A partir dos Nós, como processo de criação, busquei *expressar as minhas representações dos sonhos e do filtro dos sonhos como um exercício de liberdade e de criação na escrita de pesquisa nos marcos daquilo que buscará se aproximar da escrita poética e da estética surrealista*³⁷.

O segundo movimento se dá a partir da minha vinculação ao Grupo Interdisciplinar de Pesquisa: Narrativas, Arte, Linguagem e Subjetividade (GIPNALS), no qual tive a

³⁵ KOHLS, Tatiani Müller. **Tramando sonhos: infâncias e representações**. 2018, 133 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Programa de Pós Graduação em Educação, Universidade Federal de Pelotas.

³⁶ Ibidem (p. 11).

³⁷ Ibidem (p. 15).

possibilidade de aliar pesquisa e intervenção utilizando a experimentação artística como modo de educar, o que possibilitou a criação de um projeto de extensão denominado Dicionário dos Sonhos. O projeto Dicionário dos Sonhos³⁸ se constituiu como uma forma de estimular a reflexão sobre a cultura das infâncias a partir do sonho diurno³⁹, visando a busca de uma experiência poética⁴⁰ que as infâncias podem nos proporcionar e o olhar crítico voltado para a nossa cultura e sociedade⁴¹.

Inquieta, na busca de outros trabalhos que pudessem se aproximar dessa ideia, de tomar os sonhos como fio narrativo para contar uma história, me deparei com outras propostas, como o curta metragem *Sentimentário*⁴², onde uma criança apresenta sua visão sobre o mundo a partir dos sentimentos que possui. E ainda, os livros de Javier Naranjo: *Casa das Estrelas: O universo contado pelas crianças* e *Los niños piensan la paz*, na qual, as crianças colombianas, através de suas narrativas, se expressam e relevam aspectos sociais e culturais do contexto em que estão inseridas, relevando um jeito único de se ver o mundo, um jeito poético e cheio de magia, e também, em alguns momentos, suas narrativas surgem como denúncia de uma realidade excludente e por vezes cruel. Confesso que os livros de Naranjo foram de fundamental importância para que eu pudesse pensar e articular pesquisas que tomassem os sonhos como um viés de estudo dentro do campo da Educação. Me questionava sobre o que as crianças, jovens e adultos responderiam se eu perguntasse: Qual teu sonho?

³⁸ Dentro do projeto Dicionário dos Sonhos, a ideia de dicionário se constitui como uma subversão ao conceito usual de dicionário, aquele que visa explicar o significado de algo, sendo que esse formato de dicionário não daria conta para expressar a busca narrativa e a reflexão a qual o projeto se propunha. Mesmo assim, utilizo o termo dicionário como uma forma de rompimento com os moldes que conhecemos.

³⁹ Hoje percebo a extensão desse projeto para além das infâncias, como forma de pensar nossa sociedade e cultura de forma mais ampla.

⁴⁰ A experiência poética pode ser entendida a partir de Bussoletti (2007), que através das gramáticas das culturas das infâncias, concebe a poética como um eixo tradutor da cultura das infâncias.

⁴¹ As crianças, conforme Benjamin (2013b, 2018) seriam aquelas que poderiam decifrar o rosto do mundo das coisas. “As crianças gostam muito particularmente de procurar aqueles lugares de trabalho onde visivelmente se manipulam coisas. Sentem-se irresistivelmente atraídas pelos desperdícios que ficam do trabalho da construção, da jardinagem ou das tarefas domésticas, da costura ou da marcenaria. Nesses desperdícios reconhecem o rosto que o mundo das coisas volta para elas, precisamente e apenas para elas. Com eles, não imitam as obras dos adultos, antes criam novas e súbitas relações entre materiais de tipos muito diversos, por meio daquilo que, brincando, com eles constroem. Com isso, as crianças criam elas mesmas o seu mundo de coisas, um pequeno mundo dentro do grande” (BENJAMIN, 2013b, p. 16). Quando as crianças apresentam um novo olhar sobre o mundo e questionam as certezas do mundo adulto, um mundo empobrecido pela perda da experiência (BENJAMIN, 1994), a infância então se coloca como um lugar crítico em relação a nossa cultura e sociedade.

⁴² MAZZILLI, Caio; ARAÚJO, Carolina. *Sentimentário*. YouTube. Produção de Caio Mazzilli e Carolina Araújo, 2014. Universidade Federal de Pelotas. Online. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=aibvzuELn18>>; Acesso em: 16 de mai. 2019.

No mestrado em Educação, as infâncias se tornaram esse lugar pelo qual pensei e articulei o sonho como forma de olhar para a sociedade, a educação e as práticas educativas. As crianças me apresentaram narrativas únicas, juntamente com os sonhos que carregam. Nesta tese, assumo a juventude como um lugar reflexivo. A juventude não será abordada a partir de um lugar cronológico, mas sim, dentro do pensamento benjaminiano, que toma a juventude como um lugar de expressão e experiência⁴³. Desse modo, a ideia de juventude será articulada juntamente ao conceito de experiência a partir das contribuições de Walter Benjamin.

Em minha dissertação de mestrado em Educação desenvolvi uma proposição artística que possuiu o filtro dos sonhos⁴⁴, objeto artesanal de origem indígena, como instrumento de aproximação das infâncias, que me permitiu acesso aos sonhos. Assim, percebi que a proposição artística de construção de filtro dos sonhos havia se consolidado como um espaço de troca e como um processo que me permitia a busca de evidenciar os conhecimentos que pudessem se afirmar de Outro lugar, apontando para a possibilidade de uma Outra pedagogia⁴⁵ que pudesse se revelar, tomando os sonhos como um lugar reflexivo.

O filtro dos sonhos me acompanha a muitos anos e primeiramente ele surgiu para mim como forma de artesanato⁴⁶, na qual, durante a graduação em Ciências Sociais⁴⁷ e no mestrado em Antropologia⁴⁸ e posteriormente no mestrado em Educação⁴⁹, se tornaram uma forma de renda extra para conseguir concluir meus estudos. Hoje, o filtro dos sonhos ocupa também um lugar de pesquisa, proposição artística e de reflexão acerca dos sonhos e da educação.

No decorrer dos anos de 2018 a 2020, durante minha trajetória como educadora e professora de Sociologia, comecei a incorporar as oficinas de criação de filtro dos sonhos em

⁴³ BENJAMIN, Walter. **Magia e técnica, arte e política**. Obras escolhidas V. 1. São Paulo: Brasiliense, 1994.

⁴⁴ “O filtro dos sonhos, também chamado de apanhador de sonhos, teia dos sonhos ou *dream catcher*, é um artefato de origem indígena norte-americana. Segundo a sabedoria popular, acredita-se que esse artefato pode separar as boas e más energias que circulam pela noite, fazendo com que somente os sonhos bons, carregados de mensagens importantes, passem pela teia” (KOHLS, 2018, p. 11). De acordo com Ribeiro (2019, p. 25), “várias culturas indígenas norte-americanas ainda fabricam o coletor de sonhos conhecido como *asabikeshiinh* (aranha na língua *ojibwe*), que consiste em uma rede amarrada num aro de salgueiro, decorada com penas, sementes e outros objetos mágicos. Muitas vezes o artefato é pendurado acima de uma criança dormindo como proteção capaz de capturar, tal qual teia de aranha, qualquer força maligna que possa causar pesadelos”. Um maior aprofundamento sobre o filtro dos sonhos será desenvolvido no decorrer do texto.

⁴⁵ ARROYO, Miguel G. **Outros Sujeitos, Outras Pedagogias**. Petrópolis: Vozes, 2012.

⁴⁶ Uma discussão sobre artesanato e filtro dos sonhos será feita nos próximos fragmentos.

⁴⁷ Universidade Federal de Pelotas, concluído em 2014.

⁴⁸ Programa de Pós Graduação em Antropologia, Universidade Federal de Pelotas, concluído em 2016.

⁴⁹ Programa de Pós Graduação em Educação, Universidade Federal de Pelotas, concluído em 2018.

minhas aulas, assim, filtrei⁵⁰ e guardei centenas de sonhos, rabiscados em pequenos pedaços de papel, de estudantes de uma escola pública de ensino médio de Pelotas/RS. Esses estudantes são jovens que possuem entre 15 a 22 anos de idade, e seus sonhos mostram a realidade que vivenciam dia a dia, suas aspirações e desejos. Esses sonhos chegaram a mim não com o intuito de realizar uma pesquisa e escrever uma tese, mas por meio dessas práticas já vinculadas ao meu processo enquanto educadora, ou seja, realizo essas oficinas em minhas aulas movida pela convicção de uma educação sensível e crítica que se estabeleça e se afirme a partir de Outros lugares, Outras narrativas e Outras pedagogias possíveis⁵¹. A oportunidade de escrever uma tese, me permitiu, durante esse processo, olhar e refletir sobre esses sonhos dos quais havia filtrado e guardado comigo.

Saliento ainda que inicialmente, a proposta de tese apresentada em meu ingresso no Programa de Pós Graduação em Educação (PPGE) visava uma pesquisa sobre os sonhos e a infâncias no campo, seguindo um movimento próximo daquilo que já havia defendido em minha dissertação de mestrado em Educação⁵². Diante as tramas da vida, e os acontecimentos do qual não podemos prever, essa pesquisa seguiu por caminhos diferentes daqueles traçados no momento do meu ingresso no PPGE. Primeiramente uma pandemia mundial que tem a Covid-19 como doença respiratória e infecciosa, caudada pela SARS-CoV-2, que surgiu no final de 2019 em Wuhan na China⁵³. A pandemia se alastrou pelo mundo todo, causando milhões de mortes, e tivemos que nos colocar em situação de isolamento social afim de conter a contaminação e evitar mortes recorrente da doença.

Quando comecei a esboçar as primeiras linhas dessa escrita, haviam cerca de 46 mil mortes decorrentes da Covid-19, e agora, quando essa escrita se encaminha para sua finalização, temos mais de 696 mil pessoas que perderam suas vidas⁵⁴. Mortes que poderiam ter sido

⁵⁰ A forma como se deu o desenvolvimento das oficinas, como “coletei” os sonhos, minha relação com o filtro dos sonhos, sua origem e mitologia, serão aprofundadas posteriormente.

⁵¹ ARROYO, Miguel G. **Outros Sujeitos, Outras Pedagogias**. Petrópolis: Vozes, 2012.

⁵² KOHLS, Tatiani Müller. **Tramando sonhos: infâncias e representações**. 2018, 133 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Programa de Pós Graduação em Educação, Universidade Federal de Pelotas.

⁵³ BRASIL. **Ministério da Saúde**. Secretaria de Atenção Primária à Saúde. Departamento de Ações Programáticas e Estratégicas. Manual de recomendações para a assistência à gestante e puérpera frente à pandemia de Covid-19 [recurso eletrônico]: Ministério da Saúde, Secretaria de Atenção Primária à Saúde, Departamento de Ações Programáticas e Estratégicas. – 2. ed. – Brasília: Ministério da Saúde, 2021. Disponível em: <https://bvsms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/manual_assistencia_gestante_puerpera_covid-19_2ed.pdf>; Acesso em 26 jan. 2023.

⁵⁴ Até esta data, 26/01/2023, 696. 603 óbitos confirmados em decorrência da Covid-19. BRASIL. **Painel coronavírus**. Online. Disponível em: <<https://covid.saude.gov.br/>>; Acesso em 26 jan. 2023.

evitadas com um plano eficaz de enfrentamento a pandemia. O cenário pandêmico afetou milhões de pessoas em todo o mundo. *Novas estimativas da Organização Mundial da Saúde (OMS) mostram que o número total de mortes associadas direta ou indiretamente à pandemia de COVID-19 (descrito como “excesso de mortalidade”) entre 1 de janeiro de 2020 e 31 de dezembro de 2021 foi de aproximadamente 14,9 milhões (intervalo de 13,3 milhões a 16,6 milhões)*⁵⁵.

Milhões de vidas foram perdidas e, apesar da flexibilização dos cuidados que dizem respeito a pandemia, seguimos, ainda em 2023, convivendo com o novo Coronavírus e suas variantes. *Em tempos de pandemia pela Covid-19, as contradições da política de negação de direitos se evidenciam. O bolsonarismo tem implementado como política oficial a necropolítica, que advém de um domínio autoritário de definir quem deve morrer e quem merece viver, aprofundando ainda mais a barbárie social contra a classe trabalhadora*⁵⁶. Enquanto isso, o ex-presidente, Jair Bolsonaro (2019-2022), colocou um sigilo de 100 anos sobre seu cartão de vacinação e de sua família⁵⁷, além de possuir um discurso antivacina e ter recusado, em seu governo, a compra de vacinas, disseminando ainda mais o contágio e as mortes pela Covid-19. *O governo brasileiro recusou onze ofertas formais de fornecimento de vacinas contra a Covid. O método do Ministério da Saúde para dizer não sempre foi o de ignorar as propostas. O número leva em conta apenas os episódios em que há comprovação documental da omissão governamental*⁵⁸.

Diante dessa catástrofe, *o futuro se transforma, de habitat natural de esperanças e expectativas legítimas, em local de pesadelos*⁵⁹. A necropolítica de Bolsonaro utiliza o Estado para subjugar qualquer possibilidade de vida ao poder da morte. Não se trata de ações desconexas, eventuais, pontuais ou excepcionais, trata-se, sim, de ações políticas que se transformaram em regra e não em exceção, que define quem importa e quem não tem

⁵⁵ OPAS. Excesso de mortalidade associado à pandemia de COVID-19 foi de 14,9 milhões em 2020 e 2021. Organização Pan-Americana de Saúde. Online. Disponível em: <<https://www.paho.org/pt/noticias/5-5-2022-excesso-mortalidade-associado-pandemia-covid-19-foi-149-milhoes-em-2020-e-2021>>; Acesso em 26 jan. 2023.

⁵⁶ CASTILHO, Daniela Ribeiro; LEMOS, Esther Luíza de Souza. Necropolítica e governo Jair Bolsonaro: repercussões naseguridade social brasileira. **Katál.**, Florianópolis, v.24, n. 2, p. 269-279, 2021. (p. 296).

⁵⁷ CARTA CAPITAL. Carteira de vacinação de Bolsonaro está sob sigilo por 100 anos. Online. Disponível em: <<https://www.cartacapital.com.br/cartaexpressa/carteira-de-vacinacao-de-bolsonaro-esta-sob-sigilo-por-100-anos/>>; Acesso em 26 jan. 2023.

⁵⁸ G1. CPI da Covid: Governo Bolsonaro recusou 11 vezes ofertas para compras de vacina. Online. Disponível em: <<https://g1.globo.com/politica/blog/octavio-guedes/post/2021/04/27/cpi-da-covid-governo-bolsonaro-recusou-11-vezes-ofertas-para-compras-de-vacina.ghtml>>; Acesso em 26 jan. 2023.

⁵⁹ BAUMAN, Zygmunt. **Retropópia**. Rio de Janeiro: Zahar, 2017. (p. 12).

*importância, quem é essencial e quem é descartável*⁶⁰. E assim, o governo bolsonarista transformou a vida de milhares de pessoas num pesadelo... só que nesse pesadelo, não tivemos a opção de acordar.

A quarentena no Brasil teve início em março de 2020 e pensamos que não passaria de algumas semanas. As escolas foram fechadas e as salas virtuais, na modalidade de ensino remoto, ganharam espaço na rotina de estudantes e professores⁶¹. Diante da crise que estávamos vivendo, não vi sentido em realizar oficinas de filtro dos sonhos de forma online, creio que nem seria possível diante sua complexidade. Desse modo, a ideia inicial de uma pesquisa com crianças camponesas precisou ser repensada e tomei caminhos que resultaram em uma pesquisa que se apresenta diferente da proposta inicial submetida ao PPGE, mas ainda seguindo pelos sonhos e operando pelas tramas e pela reflexividade na escrita de pesquisa, tomando agora, não mais a infância como inquietação de pesquisa, mas sim, assumindo os sonhos que se mostram através da juventude.

O segundo entrelaçamento que chegou de surpresa alguns meses após o início da pandemia do novo coronavírus, foi a maternidade. Diante as incertezas da pandemia, a crise sanitária que estávamos vivendo, e a gestação, meu isolamento foi intenso buscando cuidar de mim e de uma nova vida que chegava. Sendo que, gestantes e puérperas estavam no grupo considerado de risco em relação a Covid-19⁶², também considerando que o Brasil possui um dos índices mais alto de mulheres gestantes e recém-nascidos mortos pela Covid-19⁶³.

Grávida, a espera de um pequeno menino, que chegou antes do tempo, e diante as dificuldades trazidas pelo isolamento e pela pandemia, juntamente com os novos desafios que chegavam com a maternidade, me questionei se havia mesmo uma tese a ser escrita...

⁶⁰ CASTILHO, Daniela Ribeiro; LEMOS, Esther Luíza de Souza. Necropolítica e governo Jair Bolsonaro: repercussões na seguridade social brasileira. Katál., Florianópolis, v.24, n. 2, p. 269-279, 2021. (p. 271).

⁶¹ TOLENTINO, Luana. As escolas estão fechadas há mais de um ano: a culpa não é dos professores. In: **Carta Capital**. Online. Disponível em: <<https://www.cartacapital.com.br/opiniao/as-escolas-estao-fechadas-ha-mais-de-um-ano-a-culpa-nao-e-dos-professores/>>; Acesso em: 03 jan. 2023.

⁶² ESTRELA, Fernanda Matheus; SILVA, Keile Kemyly Assis da; CRUZ, Moniky Araújo da; GOMES, Nadirlene Pereira. Gestantes no contexto da pandemia da Covid-19: reflexões e desafios. **Physis: Revista de Saúde Coletiva**, Rio de Janeiro, v. 30 (2), 2020.

⁶³ BRASIL. Grávidas e puérperas brasileiras são as que mais morrem por coronavírus. **Ministério da Saúde**. Online. Disponível em: <<https://portaldeboaspraticas.iff.fiocruz.br/atencao-mulher/gestantes-puerperas-morrem-por-coronavirus-no-brasil/>>; Acesso em: 03 jan. 2023. Alguns dados apontam que: “Nas Américas, mais de 365 mil mulheres grávidas contraíram COVID-19 e mais de 3 mil morreram” (OPAS, 2023).

Existe uma tese?

Eu andei pensando: não escrevi nada de novo nesses últimos meses. A vida tem passado por um intenso processo de transformação, pelo menos por aqui. A barriga cresce, e toda minha energia e meu tempo estão dedicados a essa nova fase: a gestação. Se antes eu estava quase decidida que não havia espaço para outra vida na minha vida, agora, parece que não há espaço para uma tese.

Se me perguntarem por onde andei na tese, digo: não andei por lugar nenhum. Minha escrita tem sido manual, através da confecção de filtro dos sonhos. Tenho produzido bastante, um mais lindo que o outro. Estou no momento da necessidade de fazer coisas manuais. Necessidade de tirar as mãos do teclado do computador e coloca-las para trabalhar. Minhas mãos se remexem pelo ar, como que dançando, como que buscando por outros movimentos, enquanto na minha barriga, pequenos pés se remexem, anunciando a chegada de um novo ser no mundo. Não há espaço para uma tese, não agora, não tenho método de leitura e nem de escrita.

Enquanto isso, penso neste pequeno que cresce em meu ventre, e para ele leio as passagens de Infância berlinese, e ele, meu pequeno Hagen, se remexe na barriga. Gosto do meu timbre de voz nas palavras de Benjamin. Me vejo tão imersa em suas palavras, em sua infância, que penso na minha própria infância e na infância que estou para viver junto do Hagen. Parece que agora, Rua de mão única e Infância berlinese fazem mais sentido, e às vezes, tenho a impressão que Benjamin escreve tentando dizer algo para mim. Parece que nós 3 estamos interligados pelas palavras... O passado, o presente e o futuro, que se unem numa constelação... constelação de palavras, de histórias, de memórias, de sonhos e de estrelas, que se desenham no céu, demarcando os eventos e encontros mais importantes. Meu encontro, tanto com Benjamim, como com o Hagen, já estava desenhado nas estrelas. E mesmo pensando que não há espaço para uma tese, que não há método de leitura ou escrita, minha tese está o tempo todo se desenhado nesses encontros... ora, ora, foi só depois dessa reflexão, proposta pela orientadora, de pensar os roteiros de escrita e leitura, que percebi que o tempo todo estou vivendo e me aventurando pela viagem mais mágica possível: a escrita de uma tese e a vivência da maternidade.⁶⁴

⁶⁴ KOHLS, Tatiani Müller. Caderno de campo. Inverno de 2020.

Depois de escrever esse fragmento percebi que os caminhos de escrita da pesquisa são múltiplos e que de alguma forma, através de leituras e da escrita, estava conectada e produzindo uma pesquisa. Se eu tinha dúvidas sobre existir espaço para a produção de uma tese durante o período gestacional, hoje consigo afirmar que sim, pude viver e conciliar esses dois momentos... e nesse processo, de doutorar, quem nunca se perguntou se existe mesmo uma tese?

Foi só com o decorrer do tempo e com o isolamento pandêmico que percebi que havia comigo um material rico e único: centenas de sonhos⁶⁵ guardados em uma caixa e que suplicavam: sonhe-me, sonho-me!

Assim, me utilizei de Clarice Lispector para dizer: *Eu não inventei essa TESE. Ela forçou dentro de mim a sua existência*⁶⁶. É como se diferentes caminhos se tramassem para ao final chegar em algum destino... algum ponto... algum lugar... algum sonho – quem sabe? Me deixei guiar pelas tramas e cá estou.

Se o filtro dos sonhos foi esse motivador a pensar uma pesquisa que toma os sonhos como fio narrativo, a trama se mostrou como o caminho possível. Percebi que a partir das nossas histórias, das nossas experiências, dos nossos discursos, da nossa visão crítica, podemos construir um espaço de reflexão e diálogo, tecido em rede, assim como a trama, e mais especificamente, como a trama tecida em volta do círculo⁶⁷ que sustenta o filtro dos sonhos.

Carlos Canal⁶⁸ aponta que existe um saber que se mantém intacto ao longo dos séculos, é um saber hegemônico, totalitário e colonialista que nega um mundo cheio de outras possibilidades de conhecimentos e saberes. Desse modo, Canal articula o conceito de trama como um ato de transformação e movimento, que representa a troca, as experiências e os atravessamentos que possam possibilitar a exploração do sensível, do afeto, da magia. A trama representa a interlocução dos saberes, das metodologias, teorias, estéticas e diversas categorias

⁶⁵ Possuo arquivado em formato físico e digital o total de 283 documentos, ou seja, papéis em que esses sonhos foram escritos, resultando em centenas de sonhos, visto que cada estudante podia escrever quantos sonhos desejasse.

⁶⁶ LISPECTOR, Clarice. **A hora da estrela**. Rio de Janeiro: Rocco, 1998. (p. 29-30).

⁶⁷ A ideia de circularidade é abordada também na pesquisa de Martins (2022), na qual defende a circularidade como forma de operacionalização da Ancestralidade, que se faz pelo fazer artístico e pela Vivência Griô: “Estar em círculo é estar lado a lado, seja em uma ciranda, em um fuxico, ou em uma roda de brinquedo infantil, aqui o que se singulariza é o ato de comungar com o outro um mesmo espaço. É pela circularidade que passado e futuro ocupam o mesmo lugar, o ontem e o amanhã estão de mãos dadas no agora.” (MARTINS, 2022, p. 145).

⁶⁸ CANAL, Carlos Yáñez. El pluralismo de las ciencias sociales: Hacia la construcción de una trama de tramas. In: BUSSOLETTI, D. M.; CANAL, C. Y.; GUEVARA, A. E.; LANDÍN, D. M. (orgs). **Pluralismo nas Ciências Sociais**: da multiplicidade à diferença. Pelotas: Editora Universitária/UFPel, 2011.

que possam se entrelaçar para a construção do conhecimento. Assim, Canal salienta que dentro da hegemonia do conhecimento, de um saber endurecido e totalmente racional, se perde e se nega o contato com o mundo do sensível, das emoções e daquilo que se mostra como um sentido da vida e da nossa existência.

Seguindo nesse pensamento, Canal ressalta que a produção de conhecimento muitas vezes é petrificante, dogmática e muros completamente perfeitos são erguidos através dos métodos e um cerco é construído. É como se o conhecimento estivesse ali preso, paralisado. Mas é sobre isso que se trata a produção de conhecimento? Como oposição a essa ordem, normativa e enrijecida, onde uma direção única pode ser demarcada, encontramos no filtro dos sonhos a interrupção por pequenos “nós” que constroem o objeto em si evocando uma trama de diversas direções. Canal coloca a trama como possibilidade de pensar sobre uma outra construção de conhecimento, e aqui já ouso apontar também um olhar mais atento ao que constitui essa construção, seus materiais e seus métodos. A trama segue pelo caminho de uma ética que responde pela fluidez e pelos atravessamentos, pela vida e suas potências, por um processo múltiplo e transformador. Pela trama, Canal nos convida a sonhar e imaginar outras possibilidades e configurações possíveis para a construção do conhecimento.

Diante desses apontamentos de Canal, que toma a trama num sentido de pensar e explorar o sensível, os sentimentos, onde o conhecimento vai se formando, não em uma direção única, mas num emaranhado de linhas que se tecem, buscando formar e revelar algo ao final, percebi que a trama seria o caminho para propor e refletir sobre uma Outra pedagogia possível. Nesse sentido, tomando os sonhos como um lugar alegórico na busca de novas formas de escrita e um lugar de novas aspirações educativas possíveis, percebo que os Nós⁶⁹ são pontos fortalecedores para a articulação de uma Pedagogia da Trama, que se constrói entre a escrita e os sonhos. *Os cipós predem, mas não sabem dar nó*⁷⁰. É preciso do trabalho manual para que os nós se prendam e formem uma trama. Os nós, precisam ser amarrados um a um, para que juntos formem e firmem a trama. Os Nós seriam os pontos de conexão, aquilo que liga, que amarra a produção de conhecimento com as questões sensíveis da vida, como nossas histórias e nossos sonhos. Desse modo, os sonhos são postos como caminho para essa exploração, que

⁶⁹ Utilizarei Nós em letra inicial maiúsculo como forma de me referir a esse processo de articulação de uma Pedagogia da Trama.

⁷⁰ BACHELARD, Gaston. **O direito de sonhar**. São Paulo: DIFEL, 1985. (p. 92).

segue na busca de novas possibilidades de olhar e fazer a Educação. E a Trama, se configura como um espaço de exploração do sensível, dos sentimentos, dos sonhos e das nossas histórias.

Nesse sentido, três questões me moviam inicialmente durante esse caminho de doutorar. Primeiramente: Uma escrita pelos sonhos, seria possível? Queria contar uma história que tomasse os sonhos como fio narrativo, que se desse por entre os Nós, no entrecruzamento de memórias, saberes, conhecimentos, reflexões teóricas e metodológicas, onde todas essas vozes se encontram formando uma trama. Queria mostrar o que os jovens poderiam dizer sobre seus sonhos⁷¹. O que esses sonhos nos contam? É nesse sentido que busquei articular uma escrita pelos sonhos. Segunda questão: Seria a Trama, enquanto Pedagogia, um viés para a luta contra o empobrecimento da experiência⁷²? A trama seria esse lugar renovado, esse espaço onde as narrativas, as histórias e os sonhos ainda se tecem e se fazem presentes para que uma história possa se mostrar. E por fim, a terceira questão: Os sonhos de juventude podem se mostrar como um lugar revolucionário e de reencantamento do mundo⁷³? Ao olhar para esses sonhos através da juventude, percebo uma potência, uma força motriz que almeja a transformação.

Estas reflexões acabaram por ser tramadas em uma grande questão que, já anteriormente referida, que é: **Quais são as tramas possíveis entre a escrita de pesquisa e os sonhos escritos pelos jovens através da experiência de produção dos filtros dos sonhos?** A partir dessas reflexões que proponho a tese de uma Pedagogia da Trama, que se articula através da imagem alegórica dos sonhos e toma a reflexividade como forma de propor e ensaiar novas formas de pesquisa em Educação. Uma Pedagogia da Trama tecida pelos sonhos e pelos inúmeros Nós, uma Pedagogia que desde o começo luta e tenta se colocar como uma alternativa ao empobrecimento da experiência narrativa, e ao desencantamento do mundo.

⁷¹ A escola em que esses sonhos foram coletados é uma Instituição Federal, e jovens oriundos de diversas regiões da cidade de Pelotas e de municípios vizinhos (como São Lourenço, Canguçu, Morro Redondo, Piratini, Rio Grande, entre outros) fazem parte da comunidade escolar. Assim, a escola não atende somente estudantes de seu entorno, mas sim jovens com diversas realidades, desde alunos com condições sociais elevadas até as camadas mais vulneráveis da cidade e sua região.

⁷² O empobrecimento da experiência é um conceito de Walter Benjamin (1994) e segundo o autor, a perda da experiência e das formas tradicionais de narrativas foram se perdendo com o avanço do progresso, do capitalismo e da modernidade. Esse conceito será retomado no decorrer do texto.

⁷³ Pela perspectiva de Michael Löwy, o reencantamento do mundo parte da estética surrealista, visando “um protesto contra a racionalidade limitada, o espírito mercantilista, a lógica mesquinha, o realismo rasteiro de nossa sociedade capitalista-industrial, e a aspiração utópica e revolucionária de ‘mudar a vida’” (LÖWY, 2002, p. 09).



ANDUJAR, Claudia. Série Sonho Yanomami, 2022.

O SURREALISMO COMO FIO PARA UM REENCANTAMENTO DO MUNDO

Como este trabalho FOI escrito: degrau por degrau, à medida que o acaso OFERECEU um estreito ponto de apoio, e sempre como alguém que escala alturas perigosas e que em momento algum deve olhar em volta a fim de não sentir vertigem (mas também para reservar para o fim toda a majestade do panorama que se lhe oferecerá)⁷⁵. A partir dessas palavras de Benjamin, aponto os fios que se tramam para a construção desta tese, que segue pelo surrealismo e uma aproximação com os pressupostos de Walter Benjamin.

Nesse sentido, essa escrita segue por uma inspiração benjaminiana, na qual o método para Benjamin é desvio, é *caminho não direto*⁷⁶. Ou ainda, como aponta Bolle, sobre a obra das Passagens: *Contudo, como as Passagens não são um texto linear, mas espacial, a leitura por links associativos e por roteiros de pesquisa pode ser igualmente proveitosa*⁷⁷. É a partir dessa concepção que essa escrita de pesquisa se aproxima da técnica como o mosaico e a montagem, em uma escrita que se mostra fragmentada, onde os elementos em que estamos pensando durante a pesquisa deve ser incorporada ao texto, ou como diz Benjamin: *não tenho nada a dizer. Somente a mostrar. Não surrupiarei coisas valiosas, nem me apropriarei de formulações espirituosas. Porém, os farrapos, os resíduos: não quero inventariá-los, e sim fazer-lhes justiça da única maneira possível: utilizando-os*⁷⁸. Nessa perspectiva, a escrita em fragmento tende a uma totalidade e revela uma apresentação da verdade... *A descontinuidade e a incompletude, constitutivas do fragmento, são o que torna imprescindível o exercício da forma de exposição*

⁷⁵ BENJAMIN, Walter. **Passagens**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2018. (p. 764 [N 2,4]).

⁷⁶ BENJAMIN, Walter. **Origem do drama trágico alemão**. 2^a Ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2013a. (p. 16).

⁷⁷ BOLLE, Willi. “Um painel com milhares de lâmpadas”: Metrópole e megacidade. In: BENJAMIN, Walter. **Passagens**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2018. (p. 1745).

⁷⁸ BENJAMIN, Walter. **Passagens**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2018. [N 1, 8]. (p. 764).

*na filosofia, menos como compromisso didático do conhecimento e mais como uma necessidade ética e estética com a verdade*⁷⁹.

Na obra de Benjamin, o conjunto de seus textos, escritos, fragmentos e coleções compõem um todo, ou como ele próprio expressa a Gershom Scholem, filósofo e amigo de Benjamin, em uma carta, se referindo ao seu livro *Rua de mão única: os meus “aforismos” resultam numa curiosa organização, ou construção: uma rua que permite descobrir uma perspectiva de uma profundidade tão imprevista*⁸⁰. E ainda: *É precisamente nos seus elementos mais excêntricos que este livro é, se não troféu, pelo menos documento de uma luta interior cujo objeto se poderia resumir nas seguintes palavras: captar a atualidade como o reverso do eterno na história e tirar uma impressão dessa face escondida da medalha*⁸¹.

No que se refere a alegoria em Benjamin, está é uma forma de expressão e categoria estética, visto que somente por meio da alegoria, uma imagem da história se revelaria: *a alegoria ganha novos contornos, capazes de revelar verdades encobertas que não representam as coisas como elas são, oferecendo uma versão de como elas foram ou poderiam ser*⁸². Dentro desse processo alegórico, Bussoletti, ressalta que: *Benjamin confere à imagem um lugar central em sua teoria da cultura; em sua historiografia as imagens são: arcaicas, de desejo, oníricas, de pensamento, dialéticas, alegorias, fantasmagorias*⁸³.

Sobre a alegoria em Benjamin, Bolle, aponta: *Genericamente falando, a fisionomia benjaminiana é uma espécie de “especulação” das imagens no sentido etimológico da palavra: um exame minucioso de imagens prenhes de história. Ela tem sua razão-de-ser na especificidade de seu pensamento, que se articula não tanto por meio de conceitos e sim de imagens. A “imagem” é a categoria central da teoria benjaminiana da cultura*⁸⁴.

⁷⁹ BRAGA, Leonardo Izoton. Walter Benjamin e a filosofia da escrita: apresentação, constelação e crítica. **Cadernos Benjaminianos**: Belo Horizonte, v. 14, n. 2, p. 11-19, 2018. (p. 14).

⁸⁰ BENJMANIN, Walter. **Rua de mão única. Infância berlinese: 1900**. Belo Horizonte: Autêntica, 2013b. (p. 123).

⁸¹ Ibidem.

⁸² PEREIRA, João Batista. Alegorias benjaminiana: breves notas. **Revista Investigações**. Vol. 26, nº 1, p. 01-32, 2013. (p. 04).

⁸³ BUSSOLETTI, Denise Marcos. **Infâncias Monotônicas - Uma rapsódia da Esperança**: Estudo psicossocial cultural crítico sobre as representações do outro na escrita de pesquisa. Porto Alegre, 2007. Tese (Doutorado em Psicologia) - Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, 2007. (p. 77).

⁸⁴ BOLLE, Willi. **Fisionomia da Metrópole Moderna**: Representação da História em Walter Benjamin. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2000. (p. 42-43).

A alegoria poderia ser definida como *uma via para iluminar um mundo tisnado por significações ocultas, distinguindo o que fica enclausurado pela história*⁸⁵, ou ainda, *ela fala de outra coisa e não de si mesma*⁸⁶. Ainda no que se confere a alegoria, Pereira ressalta: *Para nos expressarmos coerentemente nesse universo de incertezas, a alegoria se configura, portanto, como um recurso de natureza exemplar: dizemos uma coisa sabendo que ela significa outra; remetemos, com frequência, a outros níveis de significação, quase sempre distintos daquele em que nos situamos. Na simbiose entre a estética e o social, para além de uma visão mecanicista da arte, enfatiza-se a principal função da leitura alegórica: valorar a arte, inserindo-a no curso do tempo histórico, revelando como os seus procedimentos desnudam as ruínas e escombros culturais que a atitude simbólica tende a ocultar, imaginando-as atemporais, como se portassem valores eternos, imutáveis e universais*⁸⁷.

Cito ainda, uma passagem de Bretas que se refere a alegoria em Benjamin: *assim como nos sonhos, ele mostra que cada pessoa, cada coisa, cada relação pode significar qualquer outra, se tocada pela “mão de Midas”, quer do intérprete, quer do alegorista – por isso, talvez, se possa admitir que o “alegorês” como a linguagem por excelência do mundo onírico*⁸⁸. Assim, essa escrita, que se submete ao tempo, não do passado, nem do futuro, mas um tempo que se faz aqui e agora, articula os sonhos como imagens, na tentativa de não só revelar uma história contida em rastros, mas também de vislumbrar uma possibilidade messiânica de futuro. Assim como o anjo da história⁸⁹ é impelido pelo vento do progresso, o tempo cronológico atira esses jovens na direção de um futuro, um futuro marcado no presente como um sonho, um sonho que se constitui também do passado de cada um deles. É nesse sentido que os sonhos são tomados como uma alegoria.

Nesse sentido, essa pesquisa se desenvolveu a partir do princípio epistemológico da etnográfica surrealista, defendido por Clifford⁹⁰, e pela proposta metodológica de surrealização

⁸⁵ PEREIRA, João Batista. Alegorias benjaminiana: breves notas. **Revista Investigações**. Vol. 26, nº 1, p. 01-32, 2013. (p. 04).

⁸⁶ Ibidem.

⁸⁷ Ibidem (p. 23).

⁸⁸ BRETAS, Aléxia. **A constelação do sonho em Walter Benjamin**. São Paulo: Humanitas, 2008. (p. 32).

⁸⁹ BENJAMIN, Walter. **Magia e técnica, arte e política**. Obras escolhidas V. 1. São Paulo: Brasiliense, 1994.

⁹⁰ CLIFFORD, James. **A experiência etnográfica: antropologia e literatura no século XX**. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2008.

da escrita de pesquisa⁹¹, através das contribuições que o GIPNALS tem defendido e explorado em suas pesquisas, visando uma escrita de pesquisa crítica que se articula nos entrecruzamentos da ciência e da experimentação.

Clifford propõe o surrealismo etnográfico como *uma construção utópica, uma declaração tanto sobre as possibilidades passadas quanto futuras da análise cultural*⁹². Para o autor, o trabalho de campo etnográfico permanece como um método notavelmente sensível. A observação participante obriga seus praticantes a experimentar, tanto em termos físicos quanto intelectuais, as vicissitudes da tradução⁹³. Nesse sentido, surgido num contexto pós-guerra do século XX, o surrealismo choca, provoca, causa um certo estranhamento, e a etnografia surrealista ataca o familiar, provocando a irrupção da alteridade – o inesperado⁹⁴, se colocando a serviço de uma crítica cultural subversiva⁹⁵.

Clifford se refere a etnografia de forma diferente da técnica de pesquisa empírica de uma ciência humana que na França foi chamada de etnologia, na Inglaterra de antropologia social, e na América de antropologia cultural. Estou me referindo a uma predisposição cultural mais geral, que atravessa a antropologia moderna e que esta ciência partilha com a arte e a escrita do século XX⁹⁶. Destaco a passagem na qual Clifford salienta que: *O rótulo etnográfico sugere uma característica atitude de observação participante entre os artefatos de uma realidade cultural tornada estranha*⁹⁷. Desse modo, os surrealistas estavam intensamente interessados em mundos exóticos, entre os quais eles incluíam uma certa Paris. Sua atitude, embora comparável àquela do pesquisador no campo, que tenta tornar compreensível o não-familiar, tendia a trabalhar no sentido inverso, fazendo o familiar se tornar estranho. O contraste é de fato gerado por um jogo contínuo entre o familiar e o estranho, do qual a

⁹¹ BUSSOLETTI, Denise. **Infâncias monotônicas - Uma rapsódia da Esperança – Estudo psicossocial cultural crítico sobre as representações do outro na escrita de pesquisa.** 2007. Tese (Doutorado em Psicologia) - Programa de Pós-Graduação em Psicologia, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, 2007.

⁹² CLIFFORD, James. **A experiência etnográfica: antropologia e literatura no século XX.** Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2008. (p. 134).

⁹³ Ibidem (p. 19-20).

⁹⁴ Ibidem (p. 167).

⁹⁵ Ibidem (p. 147).

⁹⁶ Ibidem (p. 136-137).

⁹⁷ Ibidem.

*etnografia e o surrealismo eram dois elementos. Este jogo é constitutivo da moderna situação cultural que estou tomando como base de meu estudo*⁹⁸.

A etnografia surrealista tende a valorizar o inesperado, é uma estética que valoriza fragmentos, coleções curiosas, inesperadas justaposições – que funciona para provocar a manifestação de realidades extraordinárias com base nos domínios do erótico, do exótico e do inconsciente⁹⁹. Clifford ainda aponta que: *Os elementos surrealistas da etnografia moderna tendem a passar desapercebidos por uma ciência que se vê engajada na redução das incongruências mais do que, simultaneamente, em sua produção. Mas todo etnógrafo não é um pouco surrealista, um reinventor e um “recombinador” de realidades? A etnografia, a ciência do risco cultural, pressupõe um constante desejo de ser surpreendido, de desfazer sínteses interpretativas, e valorizar – quando surge – o inclassificável, o inesperado outro. O surrealismo etnográfico e a etnografia surrealista são construções utópicas; eles misturam e zombam das definições institucionais de arte e ciência. Pensar o surrealismo como etnografia é questionar o papel central do “artista” criativo, o gênio-xamã descobrindo realidades mais profundas do domínio psíquico dos sonhos, mitos, alucinações e escrita automática. Esse papel é bem diferente daquele do analista cultural, interessado em montar e desmontar os códigos e convenções comuns. O surrealismo unido à etnografia resgata sua antiga vocação de política cultural crítica, uma vocação perdida em desenvolvimentos ulteriores*¹⁰⁰.

Através do surrealismo, como forma de reencantamento do mundo¹⁰¹, defendendo uma escrita e estética que transita entre a criação, a arte e a ciência, valorizando pequenos restos e fragmentos. A estranheza que o surrealismo etnográfico pode causar, faz parte desse processo, que se trama em fios e que revelam um outro jeito de olhar para a sociedade, ou como diz Breton: *O Surrealismo repousa sobre a crença na realidade superior de certas formas de associações desprezadas antes dele, na onipotência do sonho, no desempenho desinteressado do pensamento. Tende a demolir definitivamente todos os outros mecanismos psíquicos, e a se substituir a eles na resolução dos principais problemas da vida*¹⁰².

⁹⁸ CLIFFORD, James. **A experiência etnográfica: antropologia e literatura no século XX**. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2008. (p. 136-137).

⁹⁹ Ibidem (p. 133).

¹⁰⁰ Ibidem.

¹⁰¹ LÖWY, Michael. **A estrela da manhã: surrealismo e marxismo**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2002.

¹⁰² BRETON, André. **Manifesto Surrealista**. Livro eletrônico: Kindle. (p. 206).

Nesse sentido, a etnografia surrealista se coloca como um movimento de construção que possibilita e privilegia a proximidade do pesquisador com seu campo de pesquisa, assim, parto da seguinte visão: *No surrealismo etnográfico [...] não há distanciamento, neutralidade, diagnóstico ou avaliação de aspectos estranho a si quando se está imerso no processo investigativo. O surrealismo etnográfico [...] se entrega a uma análise que não necessita seguir normas e princípios positivistas de observação da realidade [...] permite que se reflita sobre o assunto de interesse sob pontos de vista que não necessitam estar arraigados dentro das dogmatizações de realidade instituídas como únicas possibilidades [...] além disso, ele permite também que outras linguagens e hibridizações de análises possam dialogar com o intuito de fomentar as discussões e reflexões que estão sendo investigadas*¹⁰³. Essa proposta permite uma escrita de pesquisa que transita pela poética e uma base epistemológica *com o intuito de investigar campos de análise não aprisionados nas metodologias de pesquisa tradicionais*¹⁰⁴.

Michael Löwy comprehende o surrealismo como o *martelo encantado que nos permite romper as grades para ter acesso à liberdade*¹⁰⁵, não se tratando apenas de *uma escola literária ou um grupo de artistas, mas propriamente um movimento de revolta do espírito e uma tentativa eminentemente subversiva de re-encantamento do mundo, isto é, de reestabelecer, no coração da vida humana, os momentos “encantados” apagados pela civilização burguesa: a poesia, a paixão, o amor-louco, a imaginação, a magia, o mito, o maravilhoso, o sonho, a revolta, a utopia*¹⁰⁶. Pelas palavras de Löwy, o surrealismo é ainda uma aventura onírica, poética e política.

Vivemos em uma sociedade engessada, racionalista, numa *gaiola de aço*, como diz Max Weber¹⁰⁷. Os *momentos encantados*, dito por Löwy, que foram apagados, podem se referir a perda pelo prazer de criar, a mercantilização das relações sociais e a *irracionalidade da lógica de acumulação capitalista*¹⁰⁸. A partir do pensamento e críticas elaboradas por Weber, Löwy diz: *o encanto que o artesão medieval via no trabalho, o prazer de criar, é uma coisa “que hoje o capitalismo destruiu para sempre”. Era necessário convencer o operário industrial que seu*

¹⁰³ VARGAS, Vagner de Souza; BUSSOLETTI, Denise. Surrealismo Etnográfico: base epistemológica para a pesquisa em artes cênicas. **Revista Boitatá**, v. 20, p. 301-316, 2015. (p. 314).

¹⁰⁴ Ibidem (p. 306).

¹⁰⁵ LÖWY, Michael. **A estrela da manhã: surrealismo e marxismo**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2002. (p. 09).

¹⁰⁶ Ibidem.

¹⁰⁷ Ibidem.

¹⁰⁸ LÖWY, Michael. **A jaula de aço: Max Weber e o marxismo weberiano**. São Paulo: Boitempo, 2014. (p. 37).

*trabalho profissional era desejo de Deus*¹⁰⁹. A perda de liberdade, de autonomia, de criação, está ligada a *submissão a um mecanismo todo-poderoso, o aprisionamento por um sistema que nós mesmo inventamos*¹¹⁰.

Romper as grades para ter acesso à liberdade, como disse Löwy, é romper com a gaiola de aço que nos aprisiona, e seria por meio da insubmissão e da revolta que o surrealismo provoca esse rompimento. E o reencantamento do mundo, se daria por meio da *iluminação profana* que o surrealismo provoca. *A iluminação profana dos surrealistas consiste antes de mais nada em “experiências mágicas sobre palavras”*¹¹¹. Diante do desencantamento do mundo provocado pela dureza dos processos racionais, o surrealismo surge como um momento de reencantamento e de experiências mágicas.

Löwy apresenta a ideia de deriva para compreendermos melhor esse rompimento que o surrealismo propõe. A deriva, *tal como era praticada pelos surrealistas e pelos situacionistas, é um alegre passeio fora das pesadas coações do reino da Razão instrumental*¹¹². Se entregar à deriva e se deixar levar pelos encontros e desencontros que ela propõe é de certa forma andar sem rumo e ao mesmo tempo com muita instrução, como se a cada passo nesse caminho nos deparássemos com algo novo. Em cada esquina, em cada rua, em cada leitura encontramos um destino, e nesse *passeio encantado no reino da Liberdade*¹¹³, sem amarras, sem cercas, sem uma linha reta para seguir, podemos mergulhar no mar da imaginação e no mundo dos sonhos. A imaginação e os sonhos se revelam como uma face escondida da realidade, que só por meio dessa inserção e atenta observação, poderia ser vista.

Se deixar ir pela deriva, seguindo um caminho não lógico, mas se deixando guiar pela intuição, pela magia, pelo afeto, pelas coisas que num primeiro momento parecem desinteressantes, pelos restos, é uma forma de romper com a lógica de produção capitalista na busca de outros movimentos e novas possibilidades. Possibilidades de pesquisa e escrita que se encaminham na busca de um reencantamento do mundo, pelos sonhos, pela poesia e pelo viés revolucionário que o surrealismo provoca.

¹⁰⁹ LÖWY, Michael. **A jaula de aço:** Max Weber e o marxismo weberiano. São Paulo: Boitempo, 2014 (p. 36).

¹¹⁰ Ibidem (p. 38).

¹¹¹ LÖWY, Michael. **A estrela da manhã: surrealismo e marxismo.** Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2002. (p. 46).

¹¹² Ibidem (p. 11).

¹¹³ Ibidem.

Nesse sentido, parto do viés de que a *escrita de pesquisa em aproximação com um espaço considerado como o da origem da criação e do poético, onde a escrita de pesquisa, e a teoria, por opção e por necessidade pensam que assim mais podem, ou devem, colocar-se em condições de escuta e interpretação*¹¹⁴. A surrealização na escrita de pesquisa se coloca como um *recurso de apresentação, e seu amparo epistemo e metodológico conduz ao tratamento teórico de análise dos dados nesta perspectiva*¹¹⁵, e que me possibilitará através da ideia de trama, articular uma escrita de pesquisa, que toma os sonhos como fio narrativo.

Assim, cito algumas pesquisas vinculadas ao GIPNALS que seguem nessa perspectiva, tomando o surrealismo etnográfico como processo metodológico em seus estudos, como minha dissertação de mestrado em Educação, já mencionada no texto, defendendo uma escrita de pesquisa que opera pela trama, tomando a estética surrealista como um caminho possível para apontar novas ressignificações pelos olhares das infâncias¹¹⁶.

A tese de Duarte se utiliza de uma escrita fragmentada, que toma o videoarte como um estado-pensamento, buscando refletir sobre a poéticas das infâncias através de uma Educação Desordeira¹¹⁷. Martins se utiliza de uma escrita que se tece em trama e se firma através da oralidade e da música, apontando para um processo de educação junto com a Mestra Griô Sirley Amaro, na qual saberes e práticas populares apontam para a busca de Outras pedagogias¹¹⁸. Costa reflete sobre a escrita surrealista nas pesquisas em Educação e defende uma escrita através do barro e da escultura, se mostrando como um processo de educação e resistência da cultura¹¹⁹. Moreira defende em seu trabalho uma escrita pelo corpo, buscando *encontrar uma*

¹¹⁴ BUSSOLETTI, Denise. **Infâncias monotônicas - Uma rapsódia da Esperança – Estudo psicosocial cultural crítico sobre as representações do outro na escrita de pesquisa.** 2007. Tese (Doutorado em Psicologia) - Programa de Pós-Graduação em Psicologia, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, 2007. (p. 33).

¹¹⁵ Ibidem.

¹¹⁶ KOHLS, Tatiani Müller. **Tramando sonhos: infâncias e representações.** 2018, 133 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Programa de Pós Graduação em Educação, Universidade Federal de Pelotas, 2018.

¹¹⁷ DUARTE, Krischna Silveira. **Educação desordeira:** poéticas das infâncias em vídeoarte. 2017. 141f. Tese (Doutorado em Educação) - Programa de PósGraduação em Educação, Faculdade de Educação, Universidade Federal de Pelotas, 2017.

¹¹⁸ MARTINS, Felipe S. **É pela arte toda, pela história de vida: As representações da música nas Vivências Griô, da Mestra Sirley Amaro.** 2018. 107 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Faculdade de Educação, Universidade Federal de Pelotas, 2018.

¹¹⁹ COSTA, Cléber José Silveira da. **Seu Paulo - a escrita no barro: um Outro Sujeito, um Sujeito Outro, uma Pedagogia Outra, uma Outra Pedagogia.** 2014. 164f. Dissertação (Mestrado em Educação) - Programa de Pós-Graduação em Educação, Faculdade de Educação, Universidade Federal de Pelotas, 2014.

proposta de resistência que se afirme pela arte, pela educação e por tudo aquilo que pelos caminhos da ancestralidade se reivindicam como atuais e imprescindíveis¹²⁰.

Fagúndez busca uma re-escrita da história a partir *de cartas escritas por Ruben Eriberto Roja, entre os anos de 1972 a 1985, emitidas do interior do Estabelecimento Militar de Reclusão Nº 1, mais conhecido como presídio de Libertad, localizado a poucos quilômetros da capital do Uruguai, Montevidéu*¹²¹. Tomando a técnica da montagem, Fagúndez propõe outra forma de contar a história a partir da concepção benjaminiana. Ribeiro defende a tese que *toma como base as contribuições de Walter Benjamin acerca da barbárie que atravessa a história como um raio e do movimento surrealista em sua embriagada crítica ética, estética e política na direção de um (im)possível reencantamento do mundo*¹²². Martins defende a tese que concebe a Pedagogia do Fuxico, através da articulação de saberes e memórias, juntamente com as práticas vividas com Mestra Griô Sirley Amaro, como alternativa ao empobrecimento da experiência. A Pedagogia do Fuxico é tecida através das tramas da ancestralidade, da oralidade e da musicalidade¹²³, e parte da etnografia surrealista como método de escrita.

Nesse sentido, a estética surrealista na escrita de pesquisa se mostra como uma possibilidade de novas trocas, fazendo emergir novos olhares sobre a produção de conhecimento, e se trama como fio para a reflexão e construção desta escrita. Assim, sigo pelo surrealismo como busca de uma escrita que possa se revelar pelos sonhos, articulando uma pesquisa que se coloca na busca de um reencantamento ético, estético e político.

Tomo as palavras de Ribeiro para dizer de como seguirá esta tese: *A etnografia surrealista a que aqui me vinculo, através da técnica da montagem surrealista, pode ser pensada em proximidade a uma construção do conhecimento que coloca em prática a desordem do mundo [...]. Na modernidade, as coisas são decompostas no absurdo da assimilação da*

¹²⁰ MOREIRA, Thalita Ferreira. **OQUIMBALAUE: Negra sim! Negra sou! Escrita, teatro, resistência e educação.** 2020. 93 f. Dissertação (Mestrado em Educação) - Programa de Pós-Graduação em Educação, Faculdade de Educação, Universidade Federal de Pelotas. Pelotas, 2020. (p. 14).

¹²¹ FAGÚNDEZ, Ariel Salvador Roja. **Cartas de Libertad em uma primavera rota.** 2019. 109 f. Tese (Doutorado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Faculdade de Educação, Universidade Federal de Pelotas, 2019. (p.03).

¹²² RIBEIRO, Angelita Soares. **Imagens embriagadas – A cruzada das crianças – Barbárie e reencantamento do mundo.** 2018. 143 f. Tese (Doutorado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Faculdade de Educação, Universidade Federal de Pelotas, 2018. (p. 08).

¹²³ MARTINS, Felipe S. **A PEDAGOGIA DO FUXICO: saberes e vivências de um Griô Aprendiz ao ritmo de Sirley Amaro.** 2022. 153f. Tese (Doutorado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação. Faculdade de Educação. Universidade Federal de Pelotas. Pelotas. 2022. (p. 07).

*barbárie pela razão, tornando a montagem uma forma estética de apresentação da política e da ética*¹²⁴.

Nessa surrealização da escrita de pesquisa me proponho, tendo os sonhos como alegoria, ensaiar novas possibilidades de escrita e pesquisa no campo da Educação.

¹²⁴ RIBEIRO, Angelita Soares. **Imagens embriagadas – A cruzada das crianças – Barbárie e reencantamento do mundo.** 2018. 143 f. Tese (Doutorado em Educação) – Programa de Pós Graduação em Educação, Faculdade de Educação, Universidade Federal de Pelotas, 2018. (p. 180).



ANDUJAR, Claudia. Série A casa, 1974-1976.

POR ENTRE SONHOS E TRAMAS

O filtro dos sonhos foi *ensinado pelo espírito de uma aranha, chamada Iktomi, aos nativos norte-americanos. A aranha enquanto tecia, ensinou, assim, sobre os ciclos da vida, mostrando que tudo está interligado e atribuindo ao filtro dos sonhos o poder de ajudar ao povo a ter mais clareza sobre as mensagens enviadas através dos sonhos*¹²⁶. Os sonhos filtrados nesse processo, se deram através da confecção do filtro, como já mencionado anteriormente.

Diversos são os significados e representações sobre a origem do filtro dos sonhos e em cada oficina, conforme o público e os elementos que vão surgindo, uma nova narrativa se compõe. Esse processo faz parte também da criação, e a *cada vez que alguém conta uma estória, seleciona, entre eventos e personagens, aquilo que considera prioritário para a compreensão de um conjunto*¹²⁷. Assim, novas significações podem surgir durante esse processo. Para que fique mais claro, deixo a narrativa utilizada em minha pesquisa de mestrado em Educação: *A última vez que mencionei a lenda, em uma das oficinas, havia crianças na narrativa. Ouvi ou li alguma vez uma lenda que contava que as crianças de uma comunidade indígena possuíam muitos pesadelos em função da guerra e de conflitos entre os povos indígenas e não-indígenas. Desse modo, o Espírito da Aranha havia pedido ao Xamã da comunidade que tramasse um filtro dos sonhos, com cipó, fio e penas e o colasse na cabeceira da cama das crianças para que seus sonhos fossem carregados de boas energias, e para que os adultos soubessem interpretar a mensagem que era enviada pelo Grande Espírito do Mundo enquanto dormiam*¹²⁸.

¹²⁶ KOHLS, Tatiani Müller. **Tramando sonhos: infâncias e representações**. 2018, 133 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Programa de Pós Graduação em Educação, Universidade Federal de Pelotas. (p. 11-12).

¹²⁷ GINZBURG, Jaime. A interpretação do rastro em Walter Benjamin. In: SEDLMAYER, Sabrina; GINZBURG, Jaime (Orgs.). **Walter Benjamin: rastro, aura e história**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2012. (p. 120).

¹²⁸ KOHLS, Tatiani Müller. **Tramando sonhos: infâncias e representações**. 2018, 133 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Programa de Pós Graduação em Educação, Universidade Federal de Pelotas (p. 61-62).

Outras narrativas e a mitologia por trás do filtro dos sonhos será discutida posteriormente. Quero ressaltar neste momento apenas como conduzia o processo de construção desse objeto.

Depois da história do filtro dos sonhos, cada estudante escolhia o tamanho que queria confeccionar o filtro dos sonhos e as cores dos fios, haviam cipós e argolas de vários tamanhos e fios de diversas cores. Alguns escolhiam cipós e argolas pequenas pensando que seriam mais fáceis de fazer, outros escolhiam argolas grandes, por que possuiam muitos sonhos. Para a construção do filtro dos sonhos necessitava dos seguintes materiais: cipó¹²⁹, fio encerado, sementes ou miçangas e penas¹³⁰. Amarro o primeiro nó no cipó e com o fio vou construindo a trama seguindo um movimento de entrelaçamento do fio no cipó. Depois, vou entrelaçando fio a fio até chegar ao centro. Seguindo este movimento, de tramar o fio e amarrando-o com pequenos nós, em um movimento que vai e vem, similar ao da costura, e seguindo a circularidade do cipó, temos ao final, a construção de uma trama, tal qual uma teia de aranha. Ao ornamentar o cipó com sementes e penas, temos ao final, a construção de um filtro dos sonhos.

Após ensinar a fazer esse objeto artesanal, pedia que aqueles jovens que participaram da oficina escrevessem um sonho em um pedaço de papel, e me entregasse, nesse sentido, o sonho do qual pedia que escrevessem era sempre o sonho que sonhamos acordado, de coisas que almejamos. A maioria desses sonhos são anônimos, outros seguem com o nome do *sonhante*. Saliento que as oficinas de criação de filtro dos sonhos, apesar de fazerem parte das minhas aulas de sociologia, transcorriam de forma livre e os/as estudantes poderiam participar ou não da atividade proposta. Ressalto ainda que esses “dados” – ou melhor, sonhos, serão tratados com responsabilidade e confidencialidade e serão mantidos em minha posse, arquivados em forma física e digital.

Foi através dessas oficinas de confecção de filtro dos sonhos que durante minha trajetória como educadora, fui coletando sonhos. Assim, o filtro dos sonhos se apresenta aqui como uma proposição artística e metodológica, afim de pensar sobre práticas educativas que sejam sensíveis, críticas e transformadoras e como um movimento de escrita que opera pelas tramas e pelos sonhos.

¹²⁹ Planta trepadeira retirada da mata. Muitos dos filtros dos sonhos são confeccionados em um aspecto mais natural que se utiliza dessa planta.

¹³⁰ As penas utilizadas são penas que as aves perdem devido a um processo natural desses animais. Não são arrancadas penas de nenhuma ave e também não são utilizadas penas de espécies preservadas. A maioria das penas utilizadas são penas de galinhas, patos ou gansos.

Outro movimento importante dentro da minha trajetória como educadora e que visa por práticas sensíveis e reflexivas é uma atividade que denomino de Trama. A Trama consiste em um dinâmica realizada em grupo. Sento em círculo com os alunos/as, de preferência no chão e utilizo um novelo de lã para conduzir a dinâmica. Seguro uma ponta do novelo de lã e começo a explicar atividade: cada um irá contar algo sobre sua vida, uma história, um acontecimento marcante, aquilo que se sentir mais à vontade de compartilhar com o grupo. Ressalto que tudo que for dito ali, ficará ali. Sempre começo contando uma parte da minha história, falo sobre as dificuldades de estudar quando se vive no campo e um pouco da minha trajetória. Seguro a ponta do fio de lã e lanço o novelo para que as histórias continuem a serem contadas. E assim, todos contam sobre algo que vivenciaram, sobre suas dificuldades e conquistas. Cada um conta aquilo que se sente à vontade. Depois de falar, enrola-se a lã na mão e passa-se o novelo de lã para outra pessoa, e assim segue até concluirmos uma trama, feita de lã, feita de histórias.

Nessa trama, nossas histórias e experiências se conectam, se aproximam ou se afastam, conforme os relatos. Muitas vezes passamos todo o período escolar ao lado de colegas e não sabemos sobre sua história, foi o que observei ao longo de 2 anos desenvolvendo essa atividade. Tanto em turmas com 30/40 alunos/as, como em turmas menores, com 10/15 alunos/as. Aqueles jovens que se viam todos os dias e assistiam aulas juntos, quase não se conheciam. Não conheciam as dores, as perdas, os sonhos, as vitórias e a trajetória de seus colegas, que muitas vezes se aproximavam do que aqueles estudantes também viviam.

Em muitas Tramas, as palavras vinham seguidas do choro, como um desabafo que precisava ser dito. Nesses momentos, geralmente contamos sobre aquilo que nos dói, sobre o peso que carregamos e que queremos compartilhar. Meus alunos/as sempre diziam que gostavam das minhas aulas pois eles podiam falar. Temos a necessidade de falar, a comunicação é algo essencial na vida em sociedade, mas ao mesmo tempo, há pouco espaço para que possamos nos expressar. A Trama, era um desses momentos, guiado com sensibilidade e respeito, onde tínhamos nosso espaço de fala.

Muitas vezes me perguntavam: *Mas porque tu faz isso?*

Faço porque acredito que seja essencial!

Eduardo Galeano diz que somos feitos de histórias... *Os cientistas dizem que somos feitos de átomos, mas um passarinho me diz que somos feitos de histórias*¹³¹. Creio que seja por isso que *faço isso*. Como Benjamin¹³² aponta, quando se refere a pobreza de experiência, fomos perdendo a capacidade de narrar e contar histórias. Quando a gente conta uma história a gente tem a possibilidade de se colocar no lugar do outro e se ver também nas histórias compartilhadas. *Todos nós um dia tivemos vontade de contar a nossa história. Todos tivemos uma professora que pediu para fazer uma redação contando nossa história*¹³³.

Nessa dinâmica, ouvi tantas histórias. Histórias que nunca haviam sido compartilhadas, mas que pediam para serem contadas. Vi estudantes pedindo desculpas uns aos outros por atos cometidos no passado, por não compreenderem o que levava uma pessoa a ser como era, ou, a pensar o que pensava. Ouvi histórias de pais que fizeram de tudo para manter seus filhos na escola, pais que trabalhavam duramente para pagar a passagem de ônibus, porque sabem que o estudo é importante... talvez essa seja a única esperança de sair de uma realidade dura. Ouvi tantas vezes, sobre a separação dos pais e o quanto crianças e adolescentes precisaram amadurecer tão cedo. Ouvi ainda, sobre a dificuldade de se morar longe de casa aos 15 anos, e sobre a saudade, pela distância e pela perda. Ouvi sobre a dificuldade de se libertar das amarras religiosas, ouvi histórias de enfrentamento e sobre erros cometidos por se ser muito jovem. *A gente deveria ter mais momentos como esse. Se lá no 1º semestre tivéssemos feito isso, a gente entenderia melhor as pessoas* – me disse a menina com lágrimas nos olhos durante uma dessas Tramas.

É por meio do fazer educativo sensível e artístico que a Trama privilegia as narrativas individuais e coletivas, permitindo a experimentação, a troca de saberes e conhecimentos. É a partir desse movimento que as narrativas se aproximam ou se afastam, que damos espaço para as palavras, para o afeto, para o choro, para os abraços. Construímos uma narrativa que perpassa o individual e se encontra no coletivo, discutimos, a partir dessas histórias, a face da realidade social em que estamos inseridos, e essas narrativas também se encontram e se aproximam das forças políticas e transformadoras. *La trama representa un saber incluyente, um saber*

¹³¹ Disse Eduardo Galeano ao apresentar seu novo livro "Os filhos dos dias". GALEANO, Eduardo. Algunos de "Los hijos de los días" de Eduardo Galeano. **YouTube**. Online. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=zgnjI3UD5s8>>; Acesso em: 05 ago. 2022.

¹³² BENJAMIN, Walter. **Magia e técnica, arte e política**. Obras escolhidas V. 1. São Paulo: Brasiliense, 1994.

¹³³ ARROYO, Miguel. Prefácio. In: BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **História do menino que lia o mundo**. São Paulo: Expressão Popular, 2014. (p.07).

resultado de intercambios de estímulos y reacciones, de afectos y afectaciones, de entrelazamientos en que cada sujeto podrá incluir en su devenir encarnado sus propias categorías en relación a su experiencia, a los atravessamientos teóricos, estéticos, éticos, afectivos, eróticos y emotivos, y dichas categorías son desarrolladas en la trama de la vida, en nuestro estar ligados a la experiencia social y personal, a las tecnologías cognitivas, sociales, físico-químicas, biológicas y comunicacionales com las que convivimos¹³⁴.

Canal também aponta para o sentido em que tecemos a trama: *es e lacto de transformación em el movimiento, em los ires y venires, em el adentro y el afuera. El acto de tejer es también entrelizado social. Em tal sentido, este movimiento de circularidade sin fin, em que el principio se encuentra com el final, hilar es e lacto de regressar al avanzar o de avanzar regressando hacia la matricidad como metáfora de pro-creación en el oikos del aqui y el ahora¹³⁵.* A trama segue um fluxo dentro de uma ideia de circularidade, vai e volta, se entrelaça, e o início sempre se encontra com o fim, como o fim sempre se encontra com o início.

Nesse sentido, a Trama se mostra como um movimento e como possibilidade de troca de saberes e de conhecimentos. A proposição artística do filtro dos sonhos pode ser utilizada como um recurso pedagógico para uma aproximação com as juventudes e os sonhos, possibilitando a criação de um diálogo sensível e crítico. E os Nós são os pontos que se articulam e possibilitam fazer da Trama um lugar de resgate da experiência. Desse modo, nossas histórias, nossas narrativas e nossos sonhos podem ser colocados como forma de olhar para mundo, para os processos sociais dos quais estamos inseridos e para o fazer educativo.

¹³⁴ CANAL, Carlos Yáñez. El pluralismo de las ciencias sociales: Hacia la construcción de una trama de tramas. In: BUSSOLETTI, D. M.; CANAL, C. Y.; GUEVARA, A. E.; LANDÍN, D. M. (orgs). **Pluralismo nas Ciências Sociais:** da multiplicidade à diferença. Pelotas: Editora Universitária/UFPel, 2011. (p. 22).

¹³⁵ Ibidem (p. 23).



ANDUJAR, Claudia. Série Sonho Yanomami, 2022.

A ARTE DE TECER

O ato de fiar e tecer em muitas mitologias e culturas está sempre ligado a figura feminina. Na mitologia Grega temos a figura das Moiras, responsáveis pelo destino de todos. As Moiras fiam a trama da vida decidindo os momentos de cada encontro ou desencontro e depois de examinar e medir a vida de cada ser, decidem o momento de cortar o fio da vida¹³⁷.

Outra figura conhecida é Penélope, que promete se casar com um novo pretendente após terminar de tecer uma colcha. Durante o dia ela tece e a noite ela desfaz secretamente seu trabalho, retardando sua decisão e esperando o retorno de Ulisses. O fio condutor de Ariadne também é conhecido, e ao ser desenrolado por Teseu, evita que ele se perca no labirinto e permite sua saída após matar o Minotauro¹³⁸.

Aracne é conhecida por sua habilidade em tecer. Aracne desafia Atena na arte da tecelagem para mostrar que possuía melhores habilidades que a deusa, e ao realizar um trabalho tão belo e ganhar o desafio, Aracne é transformada em aranha¹³⁹. Machado¹⁴⁰ descreve o mito de Aracne como: *Um mito fascinante, de uma tecelã que confia tanto em sua habilidade que se sente capaz de desafiar a divindade para um concurso de tecelagem no qual, não apenas tece melhor do que Atena, mas tem a suprema ousadia de usar sua tapeçaria para ilustrar os crimes cometidos, pelos deuses, contra mulheres. Em consequência desse ato, é castigada e transformada em aranha*¹⁴¹.

¹³⁷ BERNARDINO, Adriana. **O tear das Moiras**. São Paulo: FDT, 2007.

¹³⁸ VASCONCELLOS, Paulo Sérgio de. **Mitos Gregos**. São Paulo: Objetivo, 1998.

¹³⁹ LESSA, Fábio de Souza. Expressões do feminino e a arte de tecer tramas na Atenas clássica. **Humanitas**, v.63, p. 143-156, 2011.

¹⁴⁰ MACHADO, Ana Maria. O Tao da teia – sobre textos e têxteis. In: **Estudos Avançados**, 17 (49), 2003.

¹⁴¹ Ibidem (p. 178).

Outra história mitológica conhecida é a de Filomena: *raptada e violada por seu cunhado Tereus que, em seguida, inventa que ela morreu, tranca-a numa torre e lhe corta a língua para impedir que testemunhe contra ele. Mesmo prisioneira, a moça consegue tecer a narrativa de sua história e faz com que a tapeçaria chegue às mãos de sua irmã – boa leitora, que, imediatamente, decodifica a mensagem e entende o que aconteceu, podendo assim encontrar a irmã e buscar justiça*¹⁴².

Essas são as personagens mais conhecidas da mitologia grega que possuem técnicas de tecer e fiar e se utilizam de suas habilidades para realizar alguma função ou alcançar algum objetivo. A arte de tecer, na Grécia antiga, também era uma forma de se comunicar e de contar histórias. A tecelagem era vista como um espaço feminino onde as mulheres se reuniam em grupos para tecer e juntas estabeleciam um lugar de trocas, de falas, de informações e espaços de transmissão de conhecimento¹⁴³.

A arte de narrar e de contar histórias entre as mulheres enquanto teciam é também defendida por Machado, que aproxima a ideia de escrita, fiação, tecer e teia, pois no momento em que tecemos, construímos uma autonomia na criação, e mediante o ato de fiar ou tecer, forma-se uma aliança entre tecer, contar histórias e a escrita... *Esses espaços de fiação e tecelagem, predominantemente femininos, onde muitas vezes os homens vinham também se reunir no fim do dia para ouvir histórias, constituíam, portanto, um recinto que associava a criação de têxteis e de textos, os dois signos mais evidentes da condição humana frente aos animais. Marcas de cultura e civilização*¹⁴⁴. Além dessa relação entre a tecelagem e o espaço de trocas e histórias, muitas sociedades, como na Grécia antiga, dependiam da tecelagem como mercadoria de troca e sendo a arte de tecer uma tarefa exclusivamente feminina, a demanda por artigos de trocas fez com que as mulheres ficassem sobre carregadas e confinadas ao espaço doméstico. Além disso, *aliadas da narrativa, a fiação e a tecelagem tinham sentido para as mulheres que as criavam*¹⁴⁵, dominando seu processo criativo e narrativo nas peças de tecelagem e nos bordados das quais criavam.

¹⁴² MACHADO, Ana Maria. O Tao da teia – sobre textos e têxteis. In: **Estudos Avançados**, 17 (49), 2003. (p. 188).

¹⁴³ LESSA, Fábio de Souza. Expressões do feminino e a arte de tecer tramas na Atenas clássica. **Humanitas**, v.63, p. 143-156, 2011.

¹⁴⁴ Ibidem (p. 182).

¹⁴⁵ Ibidem (p. 192).

Seguindo pelos fios e tramas, parto para a reflexão sobre a figura da aranha, que se apresenta como Anansi dentro da mitologia africana: *o mito de Anansi remonta a uma época na qual não haviam histórias para serem contadas, elas pertenciam ao deus Nyame e ficam no Céu, dentro de um baú. As pessoas se relacionavam uma com as outras, mas não haviam histórias para serem contadas. Então, Anansi subiu ao Céu para encontrar Nyame e comprar as histórias para que pudessem ser contadas em sua aldeia, tecendo e subindo, tecendo e subindo, até chegar. Nyame pediu para Anansi três presentes, em troca do baú com as histórias. Osebo (leopardo com dentes de sabre), Mmboro (marimbondos que picam como fogo) e Moatia (a fada que nenhum homem viu) eram os desejos do deus. Anansi concorda e retorna a Terra, ao início de sua teia, capturando os três presentes. Retorna ao Céu e para surpresa de Nyame, lhes entrega os três desejos. Assim, o deus entrega à aranha o baú que contém todas as histórias, e desde aquele dia estas passaram a ser de Anansi, que as espalhou para toda a humanidade com sua teia*¹⁴⁶. A aranha, em muitas mitologias, é um símbolo de criatividade, escrita e invenção de histórias, e o mito de Anansi contribui para pensarmos sobre a manutenção das histórias, as histórias que contamos, que escrevemos, que criamos, e quem sabe, o resgate de histórias já esquecidas, guardadas dentro de um báu do qual poucos possuem acesso.

Assim como a teia de Anansi carrega as histórias, a teia do filtro dos sonhos, também chamado de apanhador de sonhos, feita por uma aranha, captura os sonhos. Partimos para o mito da Mulher Aranha¹⁴⁷ encontrado nos povos indígenas do Canadá:

[...] *Havia uma mulher muito especial que era responsável pelas crianças. Seu nome era Mulher Aranha, um nome provavelmente dado como era costume na tradição indígena. O trabalho dela [...] era tecer esses apanhadores de sonhos e pendurá-los sobre o berço de um bebê enquanto ele dormia. À medida que sua popularidade aumentava, no entanto, comprovou ser demais para a Mulher-Aranha assumir essa tarefa, pois ela não podia viajar de um local para outro e tentar cuidar de todas as crianças. Então, naquela época, ela passou a teia (técnica) para as tias, avós e mães, para cuidar da teia das crianças e dos jovens. Os apanhadores de sonhos eram feitos de salgueiro. A pequena abertura no centro da teia permitia*

¹⁴⁶ HAETER, Leandro; BARBOSA JÚNIOR, Hélcio Fernandes; BUSSOLETTI, Denise Marcos. As teias de Anansi e a tessitura de histórias na manutenção de identidades negras: um olhar afrocêntrico de Conhecimento. **Identidade!** v.18 n. 3, p. 372-381, 2013.

¹⁴⁷ A Mulher Aranha (*Kokyangwuit*) foi criada por *Sotunknang* para lhe ajudar a criar vida. *Sotunknang* foi criado pelo Criador *Taiowa* para lhe ajudar a organizar a vida. AMMSA.COM. Hopi tale of four worlds. Disponível em: <<https://www.ammsa.com/publications/windspeaker/hopi-tale-four-worlds>>; Acesso em: 30 dez. 2022.

*que os bons sonhos passassem e se filtrassem pelas penas penduradas no apanhador de sonhos e nas mentes sonhadoras das crianças. [...] Quanto à forma do apanhador de sonhos original, foi feito em círculo - uma representação do sol que viaja pela terra*¹⁴⁸.

Encontrei essa descrição sobre a origem do apanhador de sonhos no site da *Aboriginal Multi-Media Society of Alberta* (AMMSA), que reúne diversas informações sobre a população indígena do Canadá, sendo o apanhador de sonhos atribuído originalmente ao povo *Ojibwe*. O apanhador de sonhos se tornou popular e começou a se espalhar nas comunidades nativas americanas nas décadas de 1960 e 1970 a partir do *Pan-Indian Movement*¹⁴⁹. Nudrat Karim descreve a história de *Asibikaashi* como:

*Asibikaashi era a guardiã de todas as crianças e adultos Ojibwe. À medida que os Ojibwe começaram a migrar geograficamente por toda a América do Norte, a tarefa tornou-se muito grande para Asibikaashi cumprir sozinha. Assim, as mulheres foram encarregadas de tecer as teias ao lado de colocar amuletos destinados a proteger o bebê. Os encantos capturariam qualquer dano que cercasse a criança a qualquer momento*¹⁵⁰.

Em outra variação, encontramos a seguinte descrição:

Uma avó assistia pacientemente todos os dias enquanto uma aranha tecia sua teia sobre seu local de dormir até que um dia seu neto notou a aranha e tentou matá-la.

“Não a machuque,” disse ela ao menino em um tom suave, surpreendendo-o.

“Mas vovó, você não deveria proteger essa aranha.”

Quando o neto foi embora, a aranha agradeceu a proteção da mulher e lhe ofereceu um presente. “Vou tecer uma teia que fica pendurada entre você e a lua para que, quando você sonhar, ela capture os maus pensamentos e os afaste de você.”

*Com isso, a avó sorriu e continuou a observar a aranha tecendo sua teia*¹⁵¹.

¹⁴⁸ AMMSA.COM. Where did the Ojibwe dream catcher come from? Disponível em: <<https://www.ammsa.com/publications/alberta-sweetgrass/where-did-ojibwe-dream-catcher-come-0>>; Acesso em: 30 dez. 2022. Tradução livre da autora.

¹⁴⁹ KARIM, Nudrat. Dreamcatchers are not your “aesthetic”. In: **The Indigenous Foundation**. Disponível em: <<https://www.theindigenousfoundation.org/articles/dreamcatchers>>; Acesso em: 30 dez. 2022.

¹⁵⁰ KARIM, Nudrat. Dreamcatchers are not your “aesthetic”. In: **The Indigenous Foundation**. Disponível em: <<https://www.theindigenousfoundation.org/articles/dreamcatchers>>; Acesso em: 30 dez. 2022. Tradução livre da autora.

¹⁵¹ Ibidem.

Em outra variação temos a figura da aranha representada por *Iktomi*, numa versão *Lakota*:

Ao receber uma visão espiritual no alto de uma montanha, um líder Lakota conheceu Iktomi, um trapaceiro que também possuía grande sabedoria. Aparecendo ao líder na forma de uma aranha, Iktomi fez um aro de salgueiro e teceu uma teia dentro dele. Ele disse ao velho Lakota que muitas forças, tanto brilhantes quanto escuras, tentariam entrar nos sonhos das pessoas e que o apanhador de sonhos que ele estava fazendo capturaria as forças brilhantes e permitiria que as escuras escapassesem e queimassem. Iktomi instruiu o velho a fazer apanhadores de sonhos para seu povo, para que todos pudessem alcançar um futuro brilhante, capturando os bons sonhos que são soprados pelos ventos da noite¹⁵².

A principal diferença entre as versões *Objibwe* e *Lakota* são que para os *Objibwe* o apanhador de sonhos captura os sonhos ruins, permitindo que os sonhos bons passem pela teia, já para os *Lakota*, os sonhos bons que são capturados pela teia. Nudrat Karim destaca a importância dos sonhos para o povo *Objibwe*: *Na cultura Ojibwe, os sonhos têm significado e oferecem uma visão sobre diferentes propósitos. Por exemplo, profecias, nomes, força espiritual e simbolismo. Os sonhos são frequentemente associados a mensagens de espíritos que informam sobre seu eu mais profundo e orientam a comunidade. Compartilhar e interpretar sonhos é uma faceta importante para a construção da comunidade e informar uns aos outros, compartilhando suas próprias experiências e perspectivas com os outros como forma de educar uns aos outros. Os sonhos muitas vezes fornecem informações sobre como a pessoa viveu e como seus pais viveram. A pessoa é parte da terra como a terra é parte do indivíduo. Em essência, os sonhos criam familiaridade com o desconhecido¹⁵³.*

A arte de trançar está também vinculado a produção artesanal e *para as comunidades indígenas*, “*trançar é uma maneira de contar histórias e de pensar no sentido da vida*”¹⁵⁴. Ballivián destaca que: *para os Wayúu (família linguística Arawak) da península de la Guajira, entre os territórios da Colômbia e da Venezuela, ‘ser mulher é saber tecer’*. *Eles conservam*

¹⁵² Ibidem.

¹⁵³ KARIM, Nudrat. Dreamcatchers are not your “aesthetic”. In: **The Indigenous Foundation**. Disponível em: <<https://www.theindigenousfoundation.org/articles/dreamcatchers>>; Acesso em: 30 dez. 2022. Tradução livre da autora.

¹⁵⁴ KOCH, Inglore Starke. Apresentação. In: BALLIVIÁN, José M. Palazuelos (Org.). **Artesanato Kaingang e Guarani: Territórios Indígenas – Região Sul**. São Leopoldo: Oikos, 2011. (p. 09).

*rituais de iniciação que introduzem as adolescentes na arte da tecelagem*¹⁵⁵. Assim como na mitologia grega, onde tecer era uma tarefa exclusivamente feminina, pode-se observar que a construção do filtro dos sonhos também é destinada e ensinada as mulheres *Objibwe*, e entre as comunidades indígenas, como os *Wayúu*, tecer é ato destinada as mulheres. Entre o povo *Huni Kuin*, localizado no Acre, são as mulheres artesãs responsáveis pela tecelagem, na qual a produção artesanal é coletiva e feminina e *as mulheres mais velhas são as guardiãs e mestras da arte da tecelagem e também dos cantos rituais*¹⁵⁶. O canto faz parte do processo de tecelagem entre os *Huni Kuin* e a figura da aranha se mostra presente em sua cosmovisão: *as artesãs cantam pedindo a força das aranhas para tecer rapidamente, já que segundo sua cosmologia o fio colhido pela aranha já saía pronto, sem a necessidade de bater ou fiar*¹⁵⁷.

Lembro que ainda criança fui iniciada na arte de tecer, aprendi a fazer crochê com minha mãe e mais tarde aprendi tricô com um grupo de mulheres da comunidade. Nunca me dediquei a fazer peças elaboradas, mas volta e meia sinto a necessidade de tirar as mãos do teclado, deixar os livros de lado e tecer... seja peças em tricô, em crochê ou filtro dos sonhos. Creio, que há uma ligação um tanto mágica entre os sonhos, o artesanato, os ciclos da vida, os mitos, as mulheres e a própria natureza... há uma sabedoria que se revela através das tessituras, das narrativas e das peças artesanais... Há uma história que está sendo contada através da mitologia e do filtro dos sonhos, saberes e experiências que através do processo de construção do artesanato vão sendo compartilhados e passados de geração em geração.

Nesse sentido, o filtro dos sonhos se coloca como um elemento artesanal que carrega técnicas, mitos e uma sabedoria ancestral, e ao toma-lo como um instrumento pedagógico, além de explorar a criação artesanal, incentivo os/as estudantes a compartilharem suas histórias e refletirem sobre os processos sociais dos quais estamos inseridos. Assim, pelas tramas e pelos sonhos que surgem desse processo, a Trama se coloca como um espaço renovado de trocas, e os sonhos uma potência em busca de transformação.

¹⁵⁵ BALLIVIÁN, José M. Palazuelos (Org.). **Artesanato Kaingang e Guarani: Territórios Indígenas – Região Sul.** São Leopoldo: Oikos, 2011. (p. 21).

¹⁵⁶ SANTANA, Amanda. Tecelagem Huni Kuin: os Kenes e sabedoria que vem dos Japiins. In: **TUCUM:** plataforma de conteúdo pela re-existência dos povos indígenas do Brasil. Online. Disponível em: <<https://site.tucumbrasil.com/tecelagem-huni-kuin/>>; Acesso em: 02 jan. 2023.

¹⁵⁷ Idem.

De mala pronta

Havia apenas dois caminhos. Apostei tudo e tudo para mim era apenas uma mala. Uma mala com lembranças, fotografias, livros, algumas roupas e muitos sonhos. Rezava, por vezes, pedindo que as Moiras tramassem bons caminhos para seguir.

Os caminhos possíveis: continuar na busca dos meus sonhos, ou voltar para a casa dos meus pais, pequenos agricultores que vivem na zona rural de Pelotas. Ao voltar, meu destino seria o trabalho no campo. Não que eu não ache digno, pelo contrário, tenho orgulho de poder dizer que vim desse lugar e que meus pais me apoiaram para seguir esse caminho, até então desconhecido – a formação acadêmica. Nunca ninguém da minha família chegou tão longe dentro do campo dos estudos e da pesquisa, e ao ficar, poderia seguir o sonho da busca por novos conhecimentos e a defesa de uma tese.

Após uma série de medições, a decisão final foi dada e o nó amarrado pelas Moiras. Desfaço a mala, para seguir ao ficar, e penetro pelos caminhos da pesquisa com o cuidado e a sensibilidade que me habitam e também com a força e a luta que se fazem necessários para que o sonho continue a ser sonhado.¹⁵⁸

¹⁵⁸ KOHLS, Tatiani Müller. Caderno de campo. Escrito no outono de 2018.

OUTRAS PEDAGOGIAS SÃO POSSÍVEIS?

A busca de Outras Pedagogias possíveis surge como forma de repensar as práticas educativas, tomando o filtro dos sonhos como uma proposição artística, e os sonhos como uma alegoria para pensar sobre contemporaneidade. O conceito de Outras Pedagogias é apresentado por Miguel Arroyo , como a constituição de outros saberes e outros campos de conhecimento que se afirmam através de “Outros Sujeitos”, sendo estes, sujeitos marginalizados, como: *quilombolas, indígenas, povos da floresta, movimento feminista, negro, de orientação sexual, pró-teto, moradia, pró-escola/universidade...* *Sujeitos sociais, invisibilizados, apenas destinatários de programas sociais compensatórios e de políticas educativas se mostrando presentes, visíveis, resistentes. Em que aspectos essas presenças afirmativas de Outros Sujeitos interrogam as teorias pedagógicas e pressionam por Outras Pedagogias?*¹⁵⁹.

Nesse contexto, reivindico os sonhos como um lugar Outro, do qual também podemos produzir conhecimentos. *Quem são essas populações que tomaram consciência política a ponto de tornar o século XX e continuar tornando o início do XXI os mais revolucionários de nossa história? Em nossas sociedades latino-americanas são os grupos sociais que se fazem presentes em ações afirmativas nos campos, nas florestas, nas cidades, questionando as políticas públicas, resistindo à segregação, exigindo direitos. Inclusive o direito à escola, à universidade. São os coletivos sociais, de gênero, etnia, raça, camponeses, quilombolas, trabalhadores empobrecidos que se afirmam sujeitos de direitos. Outros Sujeitos. São seus filhos e suas filhas que se fazem presentes nas escolas públicas e que exigem o acesso às universidades. São os outros educandos*¹⁶⁰.

Diante dessa passagem de Arroyo, me coloco também como *outros educandos*, vinda do campo, filha de trabalhadores rurais, sendo uma das primeiras pessoas da família a ter acesso

¹⁵⁹ ARROYO, Miguel G. **Outros Sujeitos, Outras Pedagogias**. Petrópolis: Vozes, 2012. (p. 25-26).

¹⁶⁰ Ibidem (p. 09).

à universidade, e a primeira a chegar tão longe dentro do campo da pesquisa acadêmica. Eu, enquanto Outros Sujeitos e *outros educandos*, carrego uma leitura de mundo outra, com experiências e vivências que se fazem capazes de interrogar nosso sistema educacional e pedagógico, e ainda, mostrando novas formas de pensar e fazer a educação. Uma educação e construção do conhecimento que rompa com os moldes hegemônicos e de dominação, buscando, Outras Pedagogias possíveis. É nesse sentido que essa tese se sustenta, olhando para o processo de educação a partir do meu lugar de Outros Sujeitos e *outros educandos*, buscando outros caminhos possíveis, que aqui se trama pelos sonhos.

Esses Outros Sujeitos foram durante muito tempo colocados como inferiores e oprimidos pelo padrão imposto de pedagogias e conhecimentos: *foram submetidos à destruição de seus modos de pensar, de pensar-se, de destruição de suas culturas, identidades, memórias, que não foram reconhecidos produtores da história da produção intelectual e cultural*¹⁶¹. Ressalto, que as formas de pensar e saberes produzidos por esses Outros Sujeitos, são formas, concepções e leituras de mundo que buscam pelo reconhecimento e valorização dentro dos processos históricos e pedagógicos. Olhar para essas Outras formas de se pensar o mundo, é olhar para grupos que, diante a história, foram inferiorizados e esquecidos, mas que resistem, lutam e sonham, e produzem práticas e discursos que valorizam suas culturas, identidades e diversidades. Diante disso, defendo que a construção do conhecimento não seja dominador e colonizador, mas que leve em consideração o contexto social e cultural do qual ele está sendo produzido.

Assim como Arroyo afirma, reconhecer estas Outras Pedagogias e estes Outros Sujeitos, é reconhecer também uma mudança e ruptura nos processos pedagógicos. De um lado temos a defesa e busca de pedagogias de humanização, sensíveis e de emancipação, do outro, o reconhecimento de pedagogias desumanas e de subordinação. *Essas tensões vêm de longe na história da colonização/subordinação dos povos indígenas, negros, mestiços, camponeses. Uma história de tentar impor processos ‘educativos’ destruindo os seus processos históricos*¹⁶².

O processo histórico e as formas de se conhecer o mundo não são lineares. Durante séculos apenas uma narrativa foi submetida para contar a história, seja a história das infâncias, dos indígenas, dos negros, dos camponeses e tantos outros povos que possuem suas

¹⁶¹ ARROYO, Miguel G. **Outros Sujeitos, Outras Pedagogias**. Petrópolis: Vozes, 2012. (p. 13).

¹⁶² Ibidem (p. 29).

particularidades e suas visões sobre os diferentes aspectos da história, mas que sempre foram invisibilizados pelos discursos tidos como “válidos”. O conhecimento é uma Trama que se entrelaça de múltiplos processos, ela inclui e possibilita um fluxo de narrativa heterogêneo e transformador.

Para pensar sobre a busca de outras práticas educativas, tomo também as contribuições de Paulo Freire, que no livro *Pedagogia dos sonhos possíveis* aponta para uma educação e um mundo mais humanizado e o compromisso político, ético e democrático, projetando sonhos de mudança, a partir de uma visão crítica da sociedade. Ou como o próprio Paulo Freire diz: *para mim, é impossível existir sem sonhos*¹⁶³. Reavivar os sonhos, ou a capacidade de sonhar é uma forma de olharmos para a realidade e o futuro. Freitas, no prefácio da obra de Paulo Freire, destaca que: *incluir-se na luta por sonhos possíveis implica assumir um duplo compromisso: o compromisso com a denúncia da realidade excludente e o anúncio de possibilidades de sua democratização, bem como o compromisso com a criação de condições sociais de concretização de tais possibilidades*¹⁶⁴. Para Freire, nós educadores deveríamos *criar meios de compreensão de realidades políticas e históricas que deem origem a possibilidades de mudança*¹⁶⁵. E aqui, seria o sonho um desses meios, que possibilita olhar para o contexto social e político, e a partir dos sonhos, podemos buscar e construir possibilidades de mudanças.

Sobre o sonho, Freire aponta que *não há mudança sem sonhos, como não há sonho sem esperança*¹⁶⁶. Para Freire os discursos neoliberais e as forças reacionárias *preconizam que não há necessidade de se continuar falando de sonhos, utopia ou justiça social*¹⁶⁷, e ainda, *acusando sonho e utopia não apenas de inúteis, mas também de inoportunos enquanto elementos que fazem necessariamente parte de toda prática educativa desocultadora das mentiras dominantes*¹⁶⁸. O sonho, nas palavras de Freire, *não é apenas um ato político necessário, mas*

¹⁶³ FREIRE, Paulo. **Pedagogia dos sonhos possíveis**. Ana Maria Araújo Freire (organizadora). 2^a ed. São Paulo: Paz e Terra, 2018. (p. 49).

¹⁶⁴ FREITAS, Ana Lúcia Souza de. **Prefácio – Pedagogia dos sonhos possíveis: a arte de tornar possível o impossível**. In: FREIRE, Paulo. **Pedagogia dos sonhos possíveis**. Ana Maria Araújo Freire (organizadora). São Paulo: Editora UNESP, 2001. (p. 28).

¹⁶⁵ FREIRE, Paulo. **Pedagogia dos sonhos possíveis**. Ana Maria Araújo Freire (organizadora). 2^a ed. São Paulo: Paz e Terra, 2018. (p. 49).

¹⁶⁶ FREIRE, Paulo. **Pedagogia da esperança: um reencontro com a Pedagogia do oprimido**. Notas de Ana Maria Araújo Freire. São Paulo: Paz e Terra, 1992. (p. 126).

¹⁶⁷ FREIRE, Paulo. **Pedagogia dos sonhos possíveis**. Ana Maria Araújo Freire (organizadora). 2^a ed. São Paulo: Paz e Terra, 2018. (p. 49).

¹⁶⁸ FREIRE, Paulo. **Pedagogia da esperança: um reencontro com a Pedagogia do oprimido**. Notas de Ana Maria Araújo Freire. São Paulo: Paz e Terra, 1992. (p. 13).

também uma conotação da forma histórico-social de estar sendo de mulheres e homens. Faz parte da natureza humana que, dentro da história, se acha em permanente processo de tornar-se¹⁶⁹. Desse modo, o sonho pode vir a ser condutor e construtor da história, isso porque, como aponta Freire, *não há utopia verdadeira fora da tensão entre a denúncia de um presente tornando-se cada vez mais intolerável e o anúncio de um futuro a ser criado, construído, política, estética e eticamente, por nós, mulheres e homens. A utopia implica dessa denúncia e esse anúncio, mas não deixa esgotar-se a tensão entre ambos quando da produção do futuro antes anunciado e agora um novo presente. A nova experiência de sonho se instaura, na medida mesma em que a história não se imobiliza, não morre. Pelo contrário, continua*¹⁷⁰.

Dentro dessa relação, onde a utopia e os sonhos podem ser colocados como a possibilidade de um futuro a ser criado, Freire¹⁷¹ aponta que a compreensão da história precisaria ser vista como *possibilidade*, e não a partir de uma *concepção determinista*, visto que dentro de uma visão de futuro já pré-concebido, os sonhos não encontraria seu espaço. *Na verdade, toda vez que o futuro seja considerado como um pré-dado, ora porque seja a pura repetição mecânica do presente, só adverbialmente mudado, ora porque seja o que teria de ser, não há lugar para a utopia, portanto, para o sonho, para a opção, para a decisão, para a espera na luta, somente como existe esperança. Não há lugar para a educação. Só para o adestramento*¹⁷². E há quem cabe uma educação que não seja libertadora, autônoma e sensível, que rompa com os moldes já pré-estabelecidos?

Sobre o sonho, Freire ainda destaque: *Enquanto projeto, enquanto desenho do “mundo” diferente [...] o sonho é tão necessário aos sujeitos políticos, transformadores do mundo e não adaptáveis a ele*¹⁷³, e em contraponto, o autor salienta os interesses das classes dominantes: *quanto menos as dominadas sonharem sonho [...] quanto menos exercitarem a aprendizagem política de comprometer-se com uma utopia, quanto mais se tornarem abertas aos discursos “pragmáticos”, tanto melhor dominarão as classes dominantes*¹⁷⁴. Sem sonhos, nós estariámos fadados aos sonhos daqueles que detém o poder, ou seja, das classes dominantes. Por isso, a

¹⁶⁹ FREIRE, Paulo. **Pedagogia da esperança: um reencontro com a Pedagogia do oprimido**. Notas de Ana Maria Araújo Freire. São Paulo: Paz e Terra, 1992. (p. 126).

¹⁷⁰ Ibidem (p. 126-127).

¹⁷¹ Ibidem (p. 127).

¹⁷² Ibidem (p. 127).

¹⁷³ Ibidem.

¹⁷⁴ Ibidem.

busca de uma educação transformadora, que possibilite olhar para nossas histórias, nossas narrativas e nossos sonhos é essencial, para que os sonhos de um outro mundo, uma outra educação, uma outra sociedade, possa ser possível.

Sobre a esperança, Freire ainda destaca: *Não quero dizer, porém, que porque esperançoso, atribuo à minha esperança o poder de transformar a realidade e, assim convencido, parto para o embate sem levar em consideração os dados concretos, materiais, afirmindo que minha esperança basta. Minha esperança é necessária, mas não é suficiente. Ela, só, não ganha a luta, mas sem ela a luta fraqueja e titubeia. Precisamos da esperança crítica, como o peixe necessita da água despoluída*¹⁷⁵.

Como educadora acredito profundamente no poder transformador da Educação, assim como Freire, que defende a troca de saberes e experiências, na qual os saberes populares se encontram com o saber científico e reconhece o saber carregado pelos educandos. Acredito nos sonhos como um viés fundamental para pensarmos a sociedade hoje e a sociedade que queremos no futuro, e uma Educação que promove a liberdade, a autonomia e a criatividade é uma Educação que nos coloca em direção aos sonhos. Ou ainda, seguindo por Freire: *O sonho pela humanização, cuja concretização é sempre processo, e sempre devir, passa pela ruptura das amarras reais, concretas, de ordem econômica, política, social, ideológica etc., que nos estão condenando à desumanização. O sonho é assim uma exigência ou uma condição que se vem fazendo permanente na história que fazemos e que nos faz e refaz*¹⁷⁶.

bell hooks¹⁷⁷, aportada na obra de Paulo Freire, também aponta para algumas reflexões que se direciona para a busca de uma educação libertadora, que rompa com o perfil mecanicista de ensinar e transferir conteúdo para o aluno: *Quando a educação é a prática da liberdade, os alunos não são os únicos chamados a partilhar, a confessar. A pedagogia engajada não busca simplesmente fortalecer e capacitar os alunos. Toda sala de aula em que for aplicado um modelo holístico de aprendizado será também um local de crescimento para o professor, que será fortalecido e capacitado por esse processo*¹⁷⁸.

¹⁷⁵ FREIRE, Paulo. **Pedagogia da esperança: um reencontro com a Pedagogia do oprimido**. Notas de Ana Maria Araújo Freire. São Paulo: Paz e Terra, 1992. (p. 14).

¹⁷⁶ Ibidem (p. 137).

¹⁷⁷ A autora utiliza seu nome social em letras minúsculas, desse modo, manterei a forma como a teórica assina seu nome – bell hooks.

¹⁷⁸ hooks, bell. **Ensinando a transgredir: a educação como prática de liberdade**. São Paulo: Editora Martins Fontes. 2017. (p. 35).

Dentro do que bell hooks propõe como uma pedagogia engajada, a autora ainda aponta para a educação voltada para a liberdade e a relação entre aprender e ensinar: *A educação como prática da liberdade é um jeito de ensinar que qualquer um pode aprender. Esse processo de aprendizado é mais fácil para aqueles professores que também creem que sua vocação tem um aspecto sagrado; que creem que nosso trabalho não é o de simplesmente partilhar informação, mas sim o de participar do crescimento intelectual e espiritual dos nossos alunos. Ensinar de um jeito que respeite e proteja as almas de nossos alunos é essencial para criar as condições necessárias para que o aprendizado possa começar do modo mais profundo e mais íntimo*¹⁷⁹. bell hooks ressalta que a pedagogia engajada dá ênfase ao bem-estar, e *necessariamente valoriza a expressão do aluno*¹⁸⁰.

Diante dessa relação de troca e partilha, a autora observa que para que esse espaço seja fortalecido, nós professores também precisamos estar dispostos a partilhar nossas narrativas, e não exigir somente que os estudantes expressem suas experiências. *Os professores que esperam que os alunos partilhem narrativas confessionais mas não estão eles mesmos dispostos a partilhar as suas exercem o poder de maneira potencialmente coercitiva. Nas minhas aulas, não quero que os alunos corram nenhum risco que eu mesma não vou correr, não quero que partilhem nada que eu mesma não partilharia. Quando os professores levam narrativas de sua própria experiência para a discussão em sala de aula, elimina-se a possibilidade de atuarem como inquisidores oniscientes e silenciosos*¹⁸¹.

Para que aja realmente uma educação voltada para a liberdade, para a troca e para a partilha, nós professores e educadores também precisamos *correr riscos*, como aponta bell hooks. Dizer sobre nossas narrativas, nossos lugares, é quase sempre um risco, mas penso e defendo juntamente com a ideia de uma Outra pedagogia que se faz pela Trama, que são justamente nesses atravessamentos que uma potência emerge para que um outro fazer educativo se revele. E nesse sentido, as memórias me atravessam e isso, para além de fazer parte do meu processo de escrita, faz parte de como olho e percebo minha trajetória enquanto educadora e a busca por uma educação sensível. Assim, correndo riscos, sinto que preciso demarcar esse lugar do qual venho. Sinto que preciso dizer sobre esses *restos* para o qual ninguém olha. E nesse atravessamento, que me toma de assalto, lembro de minha vó Frida, que faleceu aos 100 anos

¹⁷⁹ hooks, bell. **Ensinando a transgredir: a educação como prática de liberdade**. São Paulo: Editora Martins Fontes. 2017. (p. 25).

¹⁸⁰ Ibidem (p. 34).

¹⁸¹ Ibidem (p. 35).

de idade e que sabia apenas escrever o seu nome, apesar de falar duas línguas: português e alemão. Olhando para minha trajetória enquanto educadora, me questiono se seguimos o caminho que sonhamos ou foi a única possibilidade que tivemos dentro da nossa realidade? Em minhas memórias, lembro dos meus pais dizendo: *estuda pra ter um futuro melhor*. Filha de pequenos agricultores, com avós analfabetos, não imaginei que chegaria tão longe, ou seja, a primeira da família a ter uma pós graduação, e uma das poucas a ter um curso de graduação. *O meu pai e minha mãe trabalhando na lavoura. Eu ajudava. Minha mãe me levou à escola. Lembro-me do primeiro dia. A escola era muito longe de onde nós morávamos*¹⁸². Essas palavras se encaixam bem no que diz sobre minha trajetória, e penso na necessidade de demarcar esse lugar, para que se compreenda o que quero dizer com essa tese. Os saberes que aqui serão defendidos partem de um lugar esquecido, pouco explorado ou até mesmo perdido...

Não sei dizer se me tornar educadora foi um sonho ou a única possibilidade de uma vida melhor. Do lugar que venho, do meu lugar de infância no campo, ser professor/a era o maior título que os pais/mães poderiam sonhar para seus/suas filhos/as. Ser professor/a, era significado de uma vida melhor do que aquela de trabalho árduo no campo, colhendo e plantando. Acho que com o tempo compreendi a relação entre plantar e colher... *A obra de Freire afirmava que a educação só pode ser libertadora quando todos tomam posse do conhecimento como se este fosse uma plantação em que todos temos de trabalhar*¹⁸³. E junto com a minha formação acadêmica me tornei isso: uma professora que planta, colhe e coleciona sonhos, uma professora esperançosa, assim como Paulo Freire, não por teimosia, *mas por imperativo existencial e histórico*¹⁸⁴.

E assim como bell hooks buscou em sua trajetória questionar sobre o modelo de educação do qual estava inserida, um modelo reproduzor e depositório de conhecimento, que não leva em consideração a experiência e a troca com os estudantes, em minha trajetória como estudante e educadora também me vi nesse lugar, e possuía uma certa intuição, ou desejo, que a educação pudesse ser diferente, com espaços que pudessem ir além e conferir de fato

¹⁸² ARROYO, Miguel. Prefácio. In: BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **História do menino que lia o mundo**. São Paulo: Expressão Popular, 2014. (p. 07).

¹⁸³ HOOKS, Bell. **Ensinando a transgredir: a educação como prática de liberdade**. São Paulo: Editora Martins Fontes. 2017 (p. 26).

¹⁸⁴ FREIRE, Paulo. **Pedagogia da esperança: um reencontro com a Pedagogia do oprimido**. Notas de Ana Maria Araújo Freire. São Paulo: Paz e Terra, 1992. (p. 14).

autonomia na construção do conhecimento, numa relação de troca entre educadores e educandos.

Nessa perspectiva, a Trama, como lugar de constituição de conhecimento e de saberes, que resulta de intercâmbios, de trocas, de experiências, de memórias, de conceitos teóricos e metodológicos, se coloca como um lugar de Outra pedagogia possível, e toma os sonhos como caminho para essa articulação. Nesse sentido, os sonhos se mostram como direção na busca de uma educação sensível, transformadora e mais humanizada, e a Trama se revela como um espaço que permite a exploração destas questões e se coloca como alternativa ao empobrecimento da experiência.



ANDUJAR, Claudia. Série Sonho Yanomami, 2022.

A(CERCA) DOS SONHOS

Para complementar essa reflexão, destaco algumas produções científicas encontradas no banco de Teses e Dissertações da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), que foram realizadas nos últimos cinco anos, que remetem um olhar sobre os sonhos a partir de alguns povos indígenas no Brasil¹⁸⁶.

Ressalto que enquanto escrevo essa tese¹⁸⁷, vivemos um período de negacionismo as pautas indígenas, e genocídio, como a crise humanitária vivida no território Yanomami, uma das maiores reservas indígenas do país¹⁸⁸. Problemas de desnutrição, doenças respiratórias, infecções e centenas de mortes, ou como ressaltam as manchetes de jornais: *ao menos 570 crianças yanomamis morreram*¹⁸⁹, fez com que o atual governo decretasse estado de emergência em saúde pública¹⁹⁰. Muitos desses problemas de saúde estão ligados ao garimpo ilegal nos territórios indígenas¹⁹¹, e o governo anterior, de Jair Bolsonaro, negou mais de 100

¹⁸⁶ Entre os anos de 2017 a 2021, encontrei centenas de trabalhos científicos no banco de teses e dissertações da CAPES, que tomam os sonhos como universo de pesquisa, e entre as áreas de conhecimento se destacam: Psicologia, Psicanálise, Antropologia, Filosofia, Educação, Letras, Serviço Social, História, Comunicação e Direito. Delimitei a grande área das Ciências Humanas, com foco nas áreas da Educação, Filosofia, Sociologia e Antropologia, para uma investigação mais próxima sobre a produção de conhecimento que toma os sonhos como universo de pesquisa. Assim, para essa reflexão, selecionei as pesquisas que estariam mais próximas com esse universo, onde os sonhos são tratados a partir da visão indígena, trazendo contribuições que tendem alargar nosso conhecimento sobre a cosmovisão de alguns povos indígenas do Brasil.

¹⁸⁷ Entre os anos de 2018 a 2022, no qual Jair Bolsonaro assumiu a presidência do Brasil.

¹⁸⁸ BRASIL ESCOLA. Entenda a crise sanitária que atinge os povos indígenas Yanomami. Online. Disponível em: <<https://brasilescola.uol.com.br/noticias/entenda-a-crise-sanitaria-que-atinge-os-povos-indigenas-yanomami/3128807.html>>; Acesso em: 24 jan. 2023.

¹⁸⁹ CARTA CAPITAL. Em meio a crise yanomami, governo dispensa 43 integrantes da Funai. Online. Disponível em: <<https://www.cartacapital.com.br/politica/em-meio-a-crise-yanomami-governo-dispensa-43-integrantes-da-funai/>>; Acesso em: 24 jan. 2023.

¹⁹⁰ Ibidem.

¹⁹¹ Ibidem.

pedidos de ajuda¹⁹², que já alertavam para os diversos problemas que vieram à tona no início de 2023. Esses são rastos deixados pelo governo bolsonarista, um governo omisso e genocida. Cito ainda, para que não esqueçamos, os indigenistas Bruno Pereira e Dom Phillips, que foram assinados em plena luz do dia na Amazônia¹⁹³. Bruno Pereira era coordenador da FUNAI (Fundação Nacional dos Povos Indígenas) e foi exonerado pelo ex-presidente Jair Bolsonaro, após denunciar o garimpo ilegal em terras indígenas¹⁹⁴.

As pessoas podem viver com o espírito da floresta, viver com a floresta, estar na floresta. Não estou falando do filme Avatar, mas da vida de vinte e tantas mil pessoas [...] que habitam o território yanomami, na fronteira do Brasil com a Venezuela. Esse território está sendo assolado pelo garimpo, ameaçado pelas mesmas corporações perversas que já mencionei e que não toleram esse tipo de cosmos, o tipo de capacidade imaginativa de existência que um povo originário como os Yanomami é capaz de produzir¹⁹⁵. Os povos indígenas continuam sendo dizimados. As florestas, nesse ritmo de desmatamento, logo deixarão de existir. *Toda vez que mataram, escravizaram e torturaram no Brasil foi em nome de Deus, da Pátria e da Família. “Nossa bandeira jamais será vermelha”, dizem os cidadãos de bem, vestindo verde e amarelo. Já é vermelha há muito tempo, graças a vocês¹⁹⁶.* Caminhamos diretamente para a beira do abismo. *O sistema esvazia nossa memória, ou enche a nossa memória de lixo, e assim nos ensina a repetir a história em vez de fazê-la. As tragédias se repetem como farsas, anunciava a célebre profecia. Mas entre nós, é pior: as tragédias se repetem como tragédias¹⁹⁷.*

Há espaço para uma escrita dos sonhos no meio de tanta tragédia? Uma escrita pelos sonhos pode trazer uma abertura para pensarmos em outro mundo possível?

¹⁹² UOL. Mais de 100 pedidos de ajuda: o que levou à crise que matou yanomamis. Online. Disponível em: <<https://noticias.uol.com.br/cotidiano/ultimas-noticias/2023/01/24/o-que-levou-a-crise-que-matou-yanomamis.htm>>; Acesso em: 24 jan. 2023.

¹⁹³ G1. ‘O cerco vai se fechando’, lamentou Bruno Pereira ao saber que seria exonerado da Funai. Online. Disponível em: <<https://g1.globo.com/profissao-reporter/noticia/2022/06/22/o-cerco-vai-se-fechando-lamentou-bruno-pereira-ao-saber-que-seria-exonerado-da-funai.ghhtml>>; Acesso em: 24 jan. 2023.

¹⁹⁴ Ibidem.

¹⁹⁵ KRENAK, Ailton. **Ideias para adiar o fim do mundo**. Companhia das Letras. Livro eletrônico: Kindle, 2019. (p. 13-14).

¹⁹⁶ DUVIVIER, Gregório. Prólogo. In: GALLEGOS, Esther Solano. **O ódio como política: a reinvenção das direitas no Brasil**. São Paulo: Boitempo, 2018.

¹⁹⁷ GALEANO, Eduardo. **O livro dos abraços**. Porto Alegre: L&PM, 2013. (p. 121).

Pela impossibilidade de abarcar a visão de todos os povos indígenas no Brasil, devido sua vasta diversidade e complexidade, selecionei quatro pesquisas que tomam os sonhos como elemento de investigação e que nos aproximam da produção de conhecimento que tem sido realizada no Brasil, sendo elas: a pesquisa de Silva¹⁹⁸ e Henrique¹⁹⁹, que tomam a visão de povos Kaingang; o estudo de Ribeiro Júnior²⁰⁰, que aborda o sonho a partir da visão dos Tikmū’ün (Maxakali), e por fim, a etnografia de Limulja²⁰¹, que percorre os sonhos Yanomami.

O sonho é compreendido como uma revelação e de grande importância na cultura indígena Kaingang: *Deus dá a revelação, ele avisa antes para não cair na armadilha. A revelação vem através do sonho, sonhei que um homem vinha brigar, quando ele chegou eu já sabia foi uma visão de Deus*²⁰², revela o Cacique. *Em diferentes culturas é o sonhador – xâma ou não – quem dialoga com o mundo dos espíritos*²⁰³.

Em sua pesquisa, Silva elabora um diálogo entre o conhecimento científico e os saberes ancestrais, afim de reconhecer a validade dos conhecimentos tradicionais e dos sonhos Kaingang: *A cosmologia Kaingang ainda abarca o significado dos sonhos como potência política na luta com o Estado pela conquista e reconquista de territórios nas cidades, campos ou matas*²⁰⁴. Neste trabalho, realizado na cidade de Pelotas/RS, Silva mostra como os sonhos na cosmovisão Kaingang ocupa um lugar central e potente para as tomadas de decisões coletivas, como deslocamento do grupo, migração, ocupação de território, negociações com o

¹⁹⁸ SILVA, Matheus da Silva e. **O trançado da resistência indígena Kanigang e o sonho do bem viver: um estudo sobre as formas de produzir e viver na aldeia Gyró.** 2020. 130 f. Dissertação (Mestrado em Política Social e Direitos Humanos) – Programa de Pós-graduação em Política Social e Direitos Humanos: Universidade Católica de Pelotas. 2020.

¹⁹⁹ HENRIQUE, Fernanda. **Por uma onirologia Kaingang: um breve levantamento etnográfico sobre o sonhar.** 97 f. Dissertação (Mestrado em Antropologia) – Curso de Pós-Graduação em Antropologia, Setor de Ciências Humanas, Letras e Artes, Universidade Federal do Paraná. Curitiba, 2017.

²⁰⁰ RIBEIRO JÚNIOR, Roberto Romero. Numa terra estranha: sonho, diferença e alteração entre os Tikmū’ün (Maxakali). **Rev. antropol.** (São Paulo, Online) | v. 65 n. 3: e195930 | USP, p. 01-22, 2022.

²⁰¹ LIMULJA, Hanna Cibele Lins Rocha. **O desejo dos outros: uma etnografia dos sonhos yanomami (pya ú – toototopi).** 2019. 153p. Tese (Doutorado em Antropologia) – Programa de Pós Graduação em Antropologia Social, Universidade Federal de Santa Catarina. 2019.

²⁰² SILVA, Matheus da Silva e. **O trançado da resistência indígena Kanigang e o sonho do bem viver: um estudo sobre as formas de produzir e viver na aldeia Gyró.** 2020. 130 f. Dissertação (Mestrado em Política Social e Direitos Humanos) – Programa de Pós-graduação em Política Social e Direitos Humanos: Universidade Católica de Pelotas. 2020. (p. 98).

²⁰³ RIBEIRO, Sidarta. **O oráculo da noite.** São Paulo: Companhia das Letras, 2019. (p. 45).

²⁰⁴ SILVA, Matheus da Silva e. **O trançado da resistência indígena Kanigang e o sonho do bem viver: um estudo sobre as formas de produzir e viver na aldeia Gyró.** 2020. 130 f. Dissertação (Mestrado em Política Social e Direitos Humanos) – Programa de Pós-graduação em Política Social e Direitos Humanos: Universidade Católica de Pelotas, 2020. (p. 57).

poder público, ervas que serão colhidas e artesanatos que serão comercializados. O pesquisador ainda destaca a importância do filtro dos sonhos, produzido como artesanato e comercializado pelos Kaingang no Sul do Brasil. Na pesquisa de Silva o filtro dos sonhos é abordado apenas como um objeto artesanal comercializado pelos Kaingang, ou seja, o significado e a mitologia por trás do objeto ou como ele começou a ser construído e inserido na produção artesanal dos Kaingang, e ainda, o que o filtro dos sonhos representa aos Kaingang não é um ponto discutido em sua pesquisa.

Silva destaca os sonhos como potência na luta e na conquista de territórios indígenas entre os Kaingang: *várias de suas lutas contra o Estado “moderno” são originadas a partir dos sonhos*²⁰⁵. Cito duas passagens em que os sonhos foram fundamentais para a negociação de território entre os Kaingang e o poder público: *As mensagens recebidas através dos sonhos [...] também permitiram que os Kaingang negociassem com o poder público porto-alegrense a ocupação de um território localizado no Morro do Osso e garantissem o direito a um espaço destinado para ponto de comercialização de artesanato nas proximidades do Brique da Redenção. Pode-se dizer que os sonhos (venhpeti) cumprem um papel central nas relações institucionais e políticas entre os brancos e os indígenas Kaingang*²⁰⁶. E ainda: *Os sonhos também foram decisivos no processo de migração dos indígenas Kaingang da aldeia Condá para Pelotas. Após um determinado tempo de negociação com o poder público pelotense, o diálogo resultou na conquista de um (pequeno) território, outrora destinado à aldeia Gyró*²⁰⁷. Nesse sentido, observamos que os sonhos foram um instrumento fundamental na luta e conquista de território entre os Kaingang.

O trabalho de Henrique, também traz contribuições acerca dos sonhos entre os Kaingang, através de um levantamento bibliográfico e etnográfico sobre o sonhar. A autora perpassa por diversas discussões sobre os sonhos na literatura Kaingang, e como ele se relaciona com o xamanismo. Rosa destaca que: *Como sabemos, o sonho é uma das técnicas de êxtase usadas pelos xamãs, constitui-se também em uma importante via de comunicação entre os*

²⁰⁵ SILVA, Matheus da Silva e. **O trançado da resistência indígena Kanigang e o sonho do bem viver: um estudo sobre as formas de produzir e viver na aldeia Gyró**. 2020. 130 f. Dissertação (Mestrado em Política Social e Direitos Humanos) – Programa de Pós-graduação em Política Social e Direitos Humanos: Universidade Católica de Pelotas, 2020. (p. 58).

²⁰⁶ Ibidem.

²⁰⁷ Ibidem (p. 58-59).

*humanos e os espíritos que vivem entre o mundo-aqui e o mundo-outro*²⁰⁸. A pesquisa de Rosa e posteriormente de Henrique, aprofundam o tema dos sonhos entre os Kaingang e relevam um complexo sistema de como os sonhos são vividos e compreendidos, na qual os sonhos, estão também ligados a animais e a figuras não-humanas.

Henrique aborda ainda alguns relatos de sonhos sobre a gravidez e a religião, coletados a partir de sua inserção na Terra Indígena Queimadas, no Paraná. A pesquisadora mostra como as mulheres grávidas sonhavam como o sexo do bebê que estavam esperando e como os sonhos se profetizavam ou não. Para algumas mulheres o exame de ultrassonografia só confirmava aquilo que haviam visto em sonhos. Henrique ainda ressalta que: *os sonhos constituem-se como eventos relevantes nas práticas cotidianas relativas à gravidez. Eles conformam as expectativas quanto ao sexo esperado e as relações interpessoais da delimitada rede de pessoas com as quais se podem compartilhar o segredo sonhado sem arriscar a eficácia que ele carrega*²⁰⁹. No que diz respeito a religião, a pesquisa de Henrique mostra como muitos indígenas Kaingang tem se convertido ao neoprottestantismo e como essa influência tem afetado os sonhos, visto que, os relatos de sonhos aparecem com interferências que não fazem parte da cosmovisão tradicional indígena, como o apocalipse a partir da visão evangélica.

Outros estudos também apresentam visões sobre os sonhos, como a pesquisa de Ribeiro Junior que apresenta uma etnografia dos sonhos correlatados com os perigos da doença e da morte entre os Tíkmū’ún (Maxakali), situado no Vale do Mucuri (Minas Gerais), mostrando o cotidiano ritual e os sonhos a partir da fala dos “antigos”. *Os Tíkmū’ún, mais conhecidos como Maxakali (MG), costumam igualmente descrever sua experiência onírica como um deslocamento da “alma” (koxuk) por caminhos tortuosos e perigosos que costumam desembocar nas terras estranhas onde vivem seus parentes mortos e de onde o retorno nem sempre é fácil*²¹⁰.

Ribeiro Júnior descreve um pouco mais como se dá esse processo do sono e dos sonhos: *durante o sono, o koxuk da pessoa deixa o corpo através da boca e envereda por caminhos*

²⁰⁸ ROSA, Rogério Réus Gonçalves da. **Os kujà são diferentes: um estudo etnológico do complexo xamânico dos kaingang da Terra Indígena Votouro.** 416 f. Tese (Doutorado em Antropologia) – Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2005. (p. 107-108).

²⁰⁹ HENRIQUE, Fernanda. **Por uma onirologia Kaingang: um breve levantamento etnográfico sobre o sonhar.** 97 f. Dissertação (Mestrado em Antropologia) – Curso de Pós-Graduação em Antropologia, Setor de Ciências Humanas, Letras e Artes, Universidade Federal do Paraná. Curitiba, 2017. (p. 75).

²¹⁰ RIBEIRO JÚNIOR, Roberto Romero. Numa terra estranha: sonho, diferença e alteração entre os Tíkmū’ún (Maxakali). **Rev. antropol.** (São Paulo, Online) | v. 65 n. 3: e195930 | USP, p. 01-22, 2022. (p. 01).

perigosos que frequentemente desembocam nas terras outras (hāmnōy) onde vivem os mortos (Tikmū'ūnxakix xop). A via é de mão dupla: tanto o koxuk errante da pessoa adormecida pode alcançar as aldeias dos mortos, como os mortos (também chamados hāmkoxuk xop) podem aproveitar o sono de um parente para visitá-lo e atrair o seu koxuk consigo. [...] Na primeira oportunidade que têm, tentam levar seus parentes para suas aldeias distantes. Assim, quando acontece do koxuk, em suas perambulações noturnas, atingir essas aldeias, este será recebido como convém receber um visitante: com fartas ofertas de comida. E é aí que mora o perigo, pois se a pessoa aceita comer com os mortos, as chances do seu koxuk voltar diminuem. Se ela decide ficar, ela morre. Se ela decide voltar, muito provavelmente despertará doente (pakut)

²¹¹.

Entre os Tikmū'ūn, sonhar pode ser um ato um tanto perigoso, como aponta Ribeiro Júnior: *Tanto é assim que um modo de responder à pergunta matinal ok ã mō'yōn mai?, “você dormiu bem?”, é dizendo hū'ū, ap ūg yōn kup ah!, “sim, eu não sonhei”*²¹². Desse modo, um sono leve e interrompido é visto como um bom sono entre os Tikmū'ūn, diferentemente do que é para nós, um sono profundo e pesado. *Levanta, levanta! Você vai adoecer!”. Dormir demais é expor-se demasiado aos sonhos e ao risco de perder o seu koxuk por ai*²¹³. O pesquisador ressalta que o sono é visto como algo ameaçador e uma constante vigília é necessária... *Sonhar com parentes mortos ou com os espíritos yāmīyxop e seus cantos deixa as pessoas em estado de alerta. Ao despertar, é preciso não somente lembrar o sonho em detalhes como compartilhá-lo o mais breve possível com algum parente próximo. Além de ser um outro modo de lembrar, o ato de compartilhar essas memórias oníricas é frequentemente acompanhado de orientações sobre como agir*²¹⁴.

Ribeiro Júnior ainda descreve uma situação interessante de como os Tikmū'ūn se manifestam quando possuem sonhos ruins: *Foi somente no dia seguinte, pela manhã, que um dos pajés me chamou e explicou, em português: “é assim, quando a gente sonha à noite com coisas ruins e acorda, de manhã, tem que espirrar antes de tomar café e dizer: ūg yōnkup yāy*

²¹¹ RIBEIRO JÚNIOR, Roberto Romero. Numa terra estranha: sonho, diferença e alteração entre os Tikmū'ūn (Maxakali). **Rev. antropol.** (São Paulo, Online) | v. 65 n. 3: e195930 | USP, p. 01-22, 2022. (p. 05).

²¹² Ibidem (p. 06).

²¹³ Ibidem.

²¹⁴ Ibidem.

hã xokxop ha mõg! hu mõg ã nõm nã mõg, pamãg ha!, “Vai, meu sonho, vira bicho! Vai e cai na armadilha!”²¹⁵.

A etnografia de Limulja apresenta os sonhos como um aspecto central em uma comunidade Yanomami, mostrando como os Yanomami se relacionam com o mundo através dos sonhos. A autora não busca interpretar ou enquadrar os sonhos em gráficos ou teorias, antes de tudo, se interessa em descobrir o que os Yanomami fazem com seus sonhos, e parte de um estudo que toma os sonhos por si mesmo, diferentemente de outras pesquisas onde os sonhos estão sempre relacionados com o xamanismo ou com os aspectos mitológicos. Os sonhos também estão no xamanismo e na mitologia Yanomami, mas ao olhar para os sonhos sem correlação como esses aspectos Limulja busca a possibilidade de abordar os sonhos como uma experiência onírica. A pesquisadora aponta que o sonho *está relacionado diretamente com os acontecimentos da vigília, com a doença, com a morte, com o xamanismo, com os mitos, com a relação com os outros que compõem o cosmos, com o conhecimento, etc. Enfim, ele está em todos os lugares. E, na floresta yanomami, tudo sonha e tudo pode ser sonhado*²¹⁶.

Limulja ainda destaca que: *Um aspecto importante que notei entre os Yanomami é que o sonho é tão fundamental que parece estar em todos os lugares – e, pela mesma razão, não se encontra em lugar nenhum. Assim, não existe um momento específico para a “contação” de sonhos, ou um grupo especializado em decifrar os significados que os sonhos poderiam conter. Tampouco há uma marca específica dentro da língua yanomami que se refira a um “discurso onírico”*²¹⁷.

A autora também descreve como se dá esse processo do sono e dos sonhos: *quando à noite a pessoa dorme, seu corpo, pei siki, permanece deitado na rede, enquanto sua imagem, utupë, viaja e experimenta os eventos que podem afetar ou não o corpo de quem sonha. Essa separação que ocorre entre corpo e imagem é a mesma que acontece no momento da morte. O corpo, matéria inerte, apodrece. A imagem se transforma em um espetro, pore a, e vai viver nas costas do céu, o hutu mosi, um lugar que se caracteriza, sobretudo, por uma grande casa*

²¹⁵ RIBEIRO JÚNIOR, Roberto Romero. Numa terra estranha: sonho, diferença e alteração entre os Tikmû’ün (Maxakali). **Rev. antropol.** (São Paulo, Online) | v. 65 n. 3: e195930 | USP, p. 01-22, 2022. (p. 05).

²¹⁶ LIMULJA, Hanna Cibele Lins Rocha. **O desejo dos outros: uma etnografia dos sonhos yanomami (pya ú – toototopi).** 2019. 153p. Tese (Doutorado em Antropologia) – Programa de Pós Graduação em Antropologia Social, Universidade Federal de Santa Catarina. 2019. (p. 15).

²¹⁷ Ibidem.

*coletiva que está sempre em festa*²¹⁸. De acordo com Limulja, para os Yanomami *tudo o que se passa no sonho é considerado algo que de fato aconteceu ou que irá acontecer. E, dependendo do conteúdo onírico, isso pode afetar a vida de quem sonhou ou mesmo de toda a comunidade*²¹⁹.

Observamos na pesquisa etnográfica de Limulja, como os sonhos se atravessa em todos os aspectos da vida entre os Yanomami, e como afetam o dia a dia de quem sonhou ou de quem compartilha seus sonhos. A autora comenta uma experiência que teve com o sonho, e o cito para que possamos ter uma melhor compreensão de como os sonhos podem afetar as decisões de uma pessoa ou da comunidade... *Outra vez sonhei com um professor yanomami que se afogava no rio Branco. Quando cheguei ao trabalho, encontrei-o e lhe contei o sonho com cuidado e sem mencionar diretamente sua morte. Ele me olhou em silêncio e não disse uma palavra. Ao fim do dia, fui avisada por uma colega do trabalho que esse mesmo professor não deixara sua rede em momento algum. Voltei a conversar com ele e tentei persuadi-lo a não levar tão a sério o que eu lhe dissera, afinal era apenas um sonho. Mas ele se zangou e pediu que o deixasse quieto em sua rede. Obedeci*²²⁰.

Tentando mostrar um pouco mais de como os Yanomami se relacionam com os sonhos, destaco essa passagem: *Os Yanomami sabem que o que vivenciam nos sonhos é diferente do que experimentam durante a vigília. Aqui não há uma confusão entre essas experiências. No entanto, aquilo que experimentam durante seus sonhos é considerado tão importante quanto as experiências da vida desperta. São formas de estar no mundo e de se relacionar com ele que se complementam. Com efeito, os Yanomami não apenas pensam sobre seus sonhos: eles sonham aquilo que pensam. E é por isso que se pode dizer que os sonhos yanomami se constituem como parte fundamental de sua concepção de mundo*²²¹.

A tese de Limulja é uma verdadeira inserção pelos sonhos e como os Yanomami se relacionam com eles: *contam os Yanomami que Omama, o demiurgo, criou a árvore dos sonhos*

²¹⁸ LIMULJA, Hanna Cibele Lins Rocha. **O desejo dos outros: uma etnografia dos sonhos yanomami (pya ú – toototopi)**. 2019. 153p. Tese (Doutorado em Antropologia) – Programa de Pós Graduação em Antropologia Social, Universidade Federal de Santa Catarina. 2019. (p. 14).

²¹⁹ Ibidem (p. 44).

²²⁰ Ibidem (p. 21).

²²¹ Ibidem (p. 144).

para que os humanos pudessem sonhar. Assim, quando as flores dessa árvore desabrocham, os sonhos são enviados aos Yanomami²²².

Nas pesquisas citadas acima, os sonhos são abordados a partir da cosmovisão de alguns povos indígenas e como eles compreendem os sonhos. Esses trabalhos trazem grandes contribuições e de certa forma revelam uma magia que nós fomos perdendo: de olhar para os sonhos como mensagens de nossos ancestrais, de se deixar guiar pelos sonhos em busca de nossas lutas e de contar e narrar em grupo nossos sonhos.

Seguindo nessa reflexão, apresento a visão dos sonhos a partir das contribuições de Kaká Werá²²³, ambientalista e escritor indígena, que tem abordado e discutido a importância do sono e dos sonhos. O escritor aponta que não somente o sono é importante para a vida humana, mas os sonhos são também parte essencial de nossa existência²²⁴.

Werá destaca a importância dos sonhos no destino das culturas e como ele é um elemento central nas culturas indígenas, e em sua experiência com o povo Krahô, que vive na região do Tocantins, demonstra a importância dos sonhos quando a comunidade precisava tomar alguma decisão importante: *a primeira coisa que me chamou a atenção foi justamente o fato de que em toda decisão que aquela comunidade iria tomar, antes de tomá-la, era dito assim: vamos sonhar. E era “vamos sonhar” literalmente. Significava ir dormir, sonhar e só depois [...] decidir*²²⁵. Ainda sobre o povo Krahô, Werá fala sobre a prática da Roda dos Sonhos, na qual *a comunidade se reúne em círculo e cada um que tenha sonhado naquela noite, conta seu sonho*²²⁶. Essa prática acontece todas as manhãs e tem como finalidade não a interpretação dos sonhos, mas sim, falar para o grupo o que sonhou: *Nesse momento, aquele que compartilha não compartilha como um sonho pessoal, mas como um sonho coletivo, mesmo que seja algo pessoal. E aquele que escuta o faz não para interpretar, mas para se colocar dentro desse sonho. E aí, se ele também teve um sonho, ele vai contar o sonho dele como um complemento*

²²² LIMULJA, Hanna Cibele Lins Rocha. **O desejo dos outros: uma etnografia dos sonhos yanomami (pya ú – toototopi)**. 2019. 153p. Tese (Doutorado em Antropologia) – Programa de Pós Graduação em Antropologia Social, Universidade Federal de Santa Catarina. 2019. (p. 18).

²²³ WERÁ, Kaká. **O poder do sonho: um livro sobre a arte de sonhar**. Tumiak edições. Livro eletrônico: Kindle.

²²⁴ UFRGS. Kaká Werá Jecupé: “A sociedade não está conseguindo dormir, quanto mais sonhar”. In: **Jornal da Universidade**. Online. Disponível em: <<https://www.ufrgs.br/jornal/kaka-wera-jecupe-a-sociedade-nao-esta-conseguindo-dormir-quanto-mais-sonhar/>>; Acesso em: 02 jan. 2023.

²²⁵ Idem.

²²⁶ WERÁ, Kaká. **O poder do sonho: um livro sobre a arte de sonhar**. Tumiak edições. Livro eletrônico: Kindle. (p. 15).

*desse sonho escutado. A resposta que dou para o sonho do outro, então, é o sonho que eu tive. Se eu não sonhei, fico quieto*²²⁷.

Na Roda dos Sonhos são compartilhados sonhos dentro de um movimento que permite a narração e a escuta e se cria um espaço de compreensão, neste caso dos sonhos. Posso dizer que algo muito próximo acontece em minhas atividades com a Trama e a proposição do filtro dos sonhos, onde busco um ambiente de trocas, de escuta e narração, permitindo que o que ali é contado, seja nossas histórias, seja nossos sonhos, também desperte um lugar de compreensão em relação a si e ao outro, a partir de uma visão crítica da sociedade. Falar o que sonhou *para que o grupo faça algumas reflexões e através da própria expressão do narrador facilita insights internos, que leva à compreensão*²²⁸.

Werá trata os sonhos como *uma linguagem da alma, do inconsciente pessoal e coletivo, a partir de referências baseadas em sabedorias indígenas*²²⁹, e destaca que o *sonho não existe descolado do estudo da consciência*²³⁰, e a consciência possui quatro estados: vigília, presença, sono e sonho. Werá explica cada um dos estados de consciência, sendo que em *vigília estamos voltados para o mundo exterior*²³¹, ou seja, quando estamos acordados. A *presença é o propósito do ser*, é quando as *funções do corpo, das emoções e da mente estão em alinhamento, há mais facilidade de foco e de condução do fluxo emocional*²³². No estado de consciência do sono, Werá destaca a importância do repouso e cita a deusa Kerava, da mitologia Tupi, *que se manifesta como escuro, o vazio da noite, que oferece seu elixir para a renovação do corpo*²³³. Na fase do sonho acontece *uma purificação, uma liberação daquilo que vamos chamar de limpeza de resíduos psíquicos*²³⁴. Na dimensão do sonho, Werá explica que há também um desdobramento do *Nheng* (alma), que *passa a vivenciar experiências em diferentes planos de*

²²⁷ UFRGS. Kaká Werá Jecupé: “A sociedade não está conseguindo dormir, quanto mais sonhar”. In: **Jornal da Universidade**. Online. Disponível em: <<https://www.ufrgs.br/jornal/kaka-wera-jecupe-a-sociedade-nao-esta-conseguindo-dormir-quanto-mais-sonhar/>>; Acesso em: 02 jan. 2023.

²²⁸ Ibidem.

²²⁹ WERÁ, Kaká. **O poder do sonho: um livro sobre a arte de sonhar**. Tumiak edições. Livro eletrônico: Kindle. (p. 06).

²³⁰ Ibidem (p. 07).

²³¹ Ibidem (p. 08).

²³² Ibidem (p. 09).

²³³ Ibidem (p. 10).

²³⁴ Ibidem (p. 11).

*existência*²³⁵. Desse modo, o estado onírico, para os Tupi, é tão real quanto a vida material onde vivenciamos experiências²³⁶.

Werá também abordada os sonhos como espaço de cura psíquica: *justamente pela oportunidade e possibilidade de, na frouxidão do corpo que a dimensão do sono nos permite, nosso ser se abre para o trabalho sutil e predominantemente inconscientes dos Nhandejaras*²³⁷. No contexto de sabedoria Tupi, os *Nhandejaras* atuam na construção/criação, modelação, vivificação e cristalização de memórias²³⁸. Nesse processo, Werá salienta que quando retiramos memórias traumáticas de nossa dimensão interior, podemos agregar outras imagens em nossos registros internos, assim, por meio dos sonhos, as memórias podem se conectar e serem curadas. Nesse sentido, a visão de sonho apresentada por Werá está ligada a ideia de consciência.

Ailton Krenak, ambientalista, filósofo, poeta e escritor indígena, aponta para algumas questões que tomam os sonhos como um caminho para a criação e a transformação da realidade. *Quando eu sugeri que falaria do sonho e da terra, eu queria comunicar a vocês um lugar, uma prática que é percebida em diferentes culturas, em diferentes povos, de reconhecer essa instituição do sonho não como experiência cotidiana de dormir e sonhar, mas como exercício disciplinado de buscar no sonho as orientações para as nossas escolhas do dia a dia*²³⁹.

Quando nos limitamos a apenas uma visão, dentro de um mecanismo que conta sempre a mesma história, quando nos tornamos apenas “consumidores”, como alerta Ailton, sem visão crítica, sem alteridade, sem afetividade, dispensamos a *experiência de viver numa terra cheia de sentido, numa plataforma para diferentes cosmovisões*²⁴⁰. O autor, salienta como a modernização tirou as pessoas *do campo e da floresta para viver em favelas e em periferias, para virar mão de obra em centros urbanos. Essas pessoas foram arrancadas de seus coletivos, de seus lugares de origem, e jogadas nesse liquidificador chamado humanidade*²⁴¹, e assim, reflete sobre os vínculos, as referências ancestrais, a identidade, a troca e as narrativas que estão

²³⁵ WERÁ, Kaká. **O poder do sonho: um livro sobre a arte de sonhar**. Tumiak edições. Livro eletrônico: Kindle. (p. 11).

²³⁶ Ibidem (p. 06).

²³⁷ Ibidem (p. 28).

²³⁸ Ibidem (p. 26).

²³⁹ KRENAK, Ailton. **Ideias para adiar o fim do mundo**. Companhia das Letras. Livro eletrônico: Kindle, 2019. (p. 27).

²⁴⁰ Ibidem (p. 13).

²⁴¹ Ibidem (p. 08).

sendo perdidas e apagadas, *em favor de uma narrativa globalizante, superficial [...]*²⁴². Quando tomamos os sonhos como uma rota, como um processo reflexivo, temos a possibilidade de recuperar a forças narrativas e recontar, ou reescrever a história.

Para Ailton, *nossa tempo é especialista em criar ausências*²⁴³, e a ausência, o apagamento, o silêncio, geram uma intolerância por parte daqueles que não sabem e não querem ouvir uma Outra história... *isso gera uma intolerância muito grande com relação a quem ainda é capaz de experimentar o prazer de estar vivo, de dançar, de cantar. E está cheio de pequenas constelações de gente espalhada pelo mundo que dança, canta, faz chover*²⁴⁴. Aqueles que não toleram a dança, o canto e os sonhos, *pregam o fim do mundo como uma possibilidade de fazer a gente desistir dos nossos próprios sonhos. E a minha provocação sobre adiar o fim do mundo é exatamente sempre poder contar mais uma história. Se pudermos fazer isso, estaremos adiando o fim do mundo*²⁴⁵. Contar histórias sobre sonhos, sobre esperanças, poderá também adiar o fim do mundo? Ao final desse texto um panorama sobre o contexto social e político que temos vivenciamos nesses últimos 5 anos será apresentado, e poderemos mergulhar um pouco por esse cenário que parece ser o fim do mundo, e depois disso, talvez consigamos responder se continuar contado histórias, nossas histórias, nossas experiências, poderá ser uma forma de adiar o fim dos tempos, e ainda, se a Pedagogia da Trama pode ser esse lugar renovado contra o empobrecimento da experiência.

Essa breve reflexão, buscou apresentar uma perspectiva dos sonhos pela visão de alguns povos indígenas, aponta também para um lugar de saberes e diversas formas de se relacionar com os sonhos, com o cotidiano e com a vida. Os sonhos, como são tratados na visão indígena, não possui a mesma intensidade no nosso modo de viver, ou seja, não costumamos compartilhar nossos sonhos em roda, como na Roda dos Sonhos. Não temos o costume de contar e nem de ouvir sonhos ao acordar. E também, não tomamos nossas decisões do cotidiano, ou em nosso trabalho, ou em relação a sociedade, a partir daquilo que sonhamos ou dos sonhos de alguém.

Por fim, ressalto uma passagem de Krenak que fala sobre o lugar do sonho...

²⁴² KRENAK, Ailton. **Ideias para adiar o fim do mundo**. Companhia das Letras. Livro eletrônico: Kindle, 2019. (p. 10).

²⁴³ Ibidem (p. 14).

²⁴⁴ Ibidem.

²⁴⁵ Ibidem.

De que lugar se projetam os paraquedas? Do lugar onde são possíveis as visões e o sonho. Um outro lugar que a gente pode habitar além dessa terra dura: o lugar do sonho. Não o sonho comumente referenciado de quando se está cochilando ou que a gente banaliza “estou sonhando com o meu próximo emprego, com o próximo carro”, mas que é uma experiência transcendente na qual o casulo do humano implode, se abrindo para outras visões da vida não limitada. [...] O sonho como experiência de pessoas iniciadas numa tradição para sonhar. Assim como quem vai para uma escola aprender uma prática, um conteúdo, uma meditação, uma dança, pode ser iniciado nessa instituição para seguir, avançar num lugar do sonho. Alguns xamãs ou mágicos habitam esses lugares ou têm passagem por eles. São lugares com conexão com o mundo que partilhamos; não é um mundo paralelo, mas que tem uma potência diferente²⁴⁶.

Seria possível habitar o lugar dos sonhos? Um lugar onde possamos criar conexões, partilhas, conhecimentos... se paraquedas podem ser sonhados e construídos, porque um outro mundo não haveria de ser?

²⁴⁶ KRENAK, Ailton. **Ideias para adiar o fim do mundo**. Companhia das Letras. Livro eletrônico: Kindle, 2019. (p. 36).

Eu e Benjamin numa manhã de inverno

O desejo, nasceu em mim numa manhã de inverno. A neve caia e as árvores estavam cobertas, pareciam já terem nascidas assim, cheias de neve. As cores da paisagem se apresentavam em tons cinza, e de colorido, só as casas, algumas vermelhas, outras, amarelas.

A neve se acumulava em metros e a temperatura passava dos 15° negativos. E foi ali, naquela manhã de um inverno que já se ia, que o desejo nasceu. Mas como diz Benjamin: *poucos são capazes de se lembrar do desejo que formularam*²⁴⁷.

E eu admito, não lembro, mas sei que foi ali que brotou, com toda a força, um desejo imensurável. Um desejo que chegava junto com a primavera e que eu não podia controlar.

Talvez mais tarde, *ao longo da vida*, como insiste Benjamin, eu reconheça que meu *desejo foi satisfeito*²⁴⁸...

Talvez... Talvez...²⁴⁹

²⁴⁷ BENJMANIN, Walter. **Rua de mão única. Infância berlimense: 1900**. Belo Horizonte: Autêntica, 2013b. (p. 82-83).

²⁴⁸ Ibidem.

²⁴⁹ KOHLS, Tatiani Müller. Caderno de campo. Escrito numa manhã de inverno, 2020.

A ARTE DE SONHAR ESTÁ EM VIAS DE EXTINÇÃO? EXPERIÊNCIA E JUVENTUDE EM WALTER BENJAMIN

Em seu texto, Experiência e pobreza²⁵⁰, Benjamin explora a perda da transmissão de experiência, das gerações passadas para as gerações futuras, através de uma fábula: *Em nossos livros de leitura havia a parábola de um velho que no momento da morte revela a seus filhos a existência de um tesouro enterrado em seus vinhedos. Os filhos cavam, mas não descobrem qualquer vestígio do tesouro. Com a chegada do outono, as vinhas produzem mais que qualquer outra na região. Só então compreendem que o pai lhes havia transmitido uma certa experiência: a felicidade não está no ouro, mas no trabalho. Tais experiências nos foram transmitidas, de modo benevolente ou ameaçador, à medida que crescímos: “Ele é muito jovem, em breve poderá compreender”. Ou: “Um dia ainda compreenderá. Sabia-se exatamente o significado da experiência: ela sempre fora comunicada aos jovens*²⁵¹.

Para Benjamin a experiência sempre foi transmitida dos mais velhos aos mais jovens, através de narrativas e histórias, a partir da autoridade da velhice e na forma de contação em volta da lareira. Benjamin constata que com o tempo esse tipo de transmissão foi se perdendo, e se questiona: *Que foi de tudo isso? Quem encontra ainda pessoas que saibam contar histórias como elas devem ser contadas? Que moribundos dizem hoje palavras tão duráveis que possam ser transmitidas como um anel, de geração em geração? [...] Quem tentará, sequer, lidar com a juventude invocando sua experiência?*²⁵²

Para Pereira²⁵³, esse texto de Benajmin sobre a experiência expressa *todo o sentimento de angústia e decepção do jovem pensador a respeito de um modo de vida adulta, de uma*

²⁵⁰ BENJAMIN, Walter. **Magia e técnica, arte e política**. Obras escolhidas V. 1. São Paulo: Brasiliense, 1994.

²⁵¹ Ibidem (p. 114).

²⁵² Ibidem.

²⁵³ PEREIRA, Marcelo de Andrade. Juventude, experiência e conhecimento em Walter Benjamin: para um novo saber da educação. **Curriculum sem Fronteiras**, v.9, n.2, pp.242-257, Jul/Dez 2009.

*mentalidade, que haveria por desconsiderar basicamente o substrato ético e espiritual da própria vida humana*²⁵⁴. Desse modo, Benjamin, via que o pensamento crítico e esclarecido que a juventude carrega consigo seria capaz de promover um processo de transformação social, mas atenta que esse desejo de transformação encontra um forte empecilho: os adultos. *Benjamin atribui à juventude um espírito capaz de transformar a sociedade, porque vívido, pulsante, crítico, um espírito não conformado pelo desenvolvimento contínuo da história – leia-se, do progresso. O mundo que os adultos reservam aos mais jovens é, de acordo com o jovem filósofo, um mundo em franca decadência e estagnação, fruto de uma experiência que não produziu e não produz significado algum*²⁵⁵.

O mundo adulto, se coloca em contraposição àquilo que os jovens almejam. A pulsão, a rebeldia, o entusiasmo, a sensibilidade, que são característicos da juventude, com o tempo, vão sendo deixados de lado no mundo adulto, que se entrega as vias racionais e muitas vezes se conforma diante o sistema que o cerca. Pereira, aponta que para Benjamin, *o movimento da juventude se contrapunha à idéia de “evolução”, que regeria, conforme o filósofo em questão, a vida adulta – vida essa que não acontece, que não tem propósito, que é rotineira, desprovida de crítica, pobre intelectualmente e carente de entusiasmo*²⁵⁶, e ainda que, *os adultos são indivíduos “sem esperança nem espírito”*²⁵⁷. Desse modo, a vida adulta tornaria as pessoas mais endurecidas, rígidas e menos aptas a transformação, na qual também ignoram ou desprezam viver novas experiências, diferentemente da juventude, efervescente e com espírito revolucionário²⁵⁸.

De acordo com Silva²⁵⁹, Benjamin se refere a juventude a partir de fundamentos românticos²⁶⁰, e *apresenta a defesa segundo a qual a humanidade estaria se encaminhando para o signo da juventude. Portanto, aquele século significou o predomínio de uma era, em que*

²⁵⁴ PEREIRA, Marcelo de Andrade. Juventude, experiência e conhecimento em Walter Benjamin: para um novo saber da educação. **Curriculum sem Fronteiras**, v.9, n.2, pp.242-257, Jul/Dez 2009. (p. 243).

²⁵⁵ Ibidem (p. 244).

²⁵⁶ Ibidem (p. 245).

²⁵⁷ Ibidem.

²⁵⁸ Ibidem.

²⁵⁹ SILVA, Priscilla Stuart da. **Estética da juventude em Walter Benjamin**. Florianópolis, 2019. Tese (Doutorado em Educação) - Programa de Pós Graduação em Educação, Universidade Federal de Santa Catarina, 2019b.

²⁶⁰ O romantismo, para além de um movimento do século XIX, é, como aponta Löwy (2013, p.08), uma “forma de sensibilidade que irriga todos os campos da cultura, uma visão do mundo que se estende da segunda metade do século XVIII [...] até nossos dias, um cometa cujo ‘núcleo’ incandescente é a revolta contra a civilização capitalista-industrial moderna, em nome de certos valores sociais ou culturais do passado”.

a juventude vigorou como um modo ou forma de pensamento, a partir de um romantismo reformador do espírito²⁶¹. Nesse sentido, a juventude se apresenta como um período da história da humanidade, e ainda, como um lugar de articulação com o passado, ou seja, se vincula ao passado como elemento imutável, e ao futuro – como uma possibilidade, porque ainda não está definida²⁶².

Silva aponta que *em seus escritos enquanto estudante, Benjamin recupera, com sua crítica, a necessidade de olhar a arte, a literatura, a educação, em suma, toda a cultura humana, como um conjunto reunido de vivências históricas. Ao evocar uma juventude “sóbria e romântica”, garante-se uma realidade mais digna, que compreende o que é ter vontade de verdade, de beleza e de ação, com seus fundamentos presentes no mundo vivido e não em categorias de valores “que não são passíveis de fundamentação”²⁶³.* Aqui, se apresenta uma ideia de promessa vinculada a juventude... seria a juventude quem nos conduziria a um futuro Outro?

Diante o pensamento benjaminiano, Silva defende uma estética da juventude: *depois de todos os elementos relacionados à estética romântica, chega-se a uma estética da juventude, já que ser jovem é, além de um momento cronológico, um modo específico de pensamento e uma forma de experiência e de expressão, que envolvem sentimentos que seguem ativos por toda a vida²⁶⁴.* Aqui, assumo também a juventude como um lugar de expressão e de experiência, onde as forças revolucionárias atuam e onde os sonhos ainda se mantém vivos e pulsantes.

Se a juventude pode se mostrar como um lugar revolucionário, que almeja transformação, a vida adulta estaria sendo movida apenas pelas questões rotineiras e materiais?

Pereira aponta para essa reflexão, na qual Benjamin coloca o adulto como indivíduo movido pelo mesmo, pelo sempre igual: *Os adultos, para Benjamin, gabam-se de sua experiência; no entanto, a “experiência” adulta é por ele considerada vazia, ela se restringe a uma mera vivência individual (Erlebnis), sucessão interminável do mesmo. A vacuidade*

²⁶¹ SILVA, Priscilla Stuart da. **Estética da juventude em Walter Benjamin**. Florianópolis, 2019. Tese (Doutorado em Educação) - Programa de Pós Graduação em Educação, Universidade Federal de Santa Catarina, 2019b. (p. 23-24).

²⁶² Ibidem (p. 26).

²⁶³ Ibidem (p. 25).

²⁶⁴ Ibidem (p. 29).

inerente a esse tipo de experiência se deve ao fato de uma ação se limitar a si própria; ação que não faz outra coisa senão repetir a história e reificar a ordem²⁶⁵.

Esse pensamento de Benjamin está diretamente ligado ao contexto em que viveu, e juntamente com o declínio da experiência e da narrativa, tem-se o avanço do progresso, do capitalismo e da modernidade. Diante disso, Benjamin aponta para duas modalidades de conhecimento: a experiência (*Erfahrung*) e a vivência (*Erlebnis*). *Erfahrung é o conhecimento obtido através de uma experiência que se acumula, prolonga-se e desdobra-se como numa viagem [...], sendo importante seu caráter coletivo e de transmissão. [...] Ao passo que Erlebnis é a vivência do indivíduo privado, isolado, é a impressão forte que precisa ser assimilada às pressas, produzindo efeitos imediatos*²⁶⁶.

Para Benjamin, a perda da experiência e das formas tradicionais de narrativas *culminaram com as atrocidades da Grande Guerra... os sobreviventes que voltaram das trincheiras [...] voltaram mudos. Por quê? Porque aquilo que vivenciaram não podia mais ser assimilado por palavras*²⁶⁷. Juntamente as atrocidades da guerra, a experiência e a narrativa foram sendo perdidas diante do avanço da modernidade e do advento do capitalismo. Diante desse contexto, para Benjamin, as pessoas teriam perdido a capacidade de transmitir histórias e narrativas, assim, uma nova forma de miséria surge, quando o ser humano não mais consegue almejar novas experiências: *É a experiência de que a arte de narrar está em vias de extinção*²⁶⁸.

Benjamin tenta compreender os processos sociais e políticos que extinguiram a experiência de narrar, e *se ficou tão difícil ‘contar uma história’, como afirma Benjamin reiteradas vezes, é porque o desenvolvimento capitalista destruiu de forma definitiva as formas comunitárias de transmissão e de tradição*²⁶⁹. Para Benjamin, sem dúvida, foi com o avanço do capitalismo e a nova forma de organização social que as pessoas foram perdendo o dom narrativo. Se já no início do século XX Benjamin se atenta ao advento do capitalismo e na difusão de informação como fatores resultantes do declínio narrativo, hoje essas questões são

²⁶⁵ PEREIRA, Marcelo de Andrade. Juventude, experiência e conhecimento em Walter Benjamin: para um novo saber da educação. **Currículo sem Fronteiras**, v.9, n.2, pp.242-257, Jul/Dez 2009. (p. 245).

²⁶⁶ PORTUGAL, Ana Maria. O tesouro das Lembranças: vestígios. In: **A interpretação do rastro em Walter Benjamin**. In: SEDLMAYER, Sabrina; GINZBURG, Jaime (Orgs.). Walter Benjamin: rastro, aura e história. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2012.

²⁶⁷ GAGNEBIN, Jeanne Marie. **Lembrar escrever esquecer**. São Paulo: Editora 34, 2009. (p. 50-51).

²⁶⁸ BENJAMIN, Walter. **Magia e técnica, arte e política**. Obras escolhidas V. 1. São Paulo: Brasiliense, 1994. (p. 197).

²⁶⁹ GAGNEBIN, Jeanne Marie. **Limiar, aura e rememoração: Ensaios sobre Walter Benjamin**. São Paulo: Editora 34, 2014. (p. 09).

postas com mais intensidade nas nossas relações. *Cada manhã recebemos notícias de todo o mundo. E, no entanto, somos pobres em histórias surpreendentes*²⁷⁰. Enquanto a informação só tem valor enquanto é nova, a narrativa tende a se perpetuar, conservando suas forças, sem necessitar de explicações²⁷¹.

Para Benjamin, foi com o avanço da técnica, que ao se sobrepor ao ser humano, uma nova forma de miséria surgiu. *Pois qual o valor de todo o nosso patrimônio cultural, se a experiência não mais o vincula a nós?*²⁷² A essa questão, Benjamin se refere principalmente a arte e a cultura.

A ideia de barbárie em Benjamin pode ser entendida como um novo tempo, marcado pelo projeto civilizatório e capitalista. Löwy²⁷³ se refere a modernidade como um projeto civilizatório capitalista e burguês, pois o capitalismo, junto às promessas da modernidade e o avanço do progresso, se colocou como uma nova forma de barbárie. Para Benjamin *nunca houve um monumento da cultura que não fosse também um monumento da barbárie. E, assim como a cultura não é isenta de barbárie, não o é, tampouco, o processo de transmissão da cultura. Por isso, na medida do possível, o materialista histórico se desvia dela. Considera sua tarefa escovar a história a contrapelo*²⁷⁴. É nesse sentido que a barbárie pode ser compreendida nesta escrita. *Por que a humanidade, em vez de entrar em um estado verdadeiramente humano, está se afundando em uma nova espécie de barbárie?*²⁷⁵

Assim como a experiência foi se perdendo e uma nova forma de barbárie se expos, me pergunto se o mesmo teria acontecido com os sonhos, já que, com o avanço do pensamento racional, os sonhos deixaram de ter um lugar de importância na sociedade em relação a épocas passadas²⁷⁶, assim como a arte de narrar. Compreende-se aqui a sociedade ocidental e

²⁷⁰ BENJAMIN, Walter. **Magia e técnica, arte e política**. Obras escolhidas V. 1. São Paulo: Brasiliense, 1994. (p. 203).

²⁷¹ Ibidem.

²⁷² Ibidem (p. 115).

²⁷³ LÖWY, Michael. **Revolta e melancolia: o romantismo na contracorrente da modernidade**. São Paulo: Boitempo, 2015b.

²⁷⁴ BENJAMIN, Walter. **Magia e técnica, arte e política**. Obras escolhidas V. 1. São Paulo: Brasiliense, 1994. (p.225).

²⁷⁵ ADORNO, Theodor W.; HORKHEIMER, Max. **Dialética do Esclarecimento**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1985.

²⁷⁶ Ribeiro, aponta que “é quase certo que os sonhos tiveram um lugar de destaque na crescente capacidade de narrar a existência humana, por representarem uma fonte, renovada a cada noite, de imagens, ideias, anseios e temores” (2019, p. 42). Desse modo, Ribeiro salienta que os sonhos, ao longo da humanidade, desempenharam um papel fundamental na arte de contar histórias e nas narrativas.

capitalista, pois como vimos anteriormente, os sonhos possuem um lugar de extrema importância para os povos indígenas, onde a narrativa e a experiência continuam vivas. Diante dessa relação, será que nós teríamos também perdido a capacidade de sonhar, de desejar e tramar um futuro diferente daquele imposto pelo sistema e pelos processos históricos do qual estamos inseridos?

No passado, os sonhos foram instrumentos de revelações e premonições. Um exemplo exposto por Ribeiro²⁷⁷ é o desenvolvimento do cristianismo, no qual os sonhos desempenharam um papel importante de revelação divina, na qual muitas decisões foram baseadas e guiadas por mensagens recebidas em sonhos. Durante a história, outras figuras importantes também tiveram suas decisões tomadas por sonhos, como reis, monges e imperadores. Com o avanço da sociedade industrial, os sonhos perderam seu lugar de destaque na sociedade, visto que *não era materialmente justificável recorrer a sonhos para decisões importantes*²⁷⁸. Sendo que, o oposto pode ser observado nas comunidades indígenas, citadas anteriormente, na qual os sonhos desempenham um papel importante na tomada de decisões.

No que se refere ao sonho acordado, todos nós sonhamos... sonhamos com coisas que almejamos... sonhamos com uma vida melhor... sonhamos em viajar e conhecer outros lugares... sonhamos com o futuro... sonhamos e sonhamos... mas poucos são os que compartilham seus sonhos, ou como diz Benjamin: *Todos têm uma fada a quem podem pedir a realização de um desejo. Mas só poucos são capazes de se lembrar do desejo que formularam; e por isso só poucos reconhecem mais tarde, ao longo da vida, que seu desejo foi satisfeito*²⁷⁹. Já sobre os sonhos durante o sono, Benjamin²⁸⁰ fala sobre uma antiga tradição: *Há uma antiga tradição popular que nos diz que não se devem contar sonhos de manhã em jejum, pois quem está em jejum fala do sonho como se falasse ainda de dentro do sono*²⁸¹. Essa tradição, de não contar os sonhos antes do café da manhã, não me era estranha na infância, e assim como perdemos a experiência de contar histórias, também fomos perdendo a experiência de compartilhar aquilo que sonhamos²⁸².

²⁷⁷ RIBEIRO, Sidarta. **O oráculo da noite**. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

²⁷⁸ Ibidem (p. 81).

²⁷⁹ BENJMANIN, Walter. **Rua de mão única. Infância berlinense: 1900**. Belo Horizonte: Autêntica, 2013b. (p. 82).

²⁸⁰ Ibidem.

²⁸¹ Ibidem. (p. 10).

²⁸² Aqui, me refiro a experiência coletiva e social de compartilhar os sonhos.

Benjamin²⁸³ alerta que além da arte de narrar a arte de ouvir também foi desaparecendo, isso porque, uma depende da outra. Poucos são os momentos na sociedade moderna em que se conserva a troca de experiências, de narrativas e de ouvir. *Contar histórias sempre foi a arte de contá-las de novo, e ela se perde quando as histórias não são mais conservadas. Ela se perde porque ninguém mais fia ou tecê enquanto ouve a história*²⁸⁴.

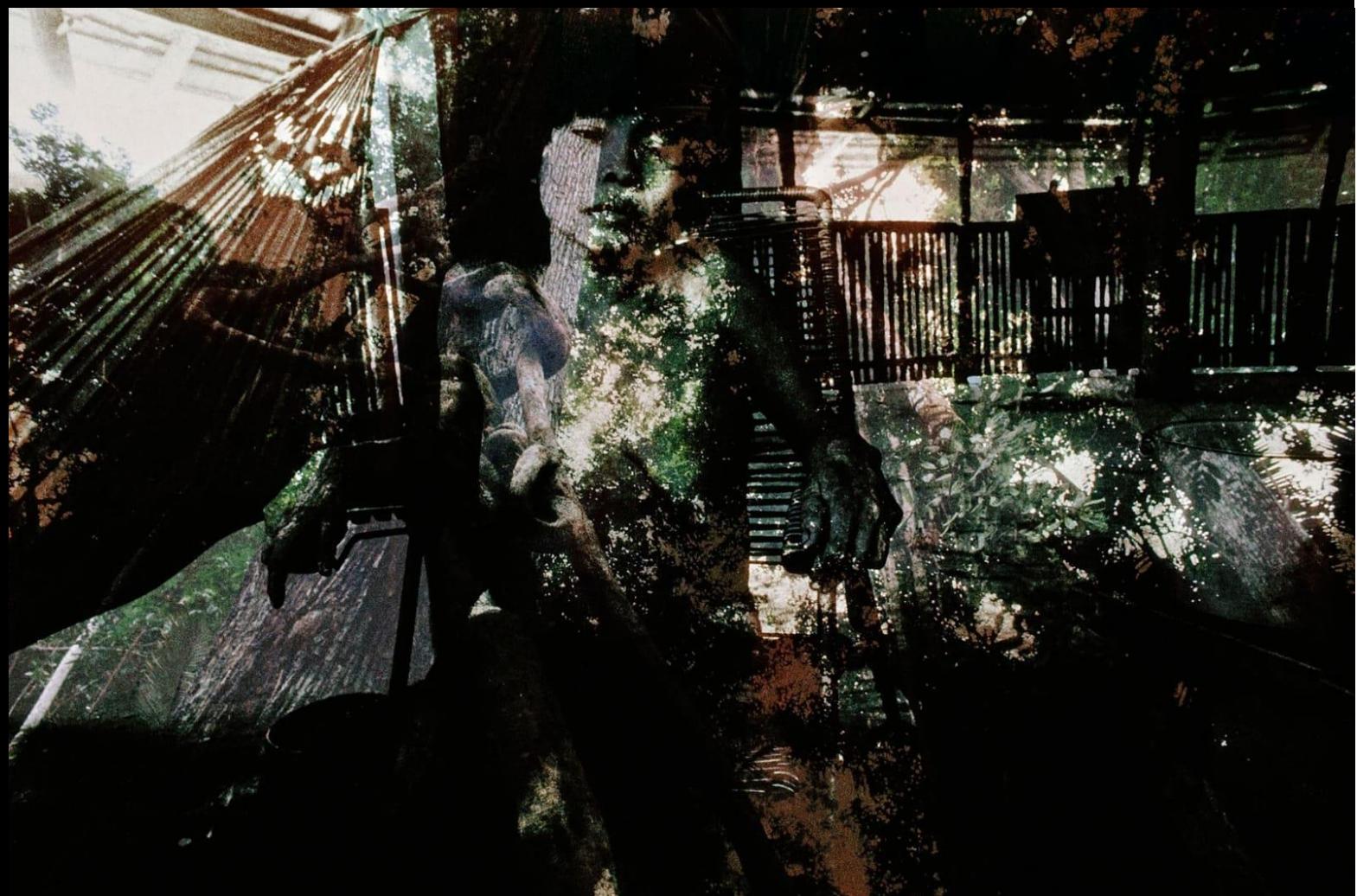
Para Benjamin, a narrativa é *uma forma artesanal de comunicação*²⁸⁵, e ela sempre esteve ligada, de certa forma, ao trabalho manual e artesão. Nesse sentido, o filtro dos sonhos e a dinâmica da Trama, tomadas como uma intervenção artística, que busca a troca de experiências e o acesso aos sonhos diurnos, cumprem esse papel. Enquanto construímos a trama, contamos nossas histórias, e enquanto tecemos o filtro dos sonhos, falamos sobre nossos sonhos, desejos, aspirações. Exercitamos também a arte de ouvir e o respeito com a trajetória de cada pessoa que participa das experimentações. Essas atividades são um resgate daquilo que formos perdendo com o avanço da sociedade moderna: ouvir, narrar e sonhar.

Os sonhos estão ligados a busca de viver novas experiências. E para sonhar, sonhar com algo novo, com a transformação, precisamos mergulhar no sentido mais profundo, naquilo que temos perdido enquanto sociedade: a experiência de sonhar. Resgatar a experiência e a narrativa fazem parte dessa pesquisa, trazendo à tona aquilo que a juventude tem sonhado. A juventude se coloca aqui como um lugar renovado para olhar e resgatar os sonhos que o mundo adulto talvez tenha deixado de lado. Os sonhos da juventude, podem se mostrar como um lugar de reencantamento do mundo.

²⁸³ BENJAMIN, Walter. **Magia e técnica, arte e política**. Obras escolhidas V. 1. São Paulo: Brasiliense, 1994.

²⁸⁴ Ibidem (p. 205).

²⁸⁵ Ibidem.



ANDUJAR, Claudia. Série Sonho Yanomami, 2022.

UMA RE-ESCRITA DA HISTÓRIA

Uma escrita pelos sonhos, poderia ser uma nova forma de escrita e transmissão da história? Seria possível fazer jus aos sonhos?

Pela escrita e pela narrativa, podemos recontar a história através do nosso olhar e da realidade em que estamos imersos. Nesse sentido, esboço algumas reflexões em torno da ideia de uma re-escrita da história.

Jeanne Marie Gagnebin alerta que *a escrita, por sua vez, deseja perpetuar o vivo, mantendo sua lembrança para as gerações futuras*²⁸⁷, talvez, para nunca esquecer, ou para sempre lembrar, dos tempos em que estamos imersos, do tempo em que essa escrita se concretiza, da forma como essa escrita se faz viva e morta ao mesmo tempo. Viva pela lembrança... morta pelo esquecimento. E ainda, *não esquecer dos mortos, dos vencidos, não calar, mais uma vez, suas vozes – isto é, cumprir uma exigência de transmissão e de escritura*²⁸⁸. A história para Benjamin, *deveria nos restituir a verdade do passado*²⁸⁹.

Para compreender a história e a re-escrita da história, tal qual propõe Benjamin, é preciso nos atentarmos ao conceito de rememoração (*Eingedenken*). A rememoração, pelas palavras de Gagnebin, pode ser entendida como a retomada, *pela palavra de um passado que, sem isso, desapareceria no silêncio e no esquecimento*²⁹⁰. Gagnebin também aponta para a *necessidade*

²⁸⁷ GAGNEBIN, Jeanne Marie. **Lembrar escrever esquecer**. São Paulo: Editora 34, 2009. (p.11)

²⁸⁸ Ibidem.

²⁸⁹ GAGNEBIN, Jeanne Marie. **História e narração em Walter Benjamin**. São Paulo: Perspectiva, 2013. (p. 02).

²⁹⁰ Ibidem (p. 03).

*de uma outra escritura da história*²⁹¹. Nesse sentido, a história se apresenta nesta reflexão no sentido de narração²⁹².

Para Otte²⁹³, a rememoração em Benjamin passa a ser um instrumento para dar conta das falhas do historicismo, *uma vez que possibilita o encontro entre o sujeito e o objeto da história*²⁹⁴. A rememoração *não significa simplesmente evocar, isoladamente, a lembrança de um passado, esquecendo-se do próprio presente*²⁹⁵, mas se trata, antes de tudo, *de relacioná-lo diretamente com o presente*²⁹⁶.

O presente se torna um ponto essencial para a compreensão da história, *uma vez que o historiador não tem como se deslocar para o passado, ele é obrigado a analisar as "ruínas" do passado, que, analisadas à luz de um presente em mudança contínua, formam uma "constelação" sempre diferente. É no presente que a "constelação" formada por elementos do passado e do presente "relampeja" e é este relâmpago do presente que "ilumina" [...] o passado*²⁹⁷. Desse modo, é o presente que nos possibilita uma compreensão do passado. Para Benjamin *o conhecimento existe apenas como lampejo e o texto é o trovão que segue ressoando por muito tempo*²⁹⁸.

Outro ponto que possibilita a entender a história em Benjamin é a citação, visto que quando citamos, quando incorporamos tudo aquilo que pensamos durante um trabalho, evidenciamos como nos posicionamos em relação ao passado. A citação é um elo entre o passado e o presente... *Citar é rememorar o passado a partir do ponto de vista específico de um determinado presente*²⁹⁹. Mesmo que aquilo que é citado no texto provenha de uma época passada, ou que pareça não fazer sentido em relação ao momento atual, Otte ressalta que a citação ou o fragmento quando citado, mesmo interrompendo o fluxo do texto, *contribui para uma melhor compreensão do texto interrompido. O processo da citação acaba*

²⁹¹ GAGNEBIN, Jeanne Marie. **História e narração em Walter Benjamin**. São Paulo: Perspectiva, 2013. (p. 06).

²⁹² BENJAMIN, Walter. **Magia e técnica, arte e política**. Obras escolhidas V. 1. São Paulo: Brasiliense, 1994.

²⁹³ OTTE, Georg. Rememoração e citação em Walter Benjamin. **Revista de Estudos em Literatura**. Belo Horizonte, v. 4, p. 211-223, 1996.

²⁹⁴ Ibidem (p. 213)

²⁹⁵ Ibidem (p. 214).

²⁹⁶ Ibidem.

²⁹⁷ Ibidem.

²⁹⁸ BENJAMIN, Walter. **Passagens**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2018. (p. 759 [N 1,1]).

²⁹⁹ OTTE, Georg. Rememoração e citação em Walter Benjamin. **Revista de Estudos em Literatura**. Belo Horizonte, v. 4, p. 211-223, 1996. (p. 211).

complementando o texto através de um fragmento alheio a ele, mostrando que, de certa maneira, alguma coisa do texto já foi dita em outro lugar e em outra época³⁰⁰.

O choque e o estranhamento com os fragmentos que irrompem esse texto fazem parte dessa construção textual benjaminiana, é como se as palavras invadissem o texto tentando contar uma história. A escrita em fragmentos pode partir de diversas combinações entre si, mas ao final sempre se completa, formando uma trama, ou constelação. A citação para Benjamin é um caminho para a montagem surrealista e está ligado ao seu método de composição.

A história não é linear e ela é sempre contada por um ponto de vista. Diante das ruínas, dos restos, dos fragmentos, de todos os cacos que juntamos para compor uma narrativa, verdades possíveis se revelam, operando como críticas ao mundo que vivemos. A história não é uma linha reta, é antes de tudo, como uma grande trama. Desse modo, Benjamin faz críticas as formas tradicionais das construções histórias e dos seus possíveis silenciamentos. A reflexão sobre a escrita da história perpassa a obra de Benjamin e permite uma melhor compreensão da modernidade.

Os sonhos que se direcionam ao futuro, das coisas que almejamos, sonhos de transformação, perpassam todas as épocas e todos os tempos, pertencendo a todos os lugares e pessoas, e, ao mesmo tempo, não pertencendo a lugar nenhum. Me pergunto se a gente sabe o que fazer com os sonhos que pedem para serem sonhados? Não, não sabemos!

Assim como Diego, personagem de Eduardo Galeano, não conhecia o mar e pede: - *Me ajuda a olhar!*³⁰¹, eu também peço: Me ajudem a olhar! É que os sonhos são um desses pequenos restos deixados de lado, como muitas vezes também são as infâncias, as juventudes, as memórias, as narrativas, as experiências. Os sonhos são quase inexistentes: não possuem nome, não possuem endereço, não possuem voz ativa na sociedade... poucos são os que se atrevem a seguir os rastos e a manter viva a lembrança e o encanto que os sonhos proporcionam. Os rastros, na concepção benjaminiana, são pouco visíveis: *não se destacam, não são os “traços dominantes de uma época”, como se costuma dizer, e também são muito mais detalhes que*

³⁰⁰ OTTE, Georg. Rememoração e citação em Walter Benjamin. **Revista de Estudos em Literatura**. Belo Horizonte, v. 4, p. 211-223, 1996. (p. 217).

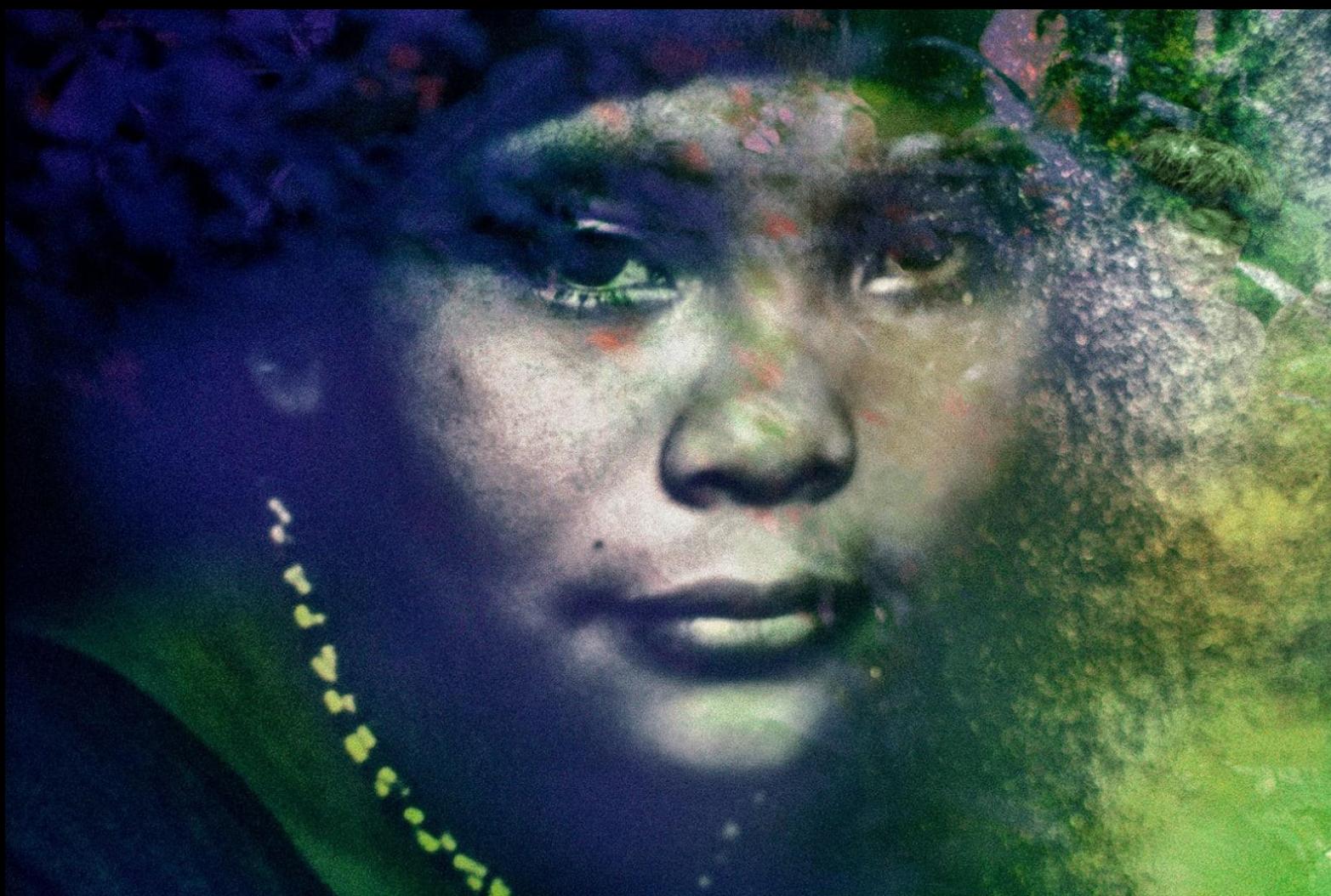
³⁰¹ GALEANO, Eduardo. **O livro dos abraços**. Porto Alegre: L&PM, 2013. (p. 15)

parecem aleatórios, restos insignificantes que, à primeira vista, poderiam e deveriam ser jogados fora³⁰².

Os sonhos quando não realizados não deixam rastro algum, nenhum vestígio, nenhum resto que demarque sua existência. Os sonhos não são algo material, palpável, mas apenas um desejo, que pode, com o tempo, se tornar algo concreto, mas quem poderá apontar que aquele – objeto, construção, obra – se tratava de um sonho? Quantos sonhos muitas vezes ocupam um lugar sem nome: um limbo entre o desejo de realizá-lo e a frustração de não o alcançar?

Poucos são os espaços destinados aos sonhos. Poderia ainda dizer: não há lugar para os sonhos. Mas há! Os sonhos se revelam como rastros de um passado que habita o presente, e por meio de uma juventude que sonha, mostra sua face.

³⁰² GAGNEBIN, Jeanne Marie. Apagar os rastros, recolher os restos. In: SEDLMAYER, Sabrina; GINZBURG, Jaime (Orgs.). **Walter Benjamin: rastro, aura e história**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2012.



ANDUJAR, Claudia. Série Sonho Yanomami, 2022.

OS SONHOS COMO ESPERANÇA

Ernst Bloch³⁰⁴ menciona que num passado próximo a *arte de temer era dominada de forma assustadora*³⁰⁵, e nos convida a deixar de lado os *artesões do medo, [...] para um sentimento mais condizente conosco*³⁰⁶, ou seja, a esperança!

Convido os artesões da esperança a tomarem seus lugares, para que o medo, não tome mais o lugar destinado aos sonhos.

Os sonhos tomam aqui um lugar de esperança, como forma de expectativa, de transformação daquilo que almejamos. Para Bloch, os sonhos diurnos perpassam a vida de todos os seres humanos. *Nenhum ser humano jamais viveu sem sonhos diurnos, mas o que importa é saber sempre mais sobre eles e, desse modo, mantê-los direcionados de forma clara e solícita para o que é direito. Que os sonhos diurnos tornem-se ainda mais plenos, o que significa que eles se enriquecem justamente com o olhar sóbrio – não no sentido de obstinação, mas sim no de tornar lúcido. Não no sentido de entendimento meramente contemplativo, que aceita as coisas como são e estão no momento, mas sim no de participação, que as aceita em seu movimento, portanto, também como podem ir melhor. Que os sonhos diurnos tornem-se, desse modo, realmente mais plenos, isto é, mais claros, menos caprichosos, mais conhecidos, mais compreendidos e mais em comunicação com o correr das coisas. Para que o trigo que quer amadurecer possa crescer e ser colhido.*³⁰⁷

Para Bloch a esperança é uma necessidade humana e sua falta seria insuportável e intolerável, assim, em sua obra, *O princípio esperança*, o autor se propõe ao resgate do conceito

³⁰⁴ BLOCH, Ernst. **O princípio esperança**. Rio de Janeiro: EdUERJ: Contraponto, 2005. V.I.

³⁰⁵ Ibidem (p. 13).

³⁰⁶ Ibidem.

³⁰⁷ Ibidem (p. 14).

de esperança, que em sua visão, faz parte da estrutura histórica do ser humano. Sua obra é movida pelo sonho diurno, ou sonho desperto, que perpassada toda sua obra. O sonho diurno é o sonho de transformação, que se volta para nossas expectativas, nossos desejos factíveis.

Bloch mostra que o futuro não está pré-determinado, e nesse sentido, a esperança está voltada para a expectativa e para a possibilidade daquilo que *ainda não veio a ser*³⁰⁸. Diante a ideia de mudança, de possibilidade e de transformação, o futuro é colocado como um *espaço de surgimento inconcluso diante de nós*³⁰⁹, e em sua relação com o passado, Bloch aponta que, *o futuro que ainda não veio a ser torna-se visível no passado*³¹⁰. Essa relação acontece no próprio tempo presente, como um impulso do que ainda não veio a ser, nesse sentido, Bloch se utiliza da dialética materialista para compreensão desse processo. *Enquanto o ser humano se encontrar em maus lençóis, a sua existência tanto privada quanto pública será perpassada por sonhos diurnos, por sonhos de uma vida melhor que a que lhe coube até aquele momento*³¹¹.

Sobre o sonho diurno em Bloch, Machado³¹² aponta: *O sonho diurno exige, portanto, um tratamento específico, não reducionista, não é mero devaneio fugaz, trivial e ocioso, mas possui o caráter modelador da arte; é engajado, responsável e contém o tutano alimentado pela pulsão que o impele para que sua antevisão seja concretizada*³¹³. O sonho diurno nos move e a partir dele podemos moldar, articular e criar novas possibilidades.

O processo de articular o que ainda não veio a ser, de fazer emergir, é uma característica fortemente encontrada na juventude, como expressa Bloch. A juventude não estaria contida ou engessada dentro de um processo, antes de tudo, sonha e busca ocupar seu espaço no mundo. Assim, a juventude se sustenta nos sonhos que carregam incansavelmente e que desejam profundamente alcançar. Sonhos de uma vida melhor. *Se alguém sonha, nunca fica parado no mesmo lugar. Move-se, quase a seu bel-prazer, do lugar ou condição em que se encontra naquele justo momento. Ali pelos 13 anos de idade, descobre-se o eu como companheiro de*

³⁰⁸ BLOCH, Ernst. **O princípio esperança**. Rio de Janeiro: EdUERJ: Contraponto, 2005. V.I. (p. 18).

³⁰⁹ Ibidem.

³¹⁰ Ibidem (p. 19).

³¹¹ Ibidem (p. 15).

³¹² MACHADO, Carlos Eduardo Jordão. Sonhos diurnos e geografia – sobre O princípio esperança de Ernst Bloch. **Trans/Form/Ação**, São Paulo, 31(1): 205-213, 2008.

³¹³ Ibidem (p. 209).

viagem. Por isso, nessa época, os sonhos de uma vida melhor tornam-se especialmente exuberantes³¹⁴.

A juventude carrega consigo a imagem da vida futura... Certo é apenas que ela não deve conter bagatelas e nem outra estação senão a primavera³¹⁵. Para Bloch, a juventude pode se apresentar como seu próprio flagelo ou sua coroa de louros³¹⁶, isso porque, nesse momento do que ainda não veio a ser, tudo é incerto: o ar da montanha está cheio de redemoinhos³¹⁷, e assim, os ventos sopram, jogando o jovem de um lado para outro. Assim, esse período parece simultaneamente infeliz e bem-aventurado. Bloch ressalta que os sonhos que surgem nesse período de juventude são movidos pela coragem, pela aventura, pelo descobrimento. Sonhos de amplidão, de altura, daquilo que se busca conquistar. E o caminho leva dos pequenos sonhos acordados para os robustos, dos claudicantes e passíveis de abuso para os vigorosos, dos castelos de vento inconstantes para aquela coisa que está por vir e é necessária³¹⁸.

Possuímos sonhos que dizem respeito a todas as áreas da nossa vida, e para Bloch, o desejo de ver as coisas melhorarem não adormece³¹⁹. Possuímos uma tendência intrínseca para os sonhos, pois mesmo ao esquecer ou se desfazer dos desejos, daquilo que se almeja, essa não passaria de uma ideia ilusória, pois os desejos se remodelam e não cessam, como aponta Bloch. Os desejos ainda assim não cessariam, ou se travestiriam em novos, ou até nós, os sem-desejo, seríamos os cadáveres que os maus pisaram no caminho para a sua vitória. Não é hora de desistir dos desejos. Os que sofrem privação sequer pensam nisso: eles sonham que seus desejos um dia serão realizados³²⁰. Bloch aponta para a questão de que nenhum ser humano jamais viveu sem sonhos diurnos³²¹.

Mesmo que fechamos as portas para nossos sonhos, eles encontram lacunas e se infiltram. A esperança é como uma janela aberta, ou como diz Bloch, uma porta entreaberta, e pelo espaço vazio se movem os sonhos. Todo sonho permanece sendo sonho pelo fato de ter tido muito pouco êxito, de ter conseguido levar pouca coisa a termo. Por isso, ele não pode

³¹⁴ BLOCH, Ernst. **O princípio esperança**. Rio de Janeiro: EdUERJ: Contraponto, 2005. V.I. (p. 32).

³¹⁵ Ibidem (p. 34).

³¹⁶ Ibidem.

³¹⁷ Ibidem (p. 35).

³¹⁸ Ibidem (p. 21).

³¹⁹ Ibidem (p. 79).

³²⁰ Ibidem.

³²¹ Ibidem (p. 14).

*esquecer o que falta, e mantém a porta aberta em relação a todas as coisas. A porta no mínimo entreaberta, quando se dirige para objetos agradáveis, chama-se esperança*³²².

Na casa dos sonhos, temos a liberdade de escolher a mobília... *A casa do sonho desperto só é mobiliada com representações auto-escolhidas, ao passo que quem dorme nunca sabe o que o espera além do limiar do subconsciente*³²³, ou seja, o sonho acordado é um lugar de liberdade, pois somos nós que estamos em seu comando.

No que se difere entre o sonho noturno e o sonho diurno, Bloch ressalta: *sonhos diurnos, portanto, não dispõem de qualquer tipo de censura imposta por um ego moral, como acontece com o sonho noturno*³²⁴. Essa é a primeira e a segunda das quatro características que Bloch aponta em relação ao sonho diurno, ou seja, o livre curso do sonho quando estamos despertos, e o ego preservado durante o sonho noturno. Bloch se apoia na obra Freud³²⁵, A interpretação dos sonhos, para traçar essa discussão e ressaltar as diferenças entre o sonho noturno e o sonho diurno, desenvolvendo assim, diversas críticas a Freud e a psicanálise. Isso porque, para Bloch, *o sonho diurno não é prelúdio do sonho noturno*³²⁶, ou seja, nós não sonhamos apenas a noite... *o dia possui bordas crepusculares, também ali os desejos se saciam. Diferentemente do sonho noturno, o sonho diurno desenha no ar repetíveis vultos de livre escolha, e pode se entusiasmar e delirar, mas também ponderar e planejar. [...] O sonho diurno pode proporcionar idéias que não pedem interpretação, e sim elaboração*³²⁷.

Sigmund Freud foi um dos primeiros teóricos a refletir sobre o sonho, partindo de uma abordagem psicanalítica para compreender a mente humana. O sonho para Freud é uma formação psíquica que está relacionada com a nossa vida em vigília. Ou seja, sonhamos, enquanto dormimos, com desejos, preocupações, medos, e tudo aquilo que afeta nossa vida em vigília. Em sua obra A interpretação dos sonhos, Freud aponta a importância do sonho nas sociedades passadas e a relação sobrenatural que se dava aos sonhos, como sendo mensagens de deuses ou demônios, revelações, inspirações, premonições e revelação, pois ainda não se entendia o significado do sonhar. De forma geral, o sonho para Freud pode ser definido como

³²² BLOCH, Ernst. **O princípio esperança**. Rio de Janeiro: EdUERJ: Contraponto, 2005. V.I. (p. 326).

³²³ Ibidem (p. 90).

³²⁴ Ibidem (p. 92).

³²⁵ FREUD, Sigmund. **A interpretação dos sonhos** – Volume 1. Porto Alegre: L&PM, 2016.

³²⁶ BLOCH, Ernst. **O princípio esperança**. Rio de Janeiro: EdUERJ: Contraponto, 2005. V.I. (p. 88).

³²⁷ Ibidem.

atividade psíquica da pessoa adormecida enquanto dura seu sono³²⁸, e ainda, todo material que compõe o conteúdo onírico provém de alguma forma da experiência e, portanto, que é produzido, ou lembrado, no sonho³²⁹. Assim, a experiência onírica, para Freud, está ligada as emoções e aquilo que vivenciamos, mas nem sempre reconhecemos a experiência vivida em sonho... *lembamos bem do que sonhamos, mas não lembramos que foi vivenciado nem quando o foi*³³⁰. Essa passagem, que relata o não conhecimento das experiências e memórias que temos durante o sonho, e as diversas representações e imagens mentais que se formam na experiência onírica, foi um caminho para Freud desenvolver o conceito de inconsciente. O sonho, na psicanálise freudiana, se tornou um caminho possível para descobrir traumas e buscar compreender sobre as memórias, muitas indesejáveis, que estavam bloqueadas no estado de vigília, mas que ganhavam força no estado onírico. *Acredito que todos os que se ocupam de sonhos terão de reconhecer como fenômeno bastante comum o fato de o sonho prestar testemunho de conhecimentos e memórias que a pessoa acordada presume não possuir*³³¹.

Enquanto Freud aponta os desejos e sentimentos vividos em vigília como material para a atividade onírica, Bloch prioriza o sonho diurno, no sentido de que este possuiria um valor ontológico, pois são produzidos no limiar histórico³³². Rodrigues nos esclarece: *Para Bloch, os sonhos noturnos, ao contrário dos diurnos, não nos garantem uma verdade ontológica ligada ao real, já que são imagens ligadas ao inconsciente, imagens que passam por um processo de codificação de um desejo reprimido e que não são claras, muitas vezes, nem para o sujeito que as produz no sonho. Portanto, pelo fato de que o sujeito não tem o controle da produção das imagens no sonho noturno, o seu valor ontológico de verdade está comprometido*³³³.

A terceira característica, que Bloch aponta que diferencia o sonho noturno do sonho diurno, são os sonhos de melhoria do mundo. *O eu do sonho desperto pode se expandir a ponto de representar os outros. [...] Quem dorme está sozinho com seus tesouros, mas o ego de quem devaneia pode se reportar aos demais*³³⁴. Sonhos que se encaminham nessa direção, poderão

³²⁸ FREUD, Sigmund. **A interpretação dos sonhos** – Volume 1. Porto Alegre: L&PM, 2016. (p. 16).

³²⁹ Ibidem (p. 25).

³³⁰ Ibidem.

³³¹ FREUD, Sigmund. **A interpretação dos sonhos** – Volume 1. Porto Alegre: L&PM, 2016. (p. 28).

³³² RODRIGUES. Ubiratane de Moraes. Os sonhos acordados e a obra de arte: Freud no percurso de Ernst Bloch. **Kriterion**, Belo Horizonte, nº 150, p. 825-844, 2021.

³³³ Ibidem (p. 826).

³³⁴ BLOCH, Ernst. **O princípio esperança**. Rio de Janeiro: EdUERJ: Contraponto, 2005. V.I. (p. 93).

ser observados no movimento que vem a seguir, com a exposição dos sonhos filtrados para essa pesquisa. Vê-se fortemente uma juventude que sonha com melhorias, com um mundo melhor, mais igual e justo. *Os sonhos de um mundo melhor como um todo buscam a exterioridade de sua interioridade, aparecem como arco-íris extrovertidos ou em forma de abóbada*³³⁵.

Os sonhos de melhoria do mundo também se apresentam a partir de um viés revolucionário, como ressalta Bloch, isso porque, no mundo desperto podemos questionar o sistema que vivemos, a leis, as normas, as opressões, e tudo mais que se coloque no sentido de que *está ruim o mundo*³³⁶, diante de tal reconhecimento, podemos caminhar em direção a um outro mundo possível, o mundo com o qual se sonha.

A quarta característica, seria o movimento de *ir até o fim*, em relação aos sonhos. *A fantasia diurna, assim como o sonho noturno, tem os desejos como ponto de partida, mas vai com eles até o fim, quer chegar ao lugar da realização*³³⁷. A vontade de *ir até o fim*, faz com que caminhemos em direção aos sonhos, e mesmo diante dos limites, nós nos jogamos em direção aquilo que *ainda não veio ser*, esgotamos nossas possibilidades... e por fim, ocupamos um lugar de espera... espera pela realização do sonho. *Mas também aprendemos a esperar, pois o que uma criança deseja raramente chega imediatamente. Sim, espera-se pelo próprio desejo, até que ele se torne mais claro. Uma criança agarra tudo para encontrar o que tem em mente. Joga tudo fora, está incessantemente curiosa e não sabe pelo quê. Mas o novo já vive aqui, o outro com o qual se sonha*³³⁸.

Aprender a esperar é também parte do processo e o *futuro contém o temido ou o esperado*³³⁹.

Mesmo os sonhos adormecidos, ou enterrados, habitam um lugar: a espera. O lugar da espera é habitado, não somente pelos jovens que se colocam nessa pesquisa e que revelam seus sonhos, mas por todos aqueles que almejam algo.

³³⁵ BLOCH, Ernst. **O princípio esperança**. Rio de Janeiro: EdUERJ: Contraponto, 2005. V.I. (p. 93).

³³⁶ Ibidem (p. 97).

³³⁷ Ibidem.

³³⁸ Ibidem (p. 29).

³³⁹ Ibidem (p. 14).

Janela sobre a palavra (IV)

Magda Lemonnier recortava palavras nos jornais, palavras de todos os tamanhos, e as guarda em caixas. Numa caixa vermelha guarda as palavras furiosas. Numa verde, as palavras amantes. Em uma caixa azul, as neutras. Numa caixa amarela, as tristes. E numa caixa transparente guarda as palavras que têm magia.

Às vezes, ela abre e vira as caixas sobre a mesa, para que as palavras se misturem do jeito que quiserem. Então, as palavras contam para Magda o que acontece e anunciam o que acontecerá.³⁴⁰

³⁴⁰ GALEANO, Eduardo. **As palavras andantes**. Porto Alegre: L&PM, 2017a. (p. 69).

FILTRANDO SONHOS

Buscando uma forma de apresentação dos sonhos filtrados tomo a passagem *Janela sobre a palavra*, de Galeano como recurso para essa construção. Assim como Magda, personagem de Galeano, mantive os sonhos guardados em uma caixa. Meu coração batia forte a cada sonho retirado da caixa, pois a mim, eles me remetiam a todas as histórias que poderiam vir a ser, bem como o anúncio daquilo que não se tornaria real. No mundo dos sonhos, alguns sonhos seguem sendo apenas sonhos. Pensei também na enorme responsabilidade de guardar tantos sonhos. Será que quem os escreveu lembra do que desejou? Tirei da caixa, sonho por sonho, esperei que eles se misturassem, e então, me contassem o que precisava ser contado e me mostrassem o que precisava ser mostrado. Por mais que busque uma previsibilidade, uma rota, um norte ou um sul para seguir, as tramas se entrelaçam nessa escrita, junto com tudo aquilo que a palavra carrega, num emaranhado de vozes que suplicam: *Sonhe-me, vale a pena. Sonhe-me, que vai gostar*³⁴¹.

É como se os sonhos estivessem expostos em uma grande vitrine, esperando... serem escolhidos... ou serem sonhados... *Havia ali lojas de todos os tipos, contudo, não se via uma só pessoa, nem atrás dos balcões nem diante deles. Após ter andado por algum tempo, ficou parado diante de uma grande vitrine por detrás da qual se via uma exposição completa de sonhos*³⁴². *Como a porta estava aberta, ele entrou. Do chão ao teto havia prateleiras com sonhos de todas as espécies, coletadas em todos os mares da Terra*³⁴³. Nessa perspectiva, os sonhos se mostram como uma coleção, seguindo o pensamento benjaminiano: *E para o verdadeiro colecionador, cada uma das coisas torna-se neste sistema uma encyclopédia de toda a ciência da época, da paisagem, da indústria, do proprietário do qual provém. O mais*

³⁴¹ GALEANO, Eduardo. **O livro dos abraços**. Porto Alegre: L&PM, 2013. (p. 42).

³⁴² Na citação o autor utiliza a palavra concha.

³⁴³ BENJAMIN, Walter. **Passagens**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2018. (p. 348 [H 1a, 3]).

*profundo encantamento do colecionador consiste em inscrever a coisa particular em um círculo mágico no qual ela se immobiliza, enquanto percorre um último estremecimento (o estremecimento de ser adquirida)*³⁴⁴. Esses sonhos se mostram como uma coleção única, que se expressam como desejo e esperança de uma juventude que sonha.

Desse modo, assim como o colecionador, *reúne as coisas que são afins; consegue, deste modo, informar a respeito das coisas através de suas finalidades ou de sua sucessão no tempo*³⁴⁵, eu, como uma colecionadora de sonhos, busquei expor e organizar os sonhos tal qual uma coleção: *O verdadeiro método de tornar as coisas presentes é representá-las em nosso espaço (e não nos representar no espaço delas). (Assim procede o colecionador e também a anedota). As coisas, assim representadas, não admitem uma construção mediadora a partir de “grandes contextos”. Também a contemplação de grandes coisas do passado [...] consiste, na verdade, em acolhê-las em nosso espaço. Não somos nós que nos transportamos para dentro delas, elas é que adentram a nossa vida*³⁴⁶. Para Benjamin as coisas da qual o colecionador persegue, vão de encontro a ele... *tudo se desenrolaria diante de nossos olhos, tudo viria de encontro a nós. Ora, é exatamente isso que se passa com o grande colecionador em relação às coisas. Elas vão de encontro a ele. Como ele as persegue e as encontra, e que tipo de modificação é provocada no conjunto das peças por uma nova peça que se acrescenta, tudo isto lhe mostra suas coisas em um fluxo contínuo*³⁴⁷.

Assim como o colecionador que expõe sua coleção, digo que os sonhos filtrados nesse processo de pesquisa, não serão analisados ou organizados em planilhas ou gráficos, creio que esse não é o objetivo, e nem saberia como fazer sem perder o sentido do que os sonhos em si representam. Os sonhos não são números, mas sim histórias, e eles serão apresentados, no sentido de apresentação (*Darstellung*) que Walter Benjamin, atribui ao termo, ou seja, trata-se da busca pela exposição da verdade, que toma a filosofia como apresentação³⁴⁸. Desse modo, Benjamin parte de duas formas de escrita filosófica: a doutrina e o tratado. A doutrina segue

³⁴⁴ BENJAMIN, Walter. **Passagens**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2018. (p. 348 [H 1a, 2]).

³⁴⁵ Ibidem (p. 358 [H 4a, 1]).

³⁴⁶ Ibidem (p. 358 [H 2, 3]).

³⁴⁷ BENJAMIN, Walter. **Passagens**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2018. (p. 348 [H 1a, 5]).

³⁴⁸ GAGNEBIN, Jeanne Marie. Da escrita filosófica em Walter Benjamin. In: SELIGMANN-SILVA, Marcio (Org.). **Leituras de Walter Benjamin**. 2. ed. São Paulo: FAPESP; Annablume, 2007.

por uma transmissão linear, objetiva e sistemática do conhecimento, enquanto o tratado, se preocupa com a apresentação do conhecimento³⁴⁹.

A inspiração para essa composição, além do colecionador de Benjamin, é a própria obra das Passagens (*Das Passagen-Werk*), obra inacabada, que mostra como era vivenciada a Paris do século XX a partir de citações e fragmentos textuais seus e de outros autores. São milhares de fragmentos que constituem a obra: *Estamos diante de uma dezena de modalidades de escrever a história, que Benjamin combina para atuarem em conjunto*³⁵⁰. Bolle salienta que diante dessa obra, *Benjamin queria renovar a historiografia tradicional, acomodada no tripé da história econômica, social e política*³⁵¹. Essa obra, *um tanto labiríntica*³⁵², como aponta Bolle, trata-se *essencialmente de um texto espacial, não sequencial, em que as relações sintáticas entre as partes se estabelecem de forma constelacional, por associações de ideias ou por meio de links*³⁵³. Ou, de forma mais categórica, Bolle explica: *essa organização do saber histórico em forma de constelação de categorias e fragmentos, elaborada por Benjamin, pode ser visualizada, mas não pode ser narrada*³⁵⁴.

Ao apresentar os sonhos partindo dessas reflexões, minha intenção é que esses fragmentos se aproximem da ideia de exposição, como do colecionador, e sua leitura possa partir da ideia de constelação. Sigo a rota de Benjamin: *abrir mão de todo e qualquer comentário explícito e deixar vir à tona os significados através da montagem do material na forma do choque*³⁵⁵. Qualquer explicação ou comentário sobre estes sonhos anunciariam sua morte.

Os sonhos apresentados nesta pesquisa, são um resgate daquilo que é ignorado pela história, afinal, em que momento do nosso cotidiano dedicamos atenção para os sonhos? Benjamin queria *tratar o mundo das coisas do século XIX como se fosse um mundo de coisas*

³⁴⁹ GAGNEBIN, Jeanne Marie. Do conceito de Darstellung em Walter Benjamin ou verdade e beleza. In: **Kriterion**, Belo Horizonte, nº 112, p. 183-190, 2005.

³⁵⁰ BOLLE, Willi. “Um painel com milhares de lâmpadas”: Metrópole e megacidade. In: BENJAMIN, Walter. **Passagens**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2018. (p. 1718).

³⁵¹ Ibidem.

³⁵² Ibidem (p. 1745).

³⁵³ Ibidem (p. 1718).

³⁵⁴ Ibidem.

³⁵⁵ ADORNO, Theodor apud TIEDEMANN, Rolf. Introdução à edição alemã (1982). In: BENJAMIN, Walter. **Passagens**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2018. (p. 16).

*sonhadas*³⁵⁶. Para melhor compreender esse pensamento, Tiedemann salienta: *a história regida por relações de produção capitalista é, em todo caso, comparável à ação inconsciente do indivíduo sonhador pelo fato de ser feita por homens, porém, sem consciência e sem plano, como em um sonho*³⁵⁷. O sonho para Benjamin é um instrumento importante para a compreensão dos processos sociais e históricos dos quais estamos inseridos e a visão onírica faz parte da reflexão estética de Benjamin.

Nesse sentido, Bretas aponta que: *a constelação do sonho, em Benjamin, surge com um mesmo princípio motriz: apresentar a história, através de suas próprias ruínas, como propedêutica para a práxis política do despertar*³⁵⁸. E ainda, ressalta a proximidade de Benjamin ao marxismo, pelo qual *assume o caráter onírico da história [...] colocando o pensamento dialético a serviço de uma espécie de “onirocrítica” ou interpretação política das imagens histórias*³⁵⁹.

Esse caráter onírico da história exposto por Benjamin, pode ser compreendido através da articulação entre o passado e o presente e *a imagem é aquilo em que o ocorrido encontra o agora num lampejo*³⁶⁰. Essa ideia está também vinculada aquilo que se propõe o próprio método benjaminiano de fazer história, pois Benjamin *toma como propedêutica uma consciência “surrealista, “flutuante”, “multifacetada e fragmentada”, cujo propósito é trazer à tona as possibilidades latentes da chamada Urgeschichte (“história primeva” ou “proto-história”) do presente, a partir de suas próprias expressões oníricas*³⁶¹.

É por esse viés que Benjamin tenta compreender o sonho no aspecto histórico e coletivo. Em sua obra das Passagens, o autor insinua que a própria modernidade seria uma forma onírica do tempo, se referindo ao sonho como um processo de *despertar*, visto que o capitalismo seria um *sono, repleto de sonhos*³⁶². Esse despertar, se apresenta como um viés revolucionário, na tentativa de compreender e olhar para a sociedade moderna, e ainda, pode ser considerado um

³⁵⁶ TIEDEMANN, Rolf. Introdução à edição alemã (1982). In: BENJAMIN, Walter. **Passagens**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2018. (p. 19).

³⁵⁷ Ibidem. (p. 19-20).

³⁵⁸ BRETAS, Aléxia. **A constelação do sonho em Walter Benjamin**. São Paulo: Humanitas, 2008. (p. 15-16).

³⁵⁹ Ibidem (p. 21).

³⁶⁰ BENJAMIN, Walter. **Passagens**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2018. (p. 767 [N 2a, 3]).

³⁶¹ BRETAS, Aléxia. **A constelação do sonho em Walter Benjamin**. São Paulo: Humanitas, 2008. (p. 33).

³⁶² BENJAMIN, Walter. **Passagens**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2018. (p. 664 [K 1a, 8]).

exemplo da *reviravolta dialética*³⁶³. Nesse sentido, Benjamin aponta: *O método novo, dialético, de escrever a história apresenta-se como a arte de experienciar o presente como o mundo da vigília, ao qual se refere o sonho que chamamos de o ocorrido. Elaborar o ocorrido na recordação do sonho! – Quer dizer: recordação e despertar estão intimamente relacionados. O despertar é, com efeito, a revolução copernicana e dialética da rememoração*³⁶⁴.

Tiedemann, ressalta que: *O século XIX é o sonho do qual se deve despertar: um pesadelo que pesará sobre o presente enquanto permanecer intacto seu fascínio. As imagens do sonho e o despertar desse sonho comportam-se, segundo Benjamin, como a expressão e a interpretação; para ele, somente a interpretação das imagens dissolveria seu fascínio*³⁶⁵.

O despertar, seria um momento, como aponta Benjamin, no qual as coisas mostrariam seu verdadeiro rosto. *Na imagem dialética, o ocorrido de uma determinada época é sempre, simultaneamente, o “ocorrido desde sempre”. Como tal, porém, revela-se somente a uma época determinada - a saber, aquela na qual a humanidade, esfregando os olhos, percebe como tal justamente esta imagem onírica. É nesse instante que o historiador assume a tarefa da interpretação dos sonhos*³⁶⁶. Assim, através do despertar, seria possível olhar para esse *rosto* da sociedade em que vivemos.

O comprometimento ético-político desta pesquisa é também propor reflexões sobre a realidade social e isso me conduz a lançar um olhar sobre o mal-estar cultural que vivemos hoje. Na busca do *rosto do mundo das coisas*³⁶⁷, tento encontrar a face que revela fragmentos da história que se faz aqui e agora. *No pensamento benjaminiano, a história é traçada (ou pensada) a partir das imagens. A fisiognomia é para Benjamin, o fragmento que compõe o rosto de toda uma época. A partir da ideia das imagens dialéticas ou “semelhanças não sensíveis”, Benjamin busca refletir sobre a práxis a partir da linguagem imagética, na perspectiva de uma história aberta, onde as imagens se relacionam e se encontram, formando constelações que, num relampejo, revelam a dinâmica da história de forma crítica. Benjamin*

³⁶³ TIEDEMANN, Rolf. Introdução à edição alemã (1982). In: BENJAMIN, Walter. **Passagens**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2018. (p. 23).

³⁶⁴ BENJAMIN, Walter. **Passagens**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2018. (p. 660 [K 1, 3]).

³⁶⁵ TIEDEMANN, Rolf. Introdução à edição alemã (1982). In: BENJAMIN, Walter. **Passagens**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2018. (p. 23).

³⁶⁶ BENJAMIN, Walter. **Passagens**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2018. (p. 779 [N 4, 1]).

³⁶⁷ BUSSOLETTI, Denise Marcos. **Infâncias Monotônicas - Uma rapsódia da Esperança**: Estudo psicossocial cultural crítico sobre as representações do outro na escrita de pesquisa. Porto Alegre, 2007. Tese (Doutorado em Psicologia) - Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, 2007.

investiga o contexto alegórico que a arte barroca oferece quando expõe, de forma escatológica, cadáveres e ossadas humanas. Na impossibilidade de outra significação que a caveira oferece, reside a afirmação da tese que é negada pela ideia da desolação da existência humana³⁶⁸.

Os sonhos podem ser também formas de expressões negadas pela realidade³⁶⁹, e se apresentam como uma crítica da cultura, onde podemos compreender os processos sociais e históricos do quais estamos inseridos. Quando nos propomos a olhar para os sonhos, temos a oportunidade de lançar um olhar crítico sobre a modernidade. Com o advento do capitalismo novas promessas vieram a fazer parte da vida moderna, como o desenvolvimento e a possibilidade de crescimento e expansão, mas que para muitas pessoas, como trabalhadores e camponeses, essa promessa nunca se cumpriu³⁷⁰. Na sociedade moderna todos os sonhos são possíveis de serem sonhados, mas nem todos se cumprem. Benjamin aponta que *articular historicamente o passado não significa conhecê-lo “como ele de fato foi”*³⁷¹, mas sim, se apropriar de uma lembrança do passado, *tal como ela relampeja no momento de um perigo*³⁷². Os perigos tem sido tantos, e Benjamin deixa mais um alerta: *O dom de despertar no passado as centelhas da esperança é privilégio exclusivo do historiador convencido de que também os mortos não estarão em segurança se o inimigo vencer. E esse inimigo não tem cessado de vencer*³⁷³.

Buscando despertar, como propõe Benjamin, no sentido de uma nova forma de exposição da história, abro os olhos e me coloco diante das ruínas do passado, um passado não tão distante e que se faz presente aqui e agora, abro as asas e me lanço para o futuro na tentativa de voar... Será que abrir as asas significam promessas de voo? Será que sonhar significa promessas de concretude? Ou, como o anjo da história referido por Benjamin, também estamos sendo arrastados por uma tempestade em direção ao progresso? *Há um quadro de Klee que se chama Angelus Novus. Representa um anjo que parece querer afastar-se de algo que ele encara*

³⁶⁸ DUARTE, Krischna Silveira. **Educação desordeira: poéticas das infâncias em vídeoarte**. 2017. 141f. Tese (Doutorado em Educação) - Programa de Pós Graduação em Educação, Faculdade de Educação, Universidade Federal de Pelotas, Pelotas, 2017. (p. 48).

³⁶⁹ ROUANET, Sérgio Paulo. **Édipo e o Anjo: Itinerários freudianos em Walter Benjamin**. 3^aed. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 2008.

³⁷⁰ LÖWY, Michael. **Revolta e melancolia: o romantismo na contracorrente da modernidade**. São Paulo: Boitempo, 2015a.

³⁷¹ BENJAMIN, Walter. **Magia e técnica, arte e política**. Obras escolhidas V. 1. São Paulo: Brasiliense, 1994. (p. 224).

³⁷² Ibidem.

³⁷³ Ibidem (p. 224-225).

fixamente. Seus olhos estão escancarados, sua boca dilatada, suas asas abertas. O anjo da história deve ter esse aspecto. Seu rosto está dirigido para o passado. Onde nós vemos uma cadeia de acontecimentos, ele vê uma catástrofe única, que acumula incansavelmente ruína sobre ruína e as dispersa a nossos pés. Ele gostaria de deter-se para acordar os mortos e juntar os fragmentos. Mas uma tempestade sopra do paraíso e prende-se em suas asas com tanta força que ele não pode mais fechá-las. Essa tempestade o impele irresistivelmente para o futuro, ao qual ele vira as costas, enquanto o amontoado de ruínas cresce até o céu. Essa tempestade é o que chamamos progresso³⁷⁴.

O rosto do mundo das coisas, nessa pesquisa, se mostra pelos sonhos de uma juventude. E assim como na história de Galeano, onde cada palavra é guardada numa caixa, o colecionador também segue sua forma de organização... *Pois é preciso saber: para o colecionador, o mundo está presente em cada um de seus objetos e, ademais, de modo organizado. Organizado, porém segundo um arranjo surpreendente, incompreensível para uma mente profana. Este arranjo está para o ordenamento e a esquematização comum das coisas mais ou menos como a ordem num dicionário está para uma ordem natural.*

Cada colecionador organiza sua coleção de forma única, e os sonhos filtrados se mostrariam como pequenas tramas, onde cada sonho nos levará a outro sonho, e a outro e a outro...

Para essa exposição, os sonhos seguirão por quatro movimentos: Raízes, Vento, Um outro mundo e Sonho de ser sonho. A construção desses movimentos e as tramas que se constroem a partir deles se amparam na literatura de Galeano. E assim como as palavras de Magda são guardadas em caixas com cores, opto por utilizar cores para destacar os sonhos filtrados nesse processo. A utilização das cores busca evidenciar os Nós que se amarram, se articulam, tencionam, se aproximam e se afastam para a construção dessa trama de sonhos.

Em *Raízes*, reuni os sonhos de formação, de uma profissão, de constituir uma família. Sonhos que brotam e firmam suas raízes na terra, *para que ninguém esqueça*³⁷⁵. Sonhos de florescer, de crescer, de ser e ter... Aqui, as tramas serão tecidas na cor verde.

³⁷⁴ BENJAMIN, Walter. **Magia e técnica, arte e política**. Obras escolhidas V. 1. São Paulo: Brasiliense, 1994 (p. 226).

³⁷⁵ GALEANO, Eduardo. **Bocas do tempo**. Porto Alegre: L&PM, 2018. (p. 105).

Em *Vento*, se reúnem os sonhos de ir... Porque tantos jovens sonham em ir... ir embora, viver em outro país? Seria esse um sonho latente da juventude de hoje? Ou esse é um sonho que foi também presente em gerações passadas e continuará sendo nas gerações futuras? Sonhos de viagem, de conhecer o mundo, sonhos que *desafia os navegantes*³⁷⁶. *O mundo viaja. Carrega mais naufragos que navegantes*³⁷⁷. Será? Será que somos naufragos de nossos próprios sonhos? Será que *os ventos do tempo apagarão as pegadas*³⁷⁸ que deixamos em direção aos nossos sonhos? Aqui, só tempo será capaz de traçar uma resposta. Os sonhos de Vento serão tramados na cor azul.

Em *Um outro mundo*, os desejos de transformação se revelam. Vejo aqui uma força revolucionária e desejo pela mudança. Quase sempre depositamos o futuro nas gerações mais novas, como se fossem elas que nos guiassem para esse outro mundo possível, mas será? E o que nós estamos deixando para a juventude de agora? **Para os sonhos de transformação utilize a cor laranja.**

Em *Sonho de ser sonho*, sonho de um lugar onde os sonhos possam se realizar e que o sonho continue sendo sonhado, assim como o vento que não deixa de soprar... *Quando eu já não estiver, o vento estará, continuará estando*³⁷⁹. **E para que o sonho siga sendo sonhado, escolho a cor roxa.**

³⁷⁶ GALEANO, Eduardo. **O caçador de histórias**. Porto Alegre: L&PM, 2017. (p. 17).

³⁷⁷ Ibidem (p. 16).

³⁷⁸ GALEANO, Eduardo. **Bocas do tempo**. Porto Alegre: L&PM, 2018. (07).

³⁷⁹ GALEANO, Eduardo. **O livro dos abraços**. Porto Alegre: L&PM, 2013. (p. 269).

Alma ao ar

Segundo dizem algumas antigas tradições, a árvore da vida cresce pelo avesso. O tronco e os galhos para baixo, as raízes para cima. A copa afunda na terra, as raízes olham o céu. Não oferece os seus frutos, mas a sua origem. Não esconde o mais entranhável, o mais vulnerável, debaixo da terra, mas o mostra à intempérie: entrega suas raízes, em carne viva, aos ventos do mundo.

- São coisas da vida – diz a árvore da vida.³⁸⁰

³⁸⁰ GALEANO, Eduardo. **Bocas do tempo**. Porto Alegre: L&PM, 2018. (p. 104).



ANDUJAR, Claudia. Série A casa, 1974-1976.

RAÍZES

As montanhas e as árvores têm o destino na raiz³⁸². Assim como a árvore da vida mostra suas raízes, os sonhos também se mostram, e mesmo diante da exposição de suas fragilidades, eles, os sonhos, brotam com toda a força que possuem... Acho que todos nós sonhamos com a felicidade e para minha felicidade eu gostaria de me formar e ter uma boa saúde e trabalho.

Meu sonho é ser bióloga.

Me formar em psicologia.

Me formar em engenharia civil.

Ser professor.

Ser pesquisadora na área da física.

Meu sonho é trabalhar com a criação de jogos, desde o enredo a dublagem dos personagens, mas principalmente no design de personagens.

Meu maior sonho é ser delegada.

Direito de ter uma vida confortável, podendo estudar sem ter que trabalhar e assim que formado ter um emprego digno.

Meu sonho é me formar e trabalhar no que eu gosto.

Cursar psicologia para entender a mente humana. E também entender o que eu sinto.

Alguns sonhos se repetem, e a repetição é propositalmente evidenciada nessa trama, é um Nó amarrado, como forma de dizer, meu sonho é... Meu sonho é me formar médica. Meu sonho é passar pra faculdade de medicina e ajudar as pessoas e dar uma condição de vida melhor pra minha mãe.

³⁸² GALEANO, Eduardo. **As palavras andantes**. Porto Alegre: L&PM, 2017a. (p. 117).

Os sonhos de formação mostram diversas possibilidades para uma juventude que segue em busca de uma profissão, e entre eles os sonhos de pesquisa, de ensinar...

Meu sonho é fazer doutorado e ter uma vida tranquila.

Tenho o sonho de, no futuro, concluir um doutorado. Ainda não sei em que, mas quero ser doutor.

Ser um professor e pesquisador na área de química. Ser um divulgador científico capaz de facilitar o entendimento de conceitos e teorias científicas.

Quero ser professora.

As universidades que se pretendem estudar são apontadas...

Passar no direito – UFPel. Fazer faculdade sendo concursado. Mestrado na USP. No futuro ser analista da Receita Federal.

Meu sonho é no momento passar na UFSC em arquitetura, mas principalmente ser feliz!

São tantos sonhos, que vão desde as realizações pessoais até o desejo de ajudar os outros... Meu sonho é ter uma boa profissão futuramente, e assim, ter sucesso e ajudar quem precisa. Quero retribuir tudo o que as pessoas (família, amigos) já fizeram por mim.

Meus sonhos podem parecer estranhos às vezes, mas através deles eu gostaria de ajudar outras pessoas. Muitas vezes eu falo “quero ser rico”, mas ninguém pergunta o porquê, eu gostaria de criar ONGs, fazer projetos para ajudar pessoas. Claro, gostaria de ter uma vida mais fácil, assim conseguiria ajudar melhor outras pessoas.

Nenhum sonho deveria ser impossível, e trabalhar com algo que nos deixa feliz deveria ser regra... Meu sonho não é nada de impossível, é basicamente arrumar um emprego que me possibilite aposentar meus familiares, com a finalidade de que eles larguem seus respectivos empregos.

E os sonhos não param de brotar...

Ser reconhecido pelo meu trabalho.

Meu sonho é ter uma vida próspera.

Passar nos concursos, principalmente Corsan e Sanep.

Gostaria de ser atriz ou uma cientista na área petrolífera.

Meu sonho é trabalhar com algo que me deixe feliz toda manhã.

Me formar em Sociologia, Psicologia, Moda.

Aprender três idiomas além do português.

Ter um apartamento. Formar uma família.

Trabalhar no Médicos Sem Fronteiras.

Alguns sonhos se voltam para o mundo e os sonhos clichês de juventude também se fazem presentes... Meu sonho é que minha existência possa causar bom impacto na vida de outras pessoas ou no mundo em geral. Eu quero que minhas escolhas pessoais e profissionais façam bem a mim e ao mesmo tempo aos outros. Quero muito poder orgulhar quem eu amo, que eu possa ser o que eu quiser profissionalmente, sem julgamentos. Que eu possa conquistar todas as coisas clichês que um jovem adulto quer.

E quem nunca sonhou em poder ajudar financeiramente a família?

Meu sonho desde pequeno sempre foi ter bastante dinheiro para poder comprar tudo para minha mãe.

Meu sonho é conseguir dar uma casa decente pra minha mãe.

Dar uma boa condição e uma boa casa para meus pais viverem.

Um dia vou dar aos meus pais uma ótima vida.

Mas nem sempre as relações familiares são fáceis... gostaria de ter uma relação saudável com a minha mãe.

Meu sonho é que meu pai respeite mais minha mãe, e que lembre mais da filha que tem.

Meu sonho é conseguir ajudar meus pais a pagarem todas as contas e melhorar de vida.

Um dos meus sonhos é que meus pais viessem morar comigo.

Meu sonho é ver minha mãe feliz novamente pois sem meu pai perto da gente ela está muito frágil e com medo. Meu sonho é ver meu irmão crescer e se tornar um homem bom e de sucesso. Meu sonho é ver minha família bem, unida e feliz novamente.

Outros sonhos, são cura...

Que descobrissem a cura do câncer.

Meu maior sonho é conseguir achar um tratamento realmente eficaz para o Alzheimer, já que uma pessoa muito próxima a mim sofre disso.

Nos sonhos, os animais também possuem seu espaço...

Me formar em veterinária, ter uma ONG de animais. Ajudar o máximo de animais possíveis, desde os menores aos maiores.

Ter uma casa grande para pegar os cachorrinhos de rua.

Criar uma ONG para cuidar de animais em situação de abandono e maus tratos.

Meu sonho é quando ficar adulta, juntar dinheiro, comprar um sítio/fazenda e juntar todos os animais abandonados.

Alguns sonhos são como música...

Meu sonho é aprender a tocar bateria.

Aprender a tocar violino.

Conseguir tocar Clair de Lune no piano.

Meu sonho é ser guitarrista de uma banda mundialmente famosa.

Ter uma carreira como cantor.

Outros pedem: Sonhe-me! Sonhe-me!

Ser mais criativo.

Ser atriz de cinema.

Publicar um livro de poesias.

Viver da arte, animando, desenhando e escrevendo.

Ganhar dinheiro dançando, porque eu amo dançar.

Virar um cronista e contista.

Meu maior desejo é ser o próximo Bill Gates.

É influenciar de um jeito bom as pessoas e ser lembrada.

Tantos sonhos que se tramam e mostram um pouco da alma de quem os sonhas...

Meu sonho é que toda dor passe e eu seja feliz.

Meu sonho é deixar de sentir esse vazio.

Meu sonho é continuar sendo feliz!

Eu sonho em viver a vida com felicidade, aconteça o que acontecer.

Os livres

De dia, são guiados pelo sol. De noite, pelas estrelas.

Não pagam passagem e viajam sem passaporte e sem
preencher formulários na alfândega e na imigração.

Os pássaros, os únicos livres neste mundo habitado por
prisioneiros, voam sem combustível, de polo a polo, pelo rumo que
escolhem e na hora que querem, sem pedir licença aos governos que
se acham donos do céu³⁸³.

³⁸³ GALEANO, Eduardo. **O caçador de histórias**. Porto Alegre: L&PM, 2017b. (p. 15).



ANDUJAR, Cláudia. Série Seres da floresta, 1974.

VENTO

*Para os navegantes com desejo de vento, a memória é um porto de partida*³⁸⁵. Alguns sonhos são como pássaros, anseiam pelo voo. Meu sonho é viajar ao redor do mundo. E assim, os sonhos de vento começam a soprar...

Meu sonho é conhecer o mundo.

E se repete...

Conhecer o mundo.

Viajar pelo mundo.

Sair do país.

Viajar o mundo.

E se repete de novo...

Quero conseguir mudar de país, não sei para onde ainda.

Sonho em viajar pelo mundo e aprender novas línguas.

Meu sonho é viajar pelo mundo e conhecer novas culturas e costumes.

Meu sonho é viajar para o máximo de países que eu conseguir.

³⁸⁵ GALEANO, Eduardo. **As palavras andantes**. Porto Alegre: L&PM, 2017a. (p. 96).

E tantas repetições de um mesmo sonho mostram a força que ele carrega, como se fosse um vendaval. Será que sair do país e viajar o mundo seria um sonho latente da juventude, ou um sonho que atravessa as gerações?

E no sonho de ser vento, alguns países e cidades se mostram como destino...

Morar na Alemanha.

Viajar para a Alemanha.

Viajar para França.

Conhecer Paris.

Morar no Canadá.

Morar no Alaska e ter um cachorro.

Um dos meus maiores sonhos é ir morar no Canadá e poder levar as pessoas que eu amo junto.

Viajar ao redor do mundo, conhecer diversas culturas e aprender diversos idiomas. Morar no Canadá com um emprego estável, com casa própria e uma família feliz. Ter vários animais de estimação, incluindo um panda vermelho e um guaxinim.

Sonho viajar pelo mundo, especialmente no Canadá e no Japão.

Morar em Nova York.

Conhecer Cuba.

O sonho mais longe que eu consigo chegar é morar em algum lugar muito frio e muito longe, tipo a Islândia.

Enquanto alguns jovens desejam cruzar o oceano, outros sonham em morar em Pelotas. E nessa enxurrada de tantos lugares possíveis de se conhecer, os sonhos de voo continuam...

Eu sonho em conhecer 50 países antes dos meus 50 anos.

Passar o verão na Flórida com minha mãe.

Tirar cidadania italiana. Fazer intercâmbio.

Sonho em conhecer o Chile. Há bastante tempo a beleza do país me encanta. Daqui alguns anos pretendo viajar para lá.

Conhecer a Europa. Visitar o parque do Harry Potter. Pular de paraquedas.

Sonho: Desde criança eu tenho o sonho de ir para uma faculdade fora de Pelotas, nem que fosse em uma cidade próxima, no Rio Grande do Sul, ou até fora, em outro estado ou país. Bom, esse é um sonho que tenho desde pequena. Não sei se vai acontecer, por diversos empecilhos, mas eu torço para que sim.

Viajar e conhecer o mundo... os sonhos continuam se repetindo. Poderia ter optado por mostrar apenas um desses tantos sonhos ou fazer um compilado resumindo, dizendo que os jovens possuem sonhos de viajar e conhecer o mundo. Podia ter contado quantas vezes esses sonhos apareceram, mas assim como na trama, os nós se repetem infinitas vezes até a tessitura estar completa. E como cada nó é único e possui seu ponto de conexão e tensionamento, assim também são os sonhos. Os sonhos se repetem de forma proposital, pois são únicos em seus detalhes...

Meu sonho é me formar em gastronomia, viajar pelo mundo para conhecer os maiores confeiteiros do mundo. Depois morar na França e montar minha própria confeitoria em Paris.

O meu sonho é morar no exterior, em um país onde as pessoas possam andar livremente sem medo da violência que nos rodeia. Minha família, apesar de não possuir

graduação, sempre batalharam para conseguir me oferecer estudos. Espero que nosso país mude para um lugar mais agradável, mas enquanto isso continuo com meu sonho.

Meu sonho sempre foi viajar pelo mundo e conhecer as grandes cidades que existem, além de poder passar pelos mais diferentes biomas e ecossistemas. Adoro ficar olhando o trânsito e as pessoas, então sonho em ter um apartamento bem no alto em alguma grande cidade como Nova York, só para poder ficar olhando em um final de tarde aquele monte de gente e carros. É um pouco bobo, mas isso me dá uma paz muito grande e espero conseguir algum dia.

Um dos meus sonhos é viajar pelo mundo como mochileira, descobrir novas culturas. Eu já comecei a fazer isso, viajei aqui mesmo na América do Sul, Uruguai, Argentina, Peru. O outro (de muitos) é fazer faculdade do que eu amo, educação física, e depois me tornar treinadora de atletismo. Uma coisa que eu queria é voltar a morar no meu estado, Rio de Janeiro, voltar a surfar, tomar água de coco, café pingado e ouvir o meu sotaque.

Um sonho invisível quase sempre presente, que sopra e sussurra: *Vamos entrar no vento*³⁸⁶.

Viajar por todo planeta. Morar fora do Brasil.

Meu sonho é conhecer diversos lugares do mundo, começando com uma faculdade em outra cidade e depois, morando no exterior. Provar diferentes comidas e viver diferentes culturas.

Morar em uma cidade grande e agitada.

Todo mundo deveria ter o direito de viajar, pelo menos uma vez na vida, para algum lugar que sempre tenha sonhado, para alguma praia ou cidade.

Sonho: assistir a final da *Champions League*.

Ir na Bienal dos livros.

³⁸⁶ GALEANO, Eduardo. **Bocas do tempo**. Porto Alegre: L&PM, 2018. (p. 43).

Ir em um show da Lady Gaga.

Quando eu era criança meu sonho era ter uma caixinha de música, aquelas que ao abrir uma bailarina dança. Infelizmente não consegui realizá-lo, mas hoje em dia tenho esperança de realizar o sonho de morar em Bento Gonçalves.

Ir em um deserto afastado durante a noite e olhar as estrelas.

E de tanto voar, os sonhos de vento se misturam com os sonhos de mar...

Tomar banho de mar todo final de semana.

Todos dever ter condições dadas pelo Estado de ir à praia se quiserem.

Viajar! Conhecer o mundo! Morar na praia! Ser feliz! Ver o mar todos os dias e amar!

Viajar para algum lugar do país ou fora (que tenha praia); Conhecer o estado de Minas Gerais.

Ser livre é também um sonho...

Quando eu era pequena tinha um sonho constante de que caia de uma montanha e ninguém podia me ouvir. Gritava por horas e ninguém me salvava. Anos depois, quando a ansiedade e suas crises chegaram, me senti no sonho de novo. Todo tempo de todos os dias era como se eu estivesse caindo sem ninguém para me salvar. Um tempo depois entendi: só eu mesma poderia me libertar.

Liberdade!

As tradições futuras

Existe um único lugar onde o ontem e o hoje se encontram e se reconhecem e se abraçam, e este lugar é o amanhã.

Soam como futuras certas vozes do passado americano muito antigo. As antigas vozes, digamos, que ainda nos dizem que somos filhos da terra, e que mãe a gente não vende nem aluga. Enquanto chovem pássaros mortos sobre a Cidade do México e os rios se transformam em cloacas, os mares em depósito de lixo e as selvas em deserto, essas vozes teimosamente vivas nos anunciam outro mundo que não seja este, envenenador da água, do solo, do ar e da alma.

Também nos anunciam outro mundo possível as vozes antigas que nos falam de comunidade. A comunidade, o modo comunitário de produção e de vida, é a mais remota tradição das Américas, a mais americana de todas: pertence aos primeiros tempos e às primeiras pessoas, mas pertence também aos tempos que vêm e pressentem um novo Mundo Novo. Porque nada existe menos estrangeiro que o socialismo nestas terras nossas. Estrangeiro é, na verdade, o capitalismo: como a varíola, como a gripe, veio de longe³⁸⁷.

³⁸⁷ GALEANO, Eduardo. **O livro dos abraços**. Porto Alegre: L&PM, 2013. (p. 133).



ANDUJAR, Claudia. Série Sonho Yanomami, 2022.

UM OUTRO MUNDO

*Que tal se delirarmos por um tempinho. Que tal fixarmos nossos olhos mais além da infâmia. Para imaginar outro mundo possível?*³⁸⁹ Que tal sonharmos com uma outra sociedade possível? Um outro tempo? Um outro mundo?

Meu sonho é o fim da desigualdade, fim dos extremismos e das guerras, por um mundo melhor.

E assim, os sonhos se tramam em denúncia de uma realidade desigual...

Meu sonho é que o Brasil seja no futuro um país sem corrupção, com mais igualdade e que não haja mais nenhum tipo de discriminação e preconceito.

Viver em uma sociedade sem desigualdade e sem preconceito.

Queria que o mundo se livrasse do preconceito contra o próximo e que houvesse mais compaixão em todos.

Meu sonho é de que as pessoas fossem mais empáticas e compreensivas, menos egoístas. Que o mundo fosse menos egoísta e não girasse em torno de lucro.

Meu sonho é um país melhor.

Meu sonho é que todas as pessoas tenham as mesmas oportunidades e que o trabalhador seja realmente valorizado (Os professores principalmente, já que eu pretendo ser um).

Meu grande sonho é que tenha mais amor e paz nesse mundo do que guerras. Que a educação continue mudando vidas. Ah, eu sonho em andar de avião.

³⁸⁹ GALEANO, Eduardo. O direito de sonhar. In: **Vermelho**. Online. Disponível em: <<https://vermelho.org.br/prosa-poesia-arte/o-direito-de-sonhar/>>; Acesso em: 25 jan. 2023.

Quando dar de comer aos carros é mais importante do que dar de comer às pessoas³⁹⁰, sonha-se que todo ser humano tenha direito a três refeições por dia. Meu sonho é um mundo onde não exista dor, sofrimento, fome, guerras e que o ser humano trate todos os seres (todos mesmo) como se fosse seu semelhante, uma sociedade sem violência e discriminação.

Mas os sonhos também se mostram como na busca de igualdade...

Um mundo mais igual e com oportunidades.

Que todos tenham direito de adquirir livros através do Estado, livros que sejam de escolha do povo.

Que toda a escola tenha uma biblioteca descente que nem a minha.

Que todas pessoas tenham direito a ir em um hospital, posto de saúde, e tenham um atendimento gratuito e de qualidade.

Gostaria de um dia viver em um mundo sem violência e com saúde e educação para todos.

Sonho de um lugar onde nem mesmo os animais passem necessidade... Que todos parem de passar necessidade. Meu desejo pessoal é de alguma forma conseguir ajudar essas pessoas que passam necessidade, inclusive os cachorros que não tem lar.

E pelos sonhos de transformação, olhamos para uma juventude que sonha por um outro mundo possível...

Meu sonho é que o Estado acabe, que as pessoas não tenham que pagar para que homens de terno e gravata, que se sentem mais importante que os trabalhadores honestos, comer lagosta e

³⁹⁰ GALEANO, Eduardo. **As veias abertas da América Latina**. Porto Alegre: L&PM, 2012. (p. 06).

vinho importado, e que as pessoas não tenham que usar serviços horríveis e ineficientes e obedecer as leis sem sentido.

Fim do capitalismo.

Eu sonho com um mundo mais igualitário e não padronizado, um mundo onde eu não precise me preocupar se as outras pessoas vão gostar, ou não, de mim, pelo meu pensamento ideológico. Além disso, sonho com hábitos sustentáveis e que as pessoas tenham noção que evoluir individualmente nem sempre é bom. Precisamos evoluir em sociedade, com todos, e ter relações construtivas tanto com nós mesmos quanto com o planeta e todos os seres vivos que habitam aqui.

Meu sonho seria viver em um mundo que não é motivado por aparência, onde seria possível ser feliz sem se preocupar se eu estaria apresentável o suficiente para os outros gostarem de mim, onde a minha personalidade fosse o mais importante, um mundo onde eu poderia ser eu mesma.

Meu sonho é viver em um mundo onde os ecossistemas são colocados em primeiro lugar.

Um mundo onde as pessoas não se importem só consigo mesmas.

Meu sonho é andar na rua sem me preocupar com nada, que não haja preconceito, desigualdade, etc.

Conseguir sair na rua sem ser assediada, sem sentir medo.

Me sentir segura na rua.

Todos dever ter o direito de se vestirem como querem sem sofrer discriminação em função de seu gênero, sexualidade, etnia, religião, classe social ou opinião política.

Poder usar a escrita para transformar o mundo onde eu vivo em um local onde todos sentam-se acolhidos.

Meu sonho é de uma sociedade onde o padrão é se amar e se aceitar, que as pessoas entendam que amar não se limita a homens e mulheres, onde as pessoas sejam seus próprios amores e amem os outros como a si mesmos, independentemente da religião, sexo, cor. Não somos

canetinhas para sermos classificados por cor, muito menos somos escadas para nos acharmos superiores aos outros.

Sonho com o dia em que todos tenham as mesmas oportunidades. Liberdade de expressão, corporal e política. Que gênero seja uma opção e não uma consequência. Que a revolução seja feminista, diversificada e plural.

Eu ontem tive um sonho de aeroporto. Sonhei que nós dois estávamos numa fila longa, muito longa. E cada passageiro levava um travesseiro debaixo do braço. E os travesseiros passavam pela máquina que lia os sonhos da noite anterior, ou seja, cada travesseiro continha os sonhos, e a máquina era uma investigadora de sonhos perigosos.³⁹¹

³⁹¹ GALEANO, Eduardo. **O caçador de histórias.** Porto Alegre: L&PM, 2017b. (p. 224).



ANDUJAR, Claudia. Série Seres da floresta, 1974.

SONHO DE SER SONHO

- *Peça o que quiser – Deus oferecia*³⁹³. E assim, pediram pelo sonho de ser sonho...

Meu sonho é que todos possam, um dia, realizarem seus próprios sonhos.

Bom, eu tenho vários sonhos, acho que todo mundo tem.

Meu sonho é o futuro melhorar, com isso acontecendo, nossos sonhos mais loucos iriam se concretizar.

Sonho em alcançar tudo que eu ouse sonhar!

Meu sonho para as pessoas é conseguir que todos realizem seus sonhos.

Meu sonho é de uma sociedade onde possamos realizar nossos sonhos.

Mas há também quem pensa que não possui sonhos...

Às vezes acho que não tenho sonhos.

Meu sonho é ter sonhos, porque não sinto que os meus “sonhos” não são meus.

E quem queira voltar no tempo...

Viajar no tempo em que meu pai ainda era vivo.

Meu sonho: que meu irmão não tivesse morrido.

³⁹³ GALEANO, Eduardo. **Os filhos dos dias**. Porto Alegre: L&PM. Livro eletrônico: Kindle.

E quem sonha pelos pais...

Meu sonho é ter meus pais para sempre, não imagino minha vida sem eles, ter meus pais para me aconselhar e me tornar uma pessoa melhor.

Meu sonho é que minha mãe e meu pai consigam realizar todos seus sonhos.

Há os sonhos um tanto engraçados...

Superar Pablo Escobar e ter o maior cartel.

Meu sonho é ganhar dinheiro para viajar ao polo Norte e conhecer o Papai Noel.

Outros, um tanto curiosos...

Conhecer Deus.

Meu sonho é evoluir minha alma para não precisar reencarnar mais nessa terra.

E por fim, o sonho de aprender a fazer filtro dos sonhos... talvez para que ninguém os tire a esperança...

O sonho é fazer um filtro dos sonhos muito lindo!

Escolhi um filtro dos sonhos pequeno, mas sou uma pessoa cheia de sonhos.



ANDUJAR, Claudia. Série Sonho Yanomami, 2022.

POR UMA PEDAGOGIA DA TRAMA

Ao ir tramando os sonhos que se apresentam como os últimos nós pela escrita de pesquisa, Adélia Prado me auxilia, talvez para também dizer que janela, janela é *uma palavra linda. Janela é o bater das asas da borboleta amarela, claraboia na minha alma, olho no meu coração*³⁹⁵.

Uma Pedagogia da Trama só acontece se e quando as janelas continuam abertas. Deixo as janelas abertas assim, para que os sonhos continuem passando, circulando pelo ar e contando suas histórias, perspectivas, desejos e esperanças.

Escrevi com o intuito de explorar o espaço mágico dos sonhos, da esperança e do reencantamento do mundo.

Queria contar uma história através dos sonhos, mas quando encarei aquilo que os sonhos queriam revelar, percebi que não havia o que ser dito, apenas mostrado. Deixei que os sonhos se apresentassem e aos poucos fui ousando propor algumas tramas, sem uma análise ou interferência maior minha. Selecionei e organizei seguindo as rotas da intuição. Numa pesquisa, é inevitável que o olhar do pesquisador interfira e aja sobre seu objeto, e mesmo seguindo o acaso, escolhas são feitas. E como alguém que durante esse processo de pesquisa filtrou centenas de sonhos, os expus, para que pudéssemos olhar e adentrar um pouco pelo mundo sonhos de uma juventude.

Pela ideia de uma escrita pelos sonhos, tudo aquilo que me atravessou encontrou seu lugar na composição dessa escrita de pesquisa, para que ao final, uma trama fosse construída. Os sonhos foram nós amarrados nessa trama, e além dos sonhos de formação, de voo, de um outro mundo possível e de ser sonho, também me deparei com pesadelos. Sonhos de dor e de perda. Sonhos tão frágeis e inseguros que poderiam se desfazer a qualquer momento. Mas seria

³⁹⁵ PRADO, Adélia. Poesia Reunida. Record, 2016. (s/p).

possível *dessonhar os sonhos*³⁹⁶? Não sei, mas penso que os esquecer, ou os deixar guardados na lata de lixo da memória ou armazenados em caixas, que quase nunca são abertas, é fácil. Por isso me debrucei nesta escrita, na tentativa de deixar vir ao mundo sonhos de uma juventude, sonhos confiados a mim, como professora. Quais são os momentos no nosso dia que olhamos para os sonhos? Quem se atreve a chegar em sala de aula e perguntar: qual teu sonho? E quem se atreve a responder se não aqueles que sonham profundamente e acreditam e se movem atrás daquilo que deseja?

Se fossemos tomar decisões políticas e sociais, como seria se escutássemos os sonhos? Como seria se pudéssemos sentar em roda e contar nossas histórias, e aprender com as histórias que ouvimos? Porque não ouvimos mais as crianças e os jovens? Eles têm muito a nos dizer...

Os sonhos, dessa juventude se mostram como um contraponto a forma que temos vivenciado o mundo, pois, pelos seus sonhos, que se expressam como a força de um vendaval, nota-se o desejo por um outro mundo, uma sociedade diferente do qual estamos inseridos. Nesse sentido, a juventude se colocou como um lugar de reflexão, do qual podemos olhar para a sociedade e os processos sociais dos quais estamos inseridos. Aquilo que essa juventude almeja, se mostra como um lugar a ser moldado, nesse sentido, uma força revolucionária se faz presente através desses sonhos. São sonhos que anseiam pela transformação, pelo movimento, pelo desejo de conhecer o mundo. Esses sonhos também se revelaram como um lugar de esperança. Sonhos de uma vida melhor. Sonhos de vento e de mar. Sonhos de criar raízes e dar frutos. Sonhos de sonhar. Esses sonhos são documentos, ou melhor, histórias, que se apresentam de forma única, e me permitiu olhar e situar o tempo em que estamos imersos.

Nesse sentido, as práticas que venho utilizando em sala de aula, o filtro dos sonhos e a dinâmica da trama, se apresentam como um espaço de reflexão que visa uma educação sensível e que possibilita o diálogo com diferentes formas de conhecimentos. É por meio da experimentação, do fazer artístico e educativo que o filtro dos sonhos e a trama se colocam como um lugar de troca, aproximando o fazer educativo à vida e das nossas próprias histórias e narrativas. O processo de aliar a pesquisa e a intervenção artística faz parte dos pressupostos defendidos pelo meu grupo de pesquisa, GIPNALS, bem como, a busca da construção de um fazer científico que se afirme de Outra maneira, aliando a criação, a ética, a estética e um fazer educativo que se firme pelos caminhos da diversidade, buscando também valorizar os saberes

³⁹⁶ GALEANO, Eduardo. **O livro dos abraços**. Porto Alegre: L&PM, 2013. (p. 123).

locais, não hegemônicos e marginalizados e o fazer educativo sensível. Assim, essa Trama que segue pelos sonhos, defende uma de Educação que se coloca na direção de olhar para os processos sociais e educativos através dos sonhos.

O método da etnografia surrealista neste trabalho permitiu uma liberdade de criação, autonomia e uma escrita de pesquisa que se lançou na busca de uma aventura onírica. O surrealismo, se colocou como forma de buscar momentos fora da racionalidade engessada e endurecida. Assim como a trama busca se colocar como uma outra possibilidade de construção do conhecimento, em contraposição ao saber hegemônico e totalitário, na busca de transformação e movimento, explorando as questões sensíveis da vida, o surrealismo também se coloca como forma de rompimento e de revolta a lógica racional e capitalista. Nesse sentido, o surrealismo busca pelo reencanto daquilo que fomos perdendo, e aqui, os sonhos se colocam como um desses momentos *encantados* que foram apagados e deixado de lado diante a mercantilização das relações que vivemos hoje.

A reflexividade como caminho de pesquisa, me permitiu transitar pelo escrita textual e incorporar meu processo criativo na composição do texto. Esse exercício foi fundamental como forma de criação e expressão, onde as múltiplas faces de mim mesma muderam encontrarm seu lugar na pesquisa: a educadora, a professora, a pesquisadora, a artesã, a poeta, a antropóloga, a mãe... essas múltiplas vozes, que me acompanharam em toda essa trajetória, me permitiram um processo reflexivo sobre essa pesquisa, que se constituiu através da troca e na busca de autoria na escrita de pesquisa.

A Trama, como viés educativo se coloca no resgate da experiência, dentro daquilo que Benjamin coloca como o empobrecimento da experiência, pois seria através da potência narrativa que se coloca como processo de troca, partilha e escuta que conexões podem ser criadas. Nesse sentido, os sonhos se colocaram como fio narrativo, que pode ser posto como um ato revolucionário para um encantamento, ou reencantamento do mundo.

Tomar a Trama como um lugar de construção de conhecimento é reconhecer que podemos produzir e construir novas formas de práticas educativas e de pesquisa dentro do campo da Educação e das Ciências Humanas. É desse modo que a Pedagogia da Trama se coloca como um lugar de renovadas aspirações educativas. Ao propor a Trama como pedagogia, podemos romper com a direção única de se produzir conhecimentos e saberes. O ensaio de uma escrita que se faz pelos sonhos e pelos atravessamentos da memória e dos *restos*, foram essenciais para essa construção, é nessa articulação que os Nós se formam e se mostram como pontos fortalecedores na construção de conhecimento.

As reflexões desta pesquisa seguirão sendo tramadas e aprofundadas em meu processo como educadora e pesquisadora. Por ora, essa perspectiva pedagógica que se coloca como uma Trama aponta para a valorização das experiências e saberes, reconhece que as histórias e narrativas que carregamos são importantes na troca e na construção do conhecimento. Bem como, o processo reflexivo, dialógico e crítico que se faz possível nesses entrelaçamentos, são e serão sempre e propositadamente, inacabados e inconclusos. E a trama continua...

REFERÊNCIAS

ADORNO, Theodor apud TIEDEMANN, Rolf. Introdução à edição alemã (1982). In: BENJAMIN, Walter. **Passagens**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2018.

ADORNO, Theodor W.; HORKHEIMER, Max. **Dialética do Esclarecimento**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1985.

AMMSA.COM. Where did the Ojibwe dream catcher come from? Disponível em: <<https://www.ammsa.com/publications/alberta-sweetgrass/where-did-ojibwe-dream-catcher-come-0>>; Acesso em: 30 dez. 2022.

AMORIM, Marilia. **O pesquisador e seu outro**: Bakhtin nas Ciências Humanas. São Paulo: Musa Editora, 2004.

ANDUJAR, Claudia. **Série A casa**. Fotografia, 1974-1976.

ANDUJAR, Claudia. **Série Seres da floresta**. Fotografia, 1974.

ANDUJAR, Claudia. **Série Sonho Yanomami**. Fotografia, 2002.

ARROYO, Miguel G. **Outros Sujeitos, Outras Pedagogias**. Petrópolis: Vozes, 2012.

ARROYO, Miguel. Prefácio. In: BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **História do menino que lia o mundo**. São Paulo: Expressão Popular, 2014.

BACHELARD, Gaston. **O direito de sonhar**. São Paulo: DIFEL, 1985.

BALLIVIÁN, José M. Palazuelos (Org.). **Artesanato Kaingang e guarani: Territórios Indígenas – Região Sul**. São Leopoldo: Oikos, 2011.

BAUMAN, Zygmunt. **Retrotopia**. Rio de Janeiro: Zahar, 2017.

BENJAMIN, Walter. **Magia e técnica, arte e política**. Obras escolhidas V. 1. São Paulo: Brasiliense, 1994.

BENJAMIN, Walter. **Origem do drama trágico alemão**. 2ª Ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2013a.

BENJAMIN, Walter. **Passagens**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2018.

BENJMANIN, Walter. **Rua de mão única. Infância berlinense: 1900**. Belo Horizonte: Autêntica, 2013b.

BERNARDINO, Adriana. **O tear das Moiras**. São Paulo: FDT, 2007.

BLOCH, Ernst. **O princípio esperança**. Rio de Janeiro: EdUERJ: Contraponto, 2005. V.I.

BOLLE, Willi. “Um painel com milhares de lâmpadas”: Metrópole e magacidade. In: BENJAMIN, Walter. **Passagens**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2018.

BOLLE, Willi. **Fisionomia da Metrópole Moderna**: Representação da História em Walter Benjamin. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2000.

BRAGA, Leonardo Izoton. Walter Benjamin e a filosofia da escrita: apresentação, constelação e crítica. **Cadernos Benjaminianos**: Belo Horizonte, v. 14, n. 2, p. 11-19, 2018.

BRASIL ESCOLA. Entenda a crise sanitária que atinge os povos indígenas Yanomami. Online. Disponível em: <<https://brasilescola.uol.com.br/noticias/entenda-a-crise-sanitaria-que-atinge-os-povos-indigenas-yanomami/3128807.html>>; Acesso em: 24 jan. 2023.

BRASIL. Grávidas e puérperas brasileiras são as que mais morrem por coronavírus.

Ministério da Saúde. Online. Disponível em:

<<https://portaldeboaspraticas.iff.fiocruz.br/atencao-mulher/gestantes-puerperas-morrem-por-coronavirus-no-brasil/>>; Acesso em: 03 jan. 2023.

BRASIL. **Ministério da Saúde**. Secretaria de Atenção Primária à Saúde. Departamento de Ações Programáticas e Estratégicas. Manual de recomendações para a assistência à gestante e puérpera frente à pandemia de Covid-19 [recurso eletrônico]: Ministério da Saúde, Secretaria de Atenção Primária à Saúde, Departamento de Ações Programáticas e Estratégicas. – 2. ed. – Brasília: Ministério da Saúde, 2021. Disponível em:

<https://bvsms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/manual_assistencia_gestante_puerpera_covid-19_2ed.pdf>; Acesso em 26 jan. 2023.

BRASIL. **Painel corona vírus**. Online. Disponível em: <<https://covid.saude.gov.br/>>; Acesso em 26 jan. 2023.

BRETAS, Aléxia. **A constelação do sonho em Walter Benjamin**. São Paulo: Humanitas, 2008.

BRETON, André. **Manifesto Surrealista**. Livro eletrônico: Kindle.

BUSSOLETTI, Denise Marcos. À deriva: infância, escrita e pesquisa. **Polêm!ca Revista Eletrônica**, Rio de Janeiro, v. 10, n. 2, p. 278-287, 2011.

BUSSOLETTI, Denise Marcos. **Infâncias Monotônicas - Uma rapsódia da Esperança**: Estudo psicossocial cultural crítico sobre as representações do outro na escrita de pesquisa. Porto Alegre, 2007. Tese (Doutorado em Psicologia) - Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, 2007.

BUSSOLETTI, Denise Marcos. O “nó cristalográfico” da imaginação criadora: escrita de pesquisa, surrealismo e representações sociais. **Revista Ibero-americana de Educação**, V. 57, n. 1, p. 01-09, 2011.

CANAL, Carlos Yáñez. El pluralismo de las ciencias sociales: Hacia la construcción de una trama de tramas. In: BUSSOLETTI, D. M.; CANAL, C. Y.; GUEVARA, A. E.; LANDÍN, D. M. (orgs). **Pluralismo nas Ciências Sociais**: da multiplicidade à diferença. Pelotas: Editora Universitária/UFPel, 2011.

CARTA CAPITAL. Carteira de vacinação de Bolsonaro está sob sigilo por 100 anos. Online. Disponível em: <<https://www.cartacapital.com.br/cartaexpressa/carteira-de-vacinacao-de-bolsonaro-esta-sob-sigilo-por-100-anos/>>; Acesso em 26 jan. 2023.

CARTA CAPITAL. Em meio a crise yanomami, governo dispensa 43 integrantes da Funai. Online. Disponível em: <<https://www.cartacapital.com.br/politica/em-meio-a-crise-yanomami-governo-dispensa-43-integrantes-da-funai/>>; Acesso em: 24 jan. 2023.

CASTILHO, Daniela Ribeiro; LEMOS, Esther Luíza de Souza. Necropolítica e governo Jair Bolsonaro: repercussões na seguridade social brasileira. **Katál.**, Florianópolis, v.24, n. 2, p. 269-279, 2021.

CLIFFORD, James. **A experiência etnográfica: antropologia e literatura no século XX**. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2008.

COSTA, Cléber José Silveira da. **Seu Paulo - a escrita no barro: um Outro Sujeito, um Sujeito Outro, uma Pedagogia Outra, uma Outra Pedagogia**. 2014. 164f. Dissertação (Mestrado em Educação) - Programa de Pós-Graduação em Educação, Faculdade de Educação, Universidade Federal de Pelotas, Pelotas, 2014.

DUARTE, Krischna Silveira. **Educação desordeira**: poéticas das infâncias em vídeoarte. 2017. 141f. Tese (Doutorado em Educação) - Programa de Pós Graduação em Educação, Faculdade de Educação, Universidade Federal de Pelotas, Pelotas, 2017.

DUVIVIER, Gregório. Prólogo. In: GALLEGOS, Esther Solano (Org.). **O ódio como política: a reinvenção das direitas no Brasil**. São Paulo: Boitempo, 2018.

ESTRELA, Fernanda Matheus; SILVA, Keile Kemyly Assis da; CRUZ, Moniky Araújo da; GOMES, Nadirlene Pereira. Gestantes no contexto da pandemia da Covid-19: reflexões e desafios. **Physis: Revista de Saúde Coletiva**, Rio de Janeiro, v. 30 (2), 2020.

FAGÚNDEZ, Ariel Salvador Roja. **Cartas de Libertad em uma primavera rota**. 2019. 109 f. Tese (Doutorado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Faculdade de Educação, Universidade Federal de Pelotas, 2019.

FONSECA, André Eduardo Ribeiro da. **Pedagogia batuqueira: comida religião e educação**. 2019. 87 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Faculdade de Educação, Universidade Federal de Pelotas, 2019.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da esperança: um reencontro com a Pedagogia do oprimido**. Notas de Ana Maria Araújo Freire. São Paulo: Paz e Terra, 1992.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia dos sonhos possíveis**. Ana Maria Araújo Freire (organizadora). 2^a ed. São Paulo: Paz e Terra, 2018.

FREITAS, Ana Lúcia Souza de. Prefácio – Pedagogia dos sonhos possíveis: a arte de tornar possível o impossível. In: FREIRE, Paulo. **Pedagogia dos sonhos possíveis**. Ana Maria Araújo Freire (organizadora). São Paulo: Editora UNESP, 2001.

FREUD, Sigmund. **A interpretação dos sonhos** – Volume 1. Porto Alegre: L&PM, 2016.

G1. 'O cerco vai se fechando', lamentou Bruno Pereira ao saber que seria exonerado da Funai. Online. Disponível em: <<https://g1.globo.com/profissao-reporter/noticia/2022/06/22/o-cerco-vai-se-fechando-lamentou-bruno-pereira-ao-saber-que-seria-exonerado-da-funai.ghtml>>; Acesso em: 24 jan. 2023.

G1. CPI da Covid: Governo Bolsonaro recusou 11 vezes ofertas para compras de vacina. Online. Disponível em: <<https://g1.globo.com/politica/blog/octavio-guedes/post/2021/04/27/cpi-da-covid-governo-bolsonaro-recusou-11-vezes-ofertas-para-compras-de-vacina.ghtml>>; Acesso em 26 jan. 2023.

GAGNEBIN, Jeanne Marie. Apagar os rastros, recolher os restos. In: SEDLMAYER, Sabrina; GINZBURG, Jaime (Orgs.). **Walter Benjamin: rastro, aura e história**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2012.

GAGNEBIN, Jeanne Marie. Da escrita filosófica em Walter Benjamin. In: SELIGMANN-SILVA, Marcio (Org.). **Leituras de Walter Benjamin**. 2. ed. São Paulo: FAPESP; Annablume, 2007.

GAGNEBIN, Jeanne Marie. Do conceito de Darstellung em Walter Benjamin ou verdade e beleza. In: **Kriterion**, Belo Horizonte, nº 112, p. 183-190, 2005.

GAGNEBIN, Jeanne Marie. **História e narração em Walter Benjamin**. São Paulo: Perspectiva, 2013.

GAGNEBIN, Jeanne Marie. **Lembrar escrever esquecer**. São Paulo: Editora 34, 2009.

GAGNEBIN, Jeanne Marie. **Limiar, aura e rememoração: Ensaios sobre Walter Benjamin**. São Paulo: Editora 34, 2014.

GALEANO, Eduardo. Algunos de "Los hijos de los días" de Eduardo Galeano. **YouTube**. Online. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=zgnjI3UD5s8>>; Acesso em: 05 ago. 2022.

GALEANO, Eduardo. **As palavras andantes**. Porto Alegre: L&PM, 2017.

GALEANO, Eduardo. **Bocas do tempo**. Porto Alegre: L&PM, 2018.

GALEANO, Eduardo. **O caçador de histórias**. Porto Alegre: L&PM, 2017.

GALEANO, Eduardo. O direito de sonhar. In: **Vermelho**. Online. Disponível em: <<https://vermelho.org.br/prosa-poesia-arte/o-direito-de-sonhar/>>; Acesso em: 25 jan. 2023.

GALEANO, Eduardo. **O livro dos abraços**. Porto Alegre: L&PM, 2013.

GALEANO, Eduardo. **Os filhos dos dias**. Porto Alegre: L&PM. Livro eletrônico: Kindle.

GINZBURG, Jaime. A interpretação do rastro em Walter Benjamin. In: SEDLMAYER, Sabrina; GINZBURG, Jaime (Orgs.). **Walter Benjamin: rastro, aura e história**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2012.

HAETER, Leandro; BARBOSA JÚNIOR, Hélcio Fernandes; BUSSOLETTI, Denise Marcos. As teias de Anansi e a tessitura de histórias na manutenção de identidades negras: um olhar afrocêntrico de Conhecimento. **Identidade!** v.18 n. 3, p. 372-381, 2013.

HENRIQUE, Fernanda. **Por uma onirologia Kaingang: um breve levantamento etnográfico sobre o sonhar.** 97 f. Dissertação (Mestrado em Antropologia) – Curso de Pós-Graduação em Antropologia, Setor de Ciências Humanas, Letras e Artes, Universidade Federal do Paraná. Curitiba, 2017.

HOOKS, Bell. **Ensinando a transgredir: a educação como prática de liberdade.** São Paulo: Editora Martins Fontes. 2017.

KARIM, Nudrat. Dreamcatchers are not your “aesthetic”. In: The Indigenous Foundation. Disponível em: <<https://www.theindigenousfoundation.org/articles/dreamcatchers>>; Acesso em: 30 dez. 2022.

KOCH, Inglore Starke. Apresentação. In: BALLIVIÁN, José M. Palazuelos (Org.). Artesanato Kaingang e guarani: Territórios Indígenas – Região Sul. São Leopoldo: Oikos, 2011.

KOHLS, Tatiani Müller. Caderno de campo. 2018-2013.

KOHLS, Tatiani Müller. **Tramando sonhos: infâncias e representações.** 2018, 133 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Programa de Pós Graduação em Educação, Universidade Federal de Pelotas, 2018.

KRENAK, Ailton. **Ideias para adiar o fim do mundo.** Companhia das Letras. Livro eletrônico: Kindle.

LESSA, Fábio de Souza. Expressões do feminino e a arte de tecer tramas na Atenas clássica. **Humanitas**, v.63, p. 143-156, 2011.

LIMULJA, Hanna Cibele Lins Rocha. **O desejo dos outros: uma etnografia dos sonhos yanomami (pya ú – toototopi).** 2019. 153p. Tese (Doutorado em Antropologia) – Programa de Pós Graduação em Antropologia Social, Universidade Federal de Santa Catarina. 2019.

LISPECTOR, Clarice. **A hora da estrela.** Rio de Janeiro: Rocco, 1998.

LISPECTOR, Clarice. **Um sopro de vida.** Rio de Janeiro: Rocco, 1999.

LÖWY, Michael. **A estrela da manhã: surrealismo e marxismo.** Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2002.

LÖWY, Michael. **A jaula de aço: Max Weber e o marxismo weberiano.** São Paulo: Boitempo, 2014.

LÖWY, Michael. **O capitalismo como religião.** São Paulo: Boitempo, 2013.

LÖWY, Michael. **Revolta e melancolia: o romantismo na contracorrente da modernidade.** São Paulo: Boitempo, 2015b.

MACHADO, Ana Maria. O Tao da teia – sobre textos e têxteis. **Estudos Avançados**, 17 (49), 2003.

MACHADO, Carlos Eduardo Jordão. Sonhos diurnos e geografia – sobre O princípio esperança de Ernst Bloch. **Trans/Form/Ação**, São Paulo, 31(1): 205-213, 2008.

- MARTINS, Felipe S. **A PEDAGOGIA DO FUXICO: saberes e vivências de um Griô Aprendiz ao ritmo de Sirley Amaro.** 2022. 153f. Tese (Doutorado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação. Faculdade de Educação. Universidade Federal de Pelotas. Pelotas. 2022.
- MARTINS, Felipe S. **É pela arte toda, pela história de vida: As representações da música nas Vivências Griô, da Mestra Sirley Amaro.** 2018. 107 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Faculdade de Educação, Universidade Federal de Pelotas, 2018.
- MAZZILLI, Caio; ARAÚJO, Carolina. Sentimentário. **YouTube.** Produção de Caio Mazzilli e Carolina Araújo, 2014. Universidade Federal de Pelotas. Online. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=aibvzuELn18>>; Acesso em: 16 de mai. 2019.
- MOREIRA, Thalita Ferreira. **OQUIMBALAUE: Negra sim! Negra sou! Escrita, teatro, resistência e educação.** 2020. 93 f. Dissertação (Mestrado em Educação) - Programa de Pós-Graduação em Educação, Faculdade de Educação, Universidade Federal de Pelotas. Pelotas, 2020.
- NARANJO, Javier. **Casa das estrelas: o universo contado pelas crianças.** Rio de Janeiro: Foz Editora, 2013.
- NARANJO, Javier. **Los niños piensan la paz.** Bogotá: Banco de la República, 2015.
- NOGUEIRA, Thyago. Claudia Andujar. Das Artes. Online. 2023. Disponível em: <<https://dasartes.com.br/materias/claudia-andujar/>>; Acesso em 02 mar. de 2023.
- OPAS. Excesso de mortalidade associado à pandemia de COVID-19 foi de 14,9 milhões em 2020 e 2021. Organização Pan-Americana de Saúde. Online. Disponível em: <<https://www.paho.org/pt/noticias/5-5-2022-excesso-mortalidade-associado-pandemia-covid-19-foi-149-milhoes-em-2020-e-2021>>; Acesso em 26 jan. 2023.
- OTTE, Georg. Rememoração e citação em Walter Benjamin. **Revista de Estudos em Literatura.** Belo Horizonte, v. 4, p. 211-223, 1996.
- PEREIRA, João Batista. Alegorias benjaminiana: breves notas. **Revista Investigações.** Vol. 26, nº 1, p. 01-32, 2013.
- PEREIRA, Marcelo de Andrade. Juventude, experiência e conhecimento em Walter Benjamin: para um novo saber da educação. **Currículo sem Fronteiras,** v.9, n.2, pp.242-257, Jul/Dez 2009.
- PORTUGAL, Ana Maria. O tesouro das Lembranças: vestígios. In: **A interpretação do rastro em Walter Benjamin.** In: SEDLMAYER, Sabrina; GINZBURG, Jaime (Orgs.). Walter Benjamin: rastro, aura e história. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2012.
- RIBEIRO JÚNIOR, Roberto Romero. Numa terra estranha: sonho, diferença e alteração entre os Tikmū'ún (Maxakali). **Rev. antropol.** (São Paulo, Online) | v. 65 n. 3: e195930 | USP, p. 01-22, 2022.

- RIBEIRO, Angelita Soares. **Imagens embriagadas – A cruzada das crianças – Barbárie e reencantamento do mundo.** 2018. 143 f. Tese (Doutorado em Educação) – Programa de Pós Graduação em Educação, Faculdade de Educação, Universidade Federal de Pelotas, 2018.
- RIBEIRO, Sidarta. **O oráculo da noite.** São Paulo: Companhia das Letras, 2019.
- RODRIGUES. Ubiratane de Morais. Os sonhos acordados e a obra de arte: Freud no percurso de Ernst Bloch. **Kriterion**, Belo Horizonte, nº 150, p. 825-844, 2021.
- ROSA, Rogério Réus Gonçalves da. **Os kujá são diferentes:** um estudo etnológico do complexo xamânico dos kaingang da Terra Indígena Votouro. 416 f. Tese (Doutorado em Antropologia) – Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2005.
- ROUANET, Sérgio Paulo. Apresentação. In: Benjamin, Walter. **Origem do Drama Barroco Alemão.** São Paulo: Brasiliense, 1984.
- ROUANET, Sérgio Paulo. **Édipo e o Anjo: itinerários freudianos em Walter Benjamin.** 3^aed. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 2008.
- SANTANA, Amanda. Tecelagem Huni Kuin: os Kenes e sabedoria que vem dos Japiins. In: **TUCUM:** plataforma de conteúdo pela re-existência dos povos indígenas do Brasil.. Online. Disponível em: <<https://site.tucumbrasil.com/tecelagem-huni-kuin/>>; Acesso em: 02 jan. 2023.
- SILVA, Carlos Alberto Oliveira da. **Donde musica hubiere, cosa mala no existiere: uma collage do Concerto Vox Chorum do Coral UFPel.** 2019. 138 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Faculdade de Educação, Universidade Federal de Pelotas, 2019a.
- SILVA, Matheus da Silva e. **O trançado da resistência indígena Kanigang e o sonho do bem viver: um estudo sobre as formas de produzir e viver na aldeia Gyró.** 2020. 130 f. Dissertação (Mestrado em Política Social e Direitos Humanos) – Programa de Pós-graduação em Política Social e Direitos Humanos: Universidade Católica de Pelotas. 2020.
- SILVA, Priscilla Stuart da. **Estética da juventude em Walter Benjamin.** Florianópolis, 2019. Tese (Doutorado em Educação) - Programa de Pós Graduação em Educação, Universidade Federal de Santa Catarina, 2019b.
- TIEDEMANN, Rolf. Introdução à edição alemã (1982). In: BENJAMIN, Walter. **Passagens.** Belo Horizonte: Editora UFMG, 2018.
- TOLENTINO, Luana. As escolas estão fechadas há mais de um ano: a culpa não é dos professores. In: **Carta Capital.** Online. Disponível em: <<https://www.cartacapital.com.br/opiniao/as-escolas-estao-fechadas-ha-mais-de-um-ano-a-culpa-nao-e-dos-professores/>>; Acesso em: 03 jan. 2023.
- UFRGS. Kaká Werá Jecupé: “A sociedade não está conseguindo dormir, quanto mais sonhar”. In: **Jornal da Universidade.** Online. Disponível em: <<https://www.ufrgs.br/jornal/kaka-wera-jecupe-a-sociedade-nao-esta-conseguindo-dormir-quanto-mais-sonhar/>>; Acesso em: 02 jan. 2023.

UOL. Mais de 100 pedidos de ajuda: o que levou à crise que matou yanomamis. Online. Disponível em: <<https://noticias.uol.com.br/cotidiano/ultimas-noticias/2023/01/24/o-que-levou-a-crise-que-matou-yanomamis.htm>>; Acesso em: 24 jan. 2023.

USINA. **Sonhos Yanomami**. Claudia Andujar. Online. Disponível em: <<https://revistausina.com/2022/12/12/claudia-andujar/>>; Acesso em 02 mar. 2023.

VARGAS, Vagner de Souza. **Dramaturgia da Corporeidade: A pedagogia do evento teatral**. 2018. 231 f. Tese (Doutorado em Educação) - Programa de Pós-Graduação em Educação. Faculdade de Educação. Universidade Federal de Pelotas, 2018.

VARGAS, Vagner de Souza; BUSSOLETTI, Denise. Surrealismo Etnográfico: base epistemológica para a pesquisa em artes cênicas. **Revista Boitatá**, v. 20, p. 301-316, 2015.

VASCONCELLOS, Paulo Sérgio de. **Mitos Gregos**. São Paulo: Objetivo, 1998.

VELLOSO, Rita. Pensar por constelações. In: JACQUES, P. B.; PEREIRA, M. S. **Nebulosas do pensamento urbanístico - Tomo I**. Salvador: EDUFBA, p. 101- 121, 2018.

WERÁ, Kaká. **O poder do sonho: um livro sobre a arte de sonhar**. Tumiak edições. Livro eletrônico: Kindle.

WERNATIVE. Ojibwe Dreamcatcher Legend. Online. Disponível em: <<https://www.wernative.org/articles/ojibwe-dreamcatcher-legend>>; Acesso em: 30 dez. 2022.